

MUCIO TEIXEIRA  
BARÃO ERGONTE

---

TERRA

INCÓGNITA

POEMA



S. PAULO  
CASA DUPRAT - EDITORA  
1916

MUCIO TEIXEIRA  
COMO ENCONTE

TERRA  
INCÓGNITA

POEMA



*Mucio Teixeira*



*Alfred T. ...*

MUCIO TEIXEIRA  
BARÃO ERGONTE

---

TERRA  
INCÓGNITA

POEMA



S. PAULO  
CASA DUPRAT - EDITORA  
1916

Fez-te mercê, Barão, a Sapiencia  
Suprema, de co'os olhos corporaes  
Veres o que não pode a vã sciencia  
Dos errados e míseros mortaes!

(CAMÕES — *Lusiadas*).





# MUCIO TEIXEIRA

Julgado por escriptores nacionaes e estrangeiros

## I



MUCIO TEIXEIRA é uma das mais completas organizações literarias contemporaneas. Poeta e prosador, são-lhe familiares todos os gêneros e escolas elaborados da metade do século XIX até nossos dias : foi lyrico, romântico, realista, parnasiano, symbolista, satyrico e épico, (1) manejando a lyra com maestria sobranceira; e penetrou como prosador em todos os departamentos da arte, no conto, no folhetim, no artigo de polêmica ou doutrinação, no drama, na comedia, na biographia, na crítica, na chrônica, na historia, e até na philosophia theosóphica, de que é o chefe consagrado no Brasil.

“A sua vocação de poeta é como uma esplêndida cithara de vinte e tantas cordas, dando cada uma um som

(1) Cultivou tambem a poesia scientifica, que não chegou a formar escola.

vibrante, por vezes forte, ou doce ou terno, por vezes infernal e plangente, mas sempre de indizível attractivo, tanto para o ouvido como para o coração". (2)

Como romântico produziu extraordinariamente. LAUDELINO FREIRE observa que "os seus primeiros trabalhos são os de um puro romântico; e dahi a merecida nomeada que começou a cercar-lhe o nome ainda bem moço, tornando-o popular, sobretudo pelo Norte, em cujas paragens poucos serão os que não lhe sabem repetir de memoria muitas producções". (3)

"MUCIO TEIXEIRA já teve a consagração popular, e é hoje talvez o único representante daquella bohemia de cabelleira de outros tempos". (4) Das suas poesias românticas a que se tornou mais popular, tanto no Sul como no Norte, foi *Amar* (5), que durante muitos annos foi recitada nos salões, não havendo "moça civilisada" nem

(2) CARLOS FERREIRA — *Gazeta de Campinas*, 1882.

(3) LAUDELINO FREIRE — *Diario de Pernambuco*, 1903.

(4) FABIO LUZ — *Brasil Moderno*, 1906.

(5) Ha poetas que se tornaram célebres por uma só poesia, como aconteceu com FELIX ARVERS no sentido soneto em que elle se lamenta da mulher amada não ter adivinhado o segredo do seu coração resignado, embora essa composição não seja original e sim imitada do italiano. A poesia *Amar*, de MUCIO TEIXEIRA, nada tem que invejar ao *Mon ame a son secret, ma vie a son mystère*... além da indiscutível vantagem de ser original. Pois bem, MUCIO tem dezenas de composições assim, isto é, por qualquer uma dellas firmaria a sua popularidade, como disse o glorioso poeta hespanhol SALVADOR RUEDA, ao terminar a leitura da poesia *Amar*, escrevendo no exemplar do autor: — "Vale una reputación de poeta, ella sola. — RUEDA".

Indo SALVADOR RUEDA visitar MUCIO TEIXEIRA, que tinha sahido, resolveu esperal-o, no seu proprio gabinete de trabalho, onde se entreteve a palestrar com a familia e a ler-lhe os livros, que ia anotando a lapis. Logo de chegada, vendo um chapéu do confrade, collocou-o na cabeça e escreveu na primeira página do *Campo-Santo* (exemplar do autor), o seguinte: — "Me he probado su sombrero, en su ausencia, y he visto que tiene U. más cabeza que yo, más cerebro, más talento. — RUEDA".

Demorou mais de duas horas, lendo e palestrando; e como não voltasse o seu confrade, e elle tivesse que fazer outras visitas, antes de retirar-se ainda escreveu mais esta gentilisa, no mesmo volume, que se tornou para MUCIO um verdadeiro thesoiro: — "Le saludo y le dejo mi espíritu. — SALVADOR RUEDA".



rapaz de “bigodinho nascente” que não dissesse ao piano esses formosos versos.

Os seus melhores poemas românticos são o *Cérebro e Coração*, os *Caprichos de Mulher*, as *Leviandades de Clymene* e a *Bilitis*.

Do poeta realista diz SYLVIO ROMERO, referindo-se ao volume dos *Novos Ideaes*: — “Em seu bello livro, a primeira parte, sob o título *Flores do Pampa*, muito me agradou, porque é realista, mau grado á moda, quero dizer que exprime a verdade da vida pampeana pelo seu lado innocente e serio. O poeta não teve necessidade de encher aquella parte do seu livro de almas enfermas e de pernas e corpos nús... E elle fez bem”. (6)

SILVA FIGUEIRÓ acha que “a propensão realista de MUCIO TEIXEIRA, vê-se claramente em suas poesias, não pertence á escola de “alcouces e faces carminadas”; ella tende a uma escola nova, a que se pode dar o nome de naturalismo”. (7) A sua obra realista é quasi tão notavel quanto a romântica.

MUCIO TEIXEIRA foi um dos iniciadores da poesia realista no Brasil. Filiando-se a esta escola, em 1877, escreveu muitas poesias magníficas e grande parte das *Flores do Pampa*, tentativa de poesia nacional, de que tambem foi um dos fundadores, sendo incontestavelmente o mais notavel dos seus creadores, e o que melhor soube explorar o assumpto sob todos os pontos de vista.

AGENOR CARVOLIVA lembra que “MUCIO TEIXEIRA foi um inovador, um iniciador de varios gêneros de

(6) *Revista Brasileira*, 1.ª série, 1879.

(7) *O Economista Brasileiro*, 1880.

poesia em amplos terrenos, de cujas searas muita vez aconteceu que outros, com mãos impuras e incompetentes, se apossaram”; reconhecendo também que, com as *Flores do Pampa*, em 1875, (8) tentou a poesia nacional”. (9)

Na reacção do realismo contra o romantismo, MUCIO TEIXEIRA tomou parte saliente, escrevendo numerosas poesias de combate ao romantismo, sendo algumas dellas reunidas mais tarde ao livro dos *Novos Ideaes*, travando lutas pela imprensa de Porto Alegre e do Rio de Janeiro, das quaes sahiu sempre victorioso.

Do poeta parnasiano, observa ainda LAUDELINO FREIRE, que MUCIO TEIXEIRA “olhou o parnasianismo; e si ser parnasiano é apurar a belleza da fórma e o encanto

---

(8) Mucio voltou-se muito cedo ainda para a poesia *pampeana*. No livro das *Vozes trémulas*, publicado em 1873, encontra-se á pág. 179 o *Canto do Guasca*, que é talvez o seu primeiro passo nesse terreno, pois foi escripto quando o poeta ainda estava na infancia, o que levou JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS a dizer, no prefacio desse livro: — “O *Canto do Guasca* é a única das suas poesias que tem verdadeira *cor local*: a quadra e a décima a *desbancar* todas as regras da grammática; o dialecto *barbareSCO* do camponez riograndense, a sem cerimonia ou inconsciente despejo da dialogia, esse *tocar por diante* a primeira imagem, das que traz ao *rodeio*, completam o typo original que se propoz descrever”.

Em 1874 escreveu MUCIO TEIXEIRA novas poesias gaúchas: — *Na cancha*, — *O Chimarrão*, — *O Minuano*, — *O Gaúcho*, — *O boi-tatá* e outras no mesmo género, que não foram publicadas em livros, e o pema *A Vingadora*, que não terminou.

O Rio Grande do Sul já tem a sua literatura regional ha mais de quarenta annos. Enquanto MUCIO TEIXEIRA escrevia as *Flores do Pampa* e APOLLINARIO PORTO ALEGRE as *Bromelias* (poesias); só mais tarde apparecendo as *Provincianas* de TAVEIRA JUNIOR e as *Auras do Sul* de LOBO DA COSTA; romancistas e dramaturgos cultivavam o mesmo género de inspiração, destacando-se o já citado APOLLINARIO com dramas, romances, e a *Historia da Revolução dos Farrapos*; JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS, com os *Servões do Tropeiro*, os *Fcitiços de um beijú* e os *Murmúrios do Guahyba*; OLIVEIRA BELLO com *Os Farrapos*; VICTOR VALPIRIO com os seus contos, publicados na *Revista do Parthenon* (publicação mensal, que durou dez annos); LOBO DA COSTA, ARTHUR ROCHA e JOSÉ DE SÁ BRITO, com os seus dramas, etc.

(9) *Jornal do Brasil*, de 24 de Agosto de 1903.

da métrica, elle o conseguiu ser, de maneira a collocar-se no grupo dos melhores parnasianos”. (10)

J. M. GOULART DE ANDRADE reconhece que “MUCIO TEIXEIRA, sympathicamente agarrado ás normas do romantismo, soube todavia moldar a sua inspiração pelas exigencias do mais apurado parnasianismo, como em *Nomarcho*”. (11)

Diz RAYMUNDO CORREIA : — “A questão principal é hoje a da fôrma e do mais alto grau de perfeição e primor a que se possa attingir. O peór estorvo em que esbarra MUCIO TEIXEIRA, para ser um legítimo artista, é essa aspiração, que parece preoccupal-o, de ser mais fecundo do que todos os outros. Entretanto com vantagem poderia elle dispor dos bellos predicados que transparecem nos *Novos Ideaes* e mormente nos *Prismas e Vibrações*. Neste último livro, que é o único motivo do que aqui deixo escripto, ha poesias esplêndidas, de formosura e sonoridade estranhas, entre as quaes realçam *A Ironia da Estatua* e as *Pérolas Ideaes*”. (12)

Com effeito, MUCIO tem todas as qualidades para ser um perfeito parnasiano: os seus trabalhos, em prosa ou verso, não se parecem com os dos outros *artistas impeccaveis da fôrma*, permanecendo elle assim solitario, como que equilibrado por um forte sopro romântico, que lhe dá uma belleza inegualavel.

Só um legítimo artista de raça seria capaz de escrever o *Monólogo do Cavalleiro*; o *Passeio a cavallo*; a

(10) *Diário de Pernambuco*, de 26 de Agosto de 1903.

(11) *Gutenberg*, de Maceió, de 8 de Outubro de 1903.

(12) RAYMUNDO CORRÊA — *A Gazetinha*, do Rio de Janeiro, 1882.

*Rival de Penélope; Tu, só tu!; Pérolas ideaes e O No-marcho*, que são verdadeiros primores de parnasianismo. A sua obra parnasiana, ainda assim, é inferior ás suas obras romântica e realista, tanto pela fecundidade como pela concepção, compondo-se quasi exclusivamente de sonetos e pequenos quadros deliciosamente desenhados.

Tem cultivado com maestria todos os metros, sendo o alexandrino o seu verso predilecto na adolescencia, quando rãros eram os poetas que o sabiam fazer, no Brasil, misturando apenas dois versos de seis syllabas, sem saber que, si fosse grave a última palavra do primeiro, a primeira do segundo devia começar por uma vogal, afim de se entrelaçar o hemistíchio. MUCIO foi dos primeiros a fazel-o com todas as regras, “cahindo-lhe os alexandrinos do bico da penna valentes, sãdios, vestidos de ponto em branco”. (13)

Como symbolista (onde se acham classificados por um illustre crítico os nephelibatas, esthetas, mysticos e decadistas), produziu relativamente pouco. Nota JOSÉ VERISSIMO que “é evidente no sr. RAYMUNDO CORREIA, como no sr. MUCIO TEIXEIRA, a influencia do symbolismo”. (14) Esta phase, porém, foi muito curta.

Do symbolista, as producções que mais nos agradam são *O meu amor* e a *Necrópole de insectos*, esta principalmente, por ser um dos trabalhos mais originaes que conhecemos. Parece-nos, porém, que é ainda neste gênero que deve elle ser classificado, com mais precisão, depois

(13) LINS DE ALBUQUERQUE — *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, 1882.

(14) JOSÉ VERISSIMO — *Estudos da Literatura Brasileria*, vol. 1.

de ser dado á publicidade, na íntegra, o seu originalíssimo e primoroso poema *Terra Incógnita*, de que apenas têm sido dados á publicidade, em jornaes e revistas, alguns fragmentos.

Neste estranho livro, “verdadeira planta exótica no herbario de qualquer literatura”, (15) MUCIO TEIXEIRA é o iniciador da poesia theosóphica entre nós; o que já se fazia annunciar nas páginas de occultismo do *Campo-Santo*, a que se refere na seguinte nota, á pag. 507: — “Coube-me a satisfação de ser o primeiro, no Brasil, a descerrar as portas diamantinas desse palacio maravilhoso, até hoje fechado a todos os nossos poetas, convidando-os a penetrar commigo dentro desses salões, povoados de visões e fantasmas, debruçando-nos dessas janellas abertas para a escuridão, na esperança de ver, ao mysterioso clarão dos raios sem luz, ou antes, á serena claridade dos fluidos astraes, a imagem puramente espiritual de DEUS”.

Os fragmentos desse poema dados á publicidade intitulam-se : — *Evocação, A Viagem da Vida, O Loctus Branco, Apollonio de Thiana, Paracelso, Cornelio Agrippa, O Karma, A Evolução, A alma e a pedra, O devanear do theósopho, O Hierophante, A Vida em Júpiter e Eros*, em que o poeta diz :

Eros, o Chãos, o Tártaro e a Terra  
São os grandes principios geradores  
Dos sêres todos que o Universo encerra,  
Em núcleos de harmonias e fulgores.

(15) Phrase textual do proprio autor.

Mas só tu vibras das paixões o açoite,  
Filho de ILÍTHYA e JÚPITER, chocado  
No ôvo do Mundo, posto pela Noite,  
Sob a plumagem negra do Peccado!...

Dão-te VENUS por mãe... mas, si assim fosse,  
Quem a lançou nos braços de VULCANO ?  
Tu, só tu, nesse engano amargo e doce,  
Trazendo-a sempre num delirio insano!

Os artistas concordam em pintar-te  
Sob a ingénua feição de uma criança,  
Armada de um carcaz, — por toda parte  
Settas esparramando com pujança!...

Eu, si fosse esculptor, te assentaria  
No dorso altivo de um leão sanhudo,  
A galopar durante noite e dia,  
ATILA eterno, que avassalas tudo!...

És o mais illegivel hieroglypho,  
Que nem os egyptólogos traduzem;  
O insolúvel enigma de SISYPHO,  
Lapidado em rochedos que transluzem...

Na eloquencia ideal das coisas mudas  
Cortas de pragas o silencio augusto;  
E com sorrisos pérfidos de JUDAS  
Nos arrastas ao leito de PROCUSTO !

Si as proprias flores sentem a influencia  
Dos sons, que até nas pétalas resoam,  
Assim tambem tu vibras, na cadencia  
Das almas, que ao teu jugo se atordõam!...

E' sempre um louco aquelle que se afoite  
A engaiolar esse falcão, chocado  
No ôvo do Mundo posto pela Noite,  
Sob a plumagem negra do Peccado!

## II

MUCIO TEIXEIRA tinha apenas 15 annos de idade quando publicou o seu primeiro livro de poesias. <sup>(16)</sup> Era, então, um puro romântico, conservando-se assim até 1875, como se verifica no seu volume das *Violetas*. De 1876 até 1896 foi simultaneamente romântico, realista e parnasiano. Em 1897 e 1898 esteve voltado para o symbolismo, não abandonando de todo o romantismo e o realismo. De 1899 até hoje tem sido ao mesmo tempo romantico, realista e occultista.

Nos annos de 1878 e 1879 tentou dar costas ao romantismo, voltando-se entusiasmado para o realismo, chegando mesmo a combater aquelle. São, entretanto, desse período as mais bellas poesias românticas do vate revolucionario. Elle dizia ter dado de mão para sempre ao lyrismo e "aos tédios ideaes"... e escrevia *A Ondina* e a *Minha Visinha*, composições essas do mais puro romantismo.

Queremos crer que o poeta combatia o romantismo só para seguir as correntes evolutivas do seu tempo, pois é esta a corda que tem vibrado mais alto na sua lyra d'oiro. Cultivou com assignalada vantagem todos os gêneros poéticos: foi lyrico, épico, dramático e satyrico; e escreveu tambem numerosas poesias descriptivas, sociaes, humorísticas, satánicas e philosophicas.

---

(16) MUCIO TEIXEIRA — *Vozes trémulas*, poesias, 1 volume de 212 páginas, typ do *Jornal do Commercio* de Porto Alegre, 1873.

Na poesia lyrica, revelou-se logo na adolescencia um poeta de primeira ordem: é um sentimental, um imaginoso, um sensual, mas acentuando sempre a sua personalidade inconfundivel de creador. A sua obra lyrica é vastíssima e opulenta; tem páginas de rara belleza e profundo sentimento, como *No túmulo materno*; *As Mães*; *Aut Cesar, aut nihil*; *A gloria*; *Arvore funesta*; *Dea, ecce Dea!*; *A Aurora*; *O meu Alvaro*; *Ada*; *Atala*; *Crepúsculo matinal*; *Data do coração*; *Versos a Maria*; *Alerta!*; *Altas cavallerias*; *Amor e ciume*; *Graziella*; *Diante de um berço*; *Banho real... ideal*; *Eidaldéa*; o poema *Paranymphos*; e a

#### MUSA TÁCITA

O silencio da noite é mais profundo  
Que o das ruínas, dos sabios e das freiras;  
Nem arruidos, nem sons... como que o mundo  
Dorme no lençol branco das geleiras...

Já o silencio das florestas fala  
Pelo rumor das folhas e dos galhos;  
Sobre o cascalho o córrego resvala  
Murmuroso a correr pelos atalhos...

O silencio dos lagos é ferido  
Pelo constante sibillar do vento,  
Além do bater d'azas repetido  
Das gaivotas, cortando o firmamento.

O voto de silencio, que era imposto  
Na antiguidade aos grandes hierophantes,  
Cumprí-o, sem mudar a cor do rosto,  
Para escutar as vozes mais distantes.



Que silencio eloquente!... apenas vence-o  
O meditar sem fim do surdo-mudo,  
Condemnado ao supplicio do silencio  
Sem nada ouvir do que se escuta em tudo!

Sim, porque tudo no Universo fala  
Pela bôca das grutas ou das gentes;  
A propria flor, no aroma que trescala,  
Conta-nos seus amores innocentes.

As leis de vibração e movimento  
Produzem sons de incógnita harmonia;  
E ao compasso das músicas do vento  
Cantam no mar as ondas noite e dia!

Soluça o cyprestal nos cemiterios,  
Resguardando do sol as sepulturas,  
E espalhando tristezas e mysterios  
Nas sombras que se estendem nas planuras.

E da palmeira os leques, quando envoltas  
Em ondas de luar dormem as ruas,  
Fazem lembrar as longas trancas sôltas  
De mulheres, em pé, chorando, nuas!... (17)

EUNAPIO DEIRÓ, analysando o poema *Leviandades de Clymene*, diz: — “Um lyrismo suavíssimo dá-lhe scintillante belleza. Reproduziremos algumas daquellas estrophes, tão frementes quanto graciosas:

Vivemos, quando o amor nos arrebatá  
A um ceu aberto de êxtasis supremos,  
Nas azas do sentir;  
Quando num laço, que ninguem desata,  
Retribuimos extremos com extremos,  
A sonhar e a sorrir!

Vivemos, quando semeamos beijos  
 Na fecunda seara palpitante  
     De um corpo de mulher,  
 Para que brote o fruto dos desejos,  
 Perpetuando a especie triumphante  
     Na ampliação do sêr!... (18)

Dulcíloqua é a toada... o poeta é um feiticeiro, um tentador! lança-nos no espírito surpresa e deslumbra-nos os olhos com imagem seductora, como tentação que nos inflamma o sangue... Esses *beijos semeados na fecunda seara palpitante de um corpo de mulher* — são inventos que raríssimos poetas teriam a ventura de imaginar. Ninguém ainda se adornou com elles: — pertencem ao cantor de CLYMENE.

Só uma fantasia, que ama e apura o requinte de dolentes voluptias, sabe e pode crear taes maravilhas! O poeta e crítico SAINT-BEUVE não engastou pérola tão preciosa no seu romance *Volupté*. A idéa de MUCIO TEIXEIRA é inteiramente nova: não é de um repetidor, mas de um creador. E si a idéa refulge pela peregrina novidade, a expressão, em que se encarna, é como que um relevo talhado por mão de mestre, ou um desses rasgos indeleveis de mágico pincel!...

“Semear beijos num corpo palpitante de mulher”... que tumultos de ardorosas e impetuosas sensações esta expressão faz irromper no coração dos leitores, que sentem a vida agitar-lhe os nervos!... Como o bardo amoroso exprime a intensidade do prazer, e sabe idealisar a

febre devorante dos sentidos numa expressão primorosa e simultaneamente singela, á maneira do estatuario, que apresenta, em admiraveis contornos, a belleza inteiramente nua!

O poeta crêa illusões, “semeando beijos nessa fecunda seara”, com as mãos trémulas da convulsão “dos êxtasis supremos nas azas do sentir!” Não ha mais intensa sensualidade, conservando as graças decentes, em linguagem pura, attrahente. Oh! que deligente semeador! Não tem que invejar o ardor e a inexcedivel energia do *Don Juan* do bardo inglez”. (19)

“MUCIO TEIXEIRA tem ainda aptidão especial para o gênero épico ou patriótico. Vibra-lhe a alma e o temperamento de artista ás nossas grandes acções heroicas e os acontecimentos culminantes da historia”. (20) Dão a mais eloquente demonstração desta verdade os seus poemas *O Legendario*, *Inter Divos*, *O Sonhador-Propheta*, *Lumen in celo*, *Os Inconfidentes* e *O Kaiser perante a historia*, onde ha versos deste vigor:

O Kaiser, dirigindo essas manobras,  
Saudado pela bôca chammejante  
Dos canhões colossaes, que a morte mandam  
A distancias que os olhos não alcançam;  
E tambem pela bôca das trincheiras,  
E tambem pela bôca das esquadras  
Aéreas e marítimas: — num côro  
De vozes de commando suffocadas  
Pelo constante trom da artilharia,  
Que atrôa, rouca, retumbando ao longe,  
Numa orchestra infernal de sons confusos:

(19) Dr. EUNAPIO DEIRÓ, *Revista dos Estados*, Setembro de 1907.

(20) Dr. LAUDELINO FREIRE, *Diario de Pernambuco*, 1903.

Do rodar das carroças da ambulancia;  
 Do ranger das carretas arrastadas  
 Dos hórridos canhões, aos solavancos:  
 Do retintim das lâminas faiscantes;  
 Do picotó das patas dos cavallos,  
 Que a galopar relincham, insofridos;  
 Dos gemidos e ais dos moribundos;  
 E dos *hurrahs!* da embriaguez da pólvora...  
 O Kaiser, surdo á bulha das batalhas,  
 Ouvindo sempre os hymnos de victoria,  
 E' maior que os heróes da antiguidade !

E' maior: porque é grande, numa idade  
 Que a civilisação tornou complexa.

Mas a mais notavel de todas as suas poesias neste gênero, superior mesmo á celebre ode de MAGALHÃES a *Napoleão em Waterloo* e á não menos applaudida poesia *O Redivivo*, de JOSÉ BONIFACIO, é *O Legendario*, á memoria do General OSORTO, escripta na mesma noite do dia em que morreu o nosso heróe. Esta magnífica producção, burilada quando o poeta contava apenas 22 annos de idade, é incontestavelmente uma das mais bellas odes guerreiras de qualquer literatura.

O general DANTAS BARRETO, estadista, literato e guerreiro, diz della: — “Nesta arrojada producção está traçada, com todo o vigor do talento, a estatua colossal do Legendario brasileiro. Em cada estrophe sente-se que passa o general, num galope vertiginoso, por entre o fumo espesso dos canhões, ou emparelhando com a gloria — ao reluzir das bayonetas e das agudas lanças, no cháos medonho das batalhas”. (21)

(21) MUCIO TEIXEIRA, artigo de DANTAS BARRETO, publicado em um jornal de Porto Alegre, em 1886, e transcripto na *Revista do Novo Mundo*, do Rio de Janeiro.

MUCIO TEIXEIRA cantou também os grandes factos sociaes do século XIX, celebrando em versos vigorosos e vibrantes os heróes e os genios. Quando a sua musa sopra a tuba épica, produz estrophes verdadeiramente magistraes, como estas, da poesia *Inter Divos*:

O' minha Patria! ó maravilha espléndida  
Da Natureza, que nos seis puros  
Criva de luzes os sendaes escuros,  
Equilibrando no infinito os sóes;  
Tu, que nas amplas regiões sidéreas  
Bordas de estrellas o nocturno manto,  
Mãi! que no peito tens o filtro santo  
Que inspira genios, reforçando heróes!...

O' minha Patria! como és rica e pródiga  
De heróes e genios, de ideaes e feitos!  
Que hercúleas raças aleitaste aos peitos!  
Quantos gigantes a beijar-te a mão!...  
A Mãi dos GRACCHOS não sentiu mais júbilos  
Por ter taes filhos, — e tu contas tantos!  
A Mãi de CHRISTO não verteu mais prantos  
Que tu, do Pampa no funéreo chão!...

No género dramático produziu muitas poesias originaes, traduzindo de CAMPRONON o drama *A Flor de um dia*, e do hebraico, atravez de RENAN, o poema-dramático *O Cântico dos Cânticos*. Escreveu ainda outros poemas-dramáticos: *Fausto e Margarida*, em XIV scenas da immortal epopéa de GOËTHE; e *Alvaro, o Farrapo*, o que levou o escriptor italiano ALB. GERVAIS a dizer, no seu livro sobre a *América Latina*, o seguinte:

“Il secolo XX si chiusa con una eletta schiera di egregi letterati, tra i quali MUCIO TEIXEIRA. La vasta e

prodigiosa intelligenza di lui si manifesta in ogni genere letterario, e in alcuni poemi possiamo ammirare qualità bellissime del suo verseggiare. Il *Cervello e Cuore*, *Fausto e Margherita*, *Sognatore del secolo*, *Donna del Vangelo* e i *Racconti e Canti* sono produzioni in cui traspare l'eleganza del suo ingegno. I di lui drammi, di fattura moderna, *Il Figliuolo del Banchiere*, in 5 atti, e il *Fiore di un giorno*, in 4 atti, ebbero meritati applausi e sono ritenuti come bell'ornamento di questo genere letterario.

Molte sono le poesie pubblicate da questo autore. Nel *Voci tremule* il vate infonde il suo sentimentalismo in belle rime liriche. *Le Mammole*, *Le Onde e le Nubi*, sono poesie graziose, che dimostrano la bella e vivace immaginazione. Nelle *Nuovo Ideali* e nelle *Prismi e Vibrazioni* vi è una ricca vena di limpida e scorrevole poesia. Il di lui *Campo-Santo*, volume di cinquecento pagine, è ricco di belle poesie, di vivace immaginazione in stile semplice e svariato, fra le quali le leggiadra è quella sulla *Virtú e la libert *.

Como prosatore, il MUCIO TEIXEIRA si manifesta assai corretto nello stile sempre grave e sostenuto, sa meravigliosamente animare quello che scrive, facendosi ognor pi  interessante nello svolgimento dei suoi argomenti; specialmente nella *Sintesi storica della Letteratura Brasiliana*, e nella *Rivoluzione del Rio Grande del 1893*". (22)

---

(22) ALBERTO GERVAIS — *America Latina*, Milano, pág. 131.

Na sátyra, MUCIO TEIXEIRA é um dos poetas mais mordazes e mais fecundos da lingua vernácula. São de sua lavra os poemas *O Inferno Político*, *o Tribuno-Rei* e *O Girafa*, tendo ainda publicado o poemeto *A canôa da Escravidão*, durante a propaganda abolicionista, em 1882. Dos seus trabalhos descriptivos os melhores são os realistas, nos quaes se revella um grande observador. Vejamos, porém, o seu vigor na sátyra, tomando para demonstração o final do poema *O Tribuno-Rei*:

Eu sentia por ti esse ódio grande e forte  
Que persegue na vida e que esquece na morte;  
Quiz mesmo te cravar a ponta duma lança  
Que herdei de JUVENAL, o gladio da vingança,  
Este punhal de luz, que fere mortalmente,  
Esta espada, que mata, e vive eternamente.

Mas vendo-te cahir, aos ponta-pés do povo,  
De pernas para o ar, rasgado o fardão novo,  
Mascando atordoado uns risos de palhaço,  
Arregalando muito o olhar trémulo e baço,  
Como quem quer dizer alguma coisa extrema  
E sente na garganta o puz de uma apostema,  
Tenho lástima e nojo... e só de olhar p'ra ti  
Eu sinto haver sentido o ódio que senti! (23)

“Nas *Flores do Pampa* é que se revela todo o espírito de observação do poeta, tanto mais admiravel, que não sóe ser peculiar da juventude. Não ha um matiz que escape; e tão frescas, tão vigorosas são as tintas empregadas, tão harmonioso é o quadro, que fica evidenciado neste livro que se pode ser naturalista sem ser sórdido.

(23) MUCIO TEIXEIRA — *O Tribuno-Rei*, poema heróe-cómico, canto VIII, edição de 1881.

O romancista e o poeta devem estudar o homem no seu trabalho. MUCIO TEIXEIRA está compenetrado desta verdade, o que dá aos seus versos um cunho de observação e de detalhes — que o destaca de todos os outros escriptores actuaes. O mais notavel ainda é que, além da naturalidade e do fundo de observação, ha a maior propriedade na applicação dos termos da gíria popular do gaúcho”. (24)

*A Sesta, Desejos, Chinóca* (poema da serra), *Na estancia, Os bois, Paizagem gaúcha, o Canto do Monarca, O Chimarrão, o Pampa, A Virgem Pampeana e O Viajante*, são poesias soberbas, talvez as mais bellas do livro das *Flores do Pampa*. — “O seu humorismo é simplesmente encantador, principalmente nos deliciosos trabalhos que se intitulam *Erros do Passado, Sonho allemão, Rimas, As duas Trancas, Errata, Pássaro na gaiola, Todos tres, Vem, que eu não vou, Carmen e*

#### NENÊ E NANÁ

Duas irmãs: a gente quando as vê  
Diz consigo: — Qual dellas vencerá?  
Vendo a graça innocente de *Nenê*  
E a triumphal belleza de *Naná*.

A mais nova é travessa como o quê,  
Canta e vôa... parece um sabiá!  
A outra, mesmo sem saber porque,  
Scisma... em que vives a scismar, *Naná*?

Quer nas bonecas, quer no *bilboquet*,  
Todo o cuidado da primeira está;

(24) De um folhetim de CARLOS JANSEN, no *Cruzeiro*, do Rio de Janeiro, de 1880.



Mas quem veste as bonecas de *Nenê*,  
Quem lhes faz os vestidos é *Naná*.

Eu sei de um estudante que não lê  
As lições, nem os livros abre já,  
Desde que viu o rosto de *Nenê*,  
Sem que ambos fossem vistos por *Naná*...

E um doutorzinho, que usa *pince-nez*,  
Por ter vista de mais, anda por lá  
Fazendo muitas festas á *Nenê*...  
Mas sem tirar os olhos da *Naná*...

Que o estudante estude; e que você,  
Si é *candidato*, seja *eleito*... vá:  
Quero vel-o cunhado de *Nenê*,  
E depois... o cunhado de *Naná*.

E eu, de casaca e luvas, num *coupé*,  
Irei em certas noites tomar chá  
Umaz vezes em casa de *Nenê*  
E outras vezes em casa de *Naná*! (25)

### III

MUCIO TEIXEIRA é soberbo na inspiração satânica! No poema *O Sermão da Meia Noite* ha estrophes verdadeiramente bellas. Tambem se destacam neste gênero de poesia as composições intituladas *Le Iorgnon du Diable*, *Sêde de Vingança*, os *Tres Enigmas*, o *Canto do Odio*, *De profundis*, *A Bailarina póstuma*, e *Sol de Inverno*,

de que não resistimos á tentação de trasladar para aqui estas estrophes:

Estou de véras apaixonado  
Por uma velha de sessenta annos,  
Que tem o rosto todo enrugado  
E a alma inchada de desenganos.

Gosta de gatos e de crianças,  
E conta historias na intimidade:  
Não tem saudades, nem esperanças...  
Mas tem coragem e tem piedade!

Nunca o seu peito correu o risco  
De arder em chamma devoradôra;  
E nem um beijo — fatal corisco —  
Brillhou nos labios dessa senhõra!

E' virgem, pura como as mais puras  
Sacerdotisas do Sol; a sua  
Carne, enrugada pelas torturas,  
Parece um branco raio da lua.

Eu, que estou farto de ouvir queixumes,  
A ladainha de toda gente,  
Juras mentidas, tolos ciumes,  
Coisas já velhas antigamente;

Eu quero uns gosos estranhos, novos,  
Umás volupias que só eu sinta;  
Sim! que meu sangue salte, aos corcovos,  
Beijando bõca que me não minta.

Beijando bõca virgem de beijos,  
E que me diga, por vez primeira,  
A historia antiga dos seus desejos,  
Mais resguardados que os duma freira.

Quero uns abraços que ha quarenta annos  
Estão guardados nos braços della,  
Como uns navios de grandes pannos,  
Por altos mares, numa procella!...

Quero as caricias de quem na vida  
Não teve aquillo que todos temos:  
Surdina branda, nota sentida  
Da orchestra forte dos seus extremos.

Realidade — quasi mysterio...  
Volupia estranha! branda loucura:  
Núpcias — á porta do cemiterio...  
Thálamo — á beira da sepultura! (26)

Do poeta philósopho occupa logar de honra o seu originallíssimo poema *Terra Incógnita*, sendo tambem notaveis as suas poesias intituladas *O Sonho dos Sonhos*, *Interrogação*, *O Infinito*, *Metempsychose*, *Epístola a Fabio Luz*, *Visões do Exilio*, *Torneio Fatal*, *A-O-U-M*, *O Soberano Proscripto*, *Palmarum lentus in umbra*, as quadrinhas da *Páschoa Espiritual* e

#### FLUCTUAT NEC MERGITUR

A desgraça é a amante apaixonada  
Que suffoca em seus beijos os poetas;  
O genio é a negra nuven carregada  
Da tempestade desencadeada  
Sobre os cabellos brancos dos prophetas!

Do meu navio, em mares agitados,  
Os mastros lembram cruces de calvarios...  
No porão, dormem naufragos, molhados;  
Nas cordas, esperneiam enforcados...  
E as estendidas velas são sudarios!...

Ai, emigrantes do paiz do engano!  
 Que em ondas sacudidas pelos ventos  
 Cruzaes, perdidos na amplidão do Oceano,  
 Sempre de porto em porto: eu, de anno em anno,  
 Sou impellido pelos meus tormentos!...

As flores desfolhei da mocidade,  
 Rindo como si fosse uma criança,  
 Quando só de chorar tinha vontade:  
 A esperança é a semente da saudade,  
 E a saudade é a mentira da esperança!

E a tactear, nas sombras do mysterio,  
 Vendo fechadas da illusão as portas,  
 A vida atravessei, sombrio e serio,  
 Tendo dentro de mim um cemiterio  
 Onde enterrei as alegrias mortas. (27)

Das suas poesias sociaes e humanas a mais bella de todas é *A Ironia da Estatua*, um dos trabalhos mais vigorosos da literatura brasileira, que, na phrase de TEIXEIRA BASTOS: “pertence áquelle gênero de poesia da historia, inaugurado em França por VICTOR HUGO, com a *Légende des Siècles*, e que tem em Portugal um representante em THEÓPHILO BRAGA, com a *Visão dos Tempos*. Mas *A Ironia da Estatua*, filiando-se na mesma escoia poética, tem um cunho especial e distincto, que não pode ser confundido com o sentir e o pensar característicos daquelles poetas.

E’ original e grandiosa, sem nos trazer reminiscencias de outros trabalhos não menos originaes, nem menos grandiosos. Basta este facto para nos demonstrar o ta-

lento verdadeiro de MUCIO TEIXEIRA, incontestavelmente um dos primeiros poetas do Brasil”. (28)

Talhadas ainda por moldes admiráveis são as intituladas *O Relógio, Revelação, A um poeta, A Noite das Visões, A uma senhora cathólica, O Leão Enfermo, Vozagem do Futuro, Câmara Ardente, Virilidade, Libello á França, Arthur de Oliveira, Cesar dos Pampas* (a Pimheiro Machado), *Augusto Alvares Guimarães, Julia, Débora*, e os *Tres párias*, que, na phrase de BARROS JUNIOR, “são tres grandes almas populares, creadas pelo seu talento para ensinamento das tres formosas idéas: o amor da liberdade, o amor da patria, o amor da honra !”

É accrescenta o magistrado-poeta: — “No primeiro *pária* consubstanciaste o horror á escravidão, e levantaste bem alto a bandeira do abolicionismo. Deixa-me transcrever essas magníficas estrophes:

Em torno da tarimba, á noite, na caserna,  
Limpendo o correame estavam tres soldados,  
De um baço candieiro aos tons avermelhados,  
Sinistros como um ébrio á mesa da taverna.

Falavam entre si de um modo circumspecto,  
Como quem narra um caso estranho, mysterioso;  
E soltavam do olhar o fluido luminoso  
De quem conta um segredo ou tem um mal secreto.

Disse o joven sargento: — Emquanto junto aos bravos  
No campo do estrangeiro a Patria eu defendia,  
Meu pai (que foi outr’ora o *meu senhor*) vendia  
A minha pobre mãe a um mercador de escravos!—

(28) TEIXEIRA BASTOS — *Poetas do Brasil*, Lisboa, 1885.

Disse o corneta: — Eu vi meu pai, arcabuzado,  
Cahir, estrebuchando, ao pé da bateria  
Onde fizera fogo... E emquanto elle morria,  
Eu tocava clarim á frente do quadrado!—

Disse o velho anspeçada (e arrebitou-lhe o pranto):  
— Quando voltei ao lar, ferido no combate,  
Achei minha mulher nos braços dum mascate...  
Estrangulei-a aos pés! E eu a amava tanto!... (29)

Dessas estrophes é que emergem os prismas e vibrações que dão o nome ao teu livro e o illuminam entre acordes harmoniosos. Não ha no teu volume poesia que contenha idéas mais colossaes: é a epopéa dos sentimentos nobres. Só esta poesia bastava para sagrar-te poeta. Ah! em tão estreito molde, fundiste um mundo de idéas!... Ha no teu livro muitas outras gemmas preciosas, que deslumbram, como sejam: a *Dedicatoria*, á memoria de tua Mãe, — oração puríssima de um filho órfão sobre o túmulo materno.

E *A Ironia da Estatua?* é tão perfeita, que nos faz ver VOLTAIRE, com o seu sorriso philosophico e mordaz, constantemente diante de nós, apostrophando valentemente os prejuizos do seu tempo! Foste feliz na inspiração. Reviveste VOLTAIRE, com o seu sorriso que tanto apavorou o imperador NICOLAU, sorriso com o qual, no dizer de HUGO, “venceu o velho dogma e o velho código; venceu o senhor feudal, o juiz góthico, o padre romano; elevou a população á dignidade de povo, ensinou, pacifi-

cou, civilisou". VOLTAIRE não morreu, graças á tua *Ironia da Estatua*". (30)

O general portuguez FERNANDES COSTA, analysando o poeta, diz: — "Em tão curtos annos, MUCIO TEIXEIRA apresenta já um avultado cathálogo de obras suas publicadas. Um dos principaes attributos do genio poético é a fertilidade. Este é o condão dos fortes. Attentar nelles é medir a distancia que os separa dos seus pobres imitadores, impotentes e triviaes. Outros burilaram em toda vida quatro sonetos de uma incomprehensibilidade granítica, e sentaram-se diante delles, de pernas cruzadas, como bonzos, em muda admiração contemplativa. Deixe-mol-os na beatitude feliz!

MUCIO TEIXEIRA segue, na elegancia e pureza da metrificacão, a corrente moderna. Muitas das suas composições são pequenos quadros deliciosamente trabalhados. Têm os novos artistas do verso o quer que seja da arte pacientíssima dos antigos mosaistas; estas qualidades do inspirado poeta brasileiro não esplendem tanto no seu poema *Cérebro e Coração* como nas lyricas soltas dos *Novos Ideaes*. No poema ha uma certa decisão, um pouco estouvada, mas desembaraçada e viril, que nos encanta. O poeta tem consciencia disto e revela-o quando descreve os protagonistas da sua obra". (31)

Lendo-se a obra completa de MUCIO TEIXEIRA, vê-se que o poeta tem na sua lyra formidavel uma nota vi-

(30) Carta do desembargador J. A. de BARROS JUNIOR a MUCIO TEIXEIRA, publicada em um jornal de Curityba e transcripta no *Cruzeiro* do Rio de Janeiro, em 1882.

(31) FERNANDES COSTA, artigo do *Correio da Europa*, encimado pelo retrato de MUCIO TEIXEIRA. Lisboa, Setembro de 1880.

brante para todos os nobres sentimentos humanos, o que nos seria facil demonstrar aqui com a simples transcripção dos seus proprios versos. É' um dos poucos poetas nacionaes que não se limitaram ao *seu eu*, num egoismo platônico e lymphático: elle cantou a familia, cantou a patria, cantou a humanidade. "O seu pensamento único, nobre e generoso, é a aquisição da gloria: para obtel-a, arranca a todos os momentos do craneo anhelante borbotões de inspiração. Nas arcas do peito bate-lhe um coração leal, cujas aspirações se reduzem a viver um dia na lembrança da posteridade". (32)

MUCIO TEIXEIRA "é antes de tudo um Poeta — na mais ampla accepção da palavra", como pensa FELIX FERREIRA. O seu verso brota-lhe á flux dos labios, como os aljófares espadanam do rebentar da cascata; a poesia fala-lhe n'alma, como a primavera no recesso das florestas virgens; a inspiração aquece-lhe o cérebro, como o sol dos trópicos em meio dia de verão. Ao ler os seus versos sente-se que foram escriptos sem tibiesa nem vacillações: a expontaneidade impera sobre todos os outros dotes do poeta". (33)

De todos os poetas da lingua portugueza, antigos e modernos, mortos e vivos, incontestavelmente MUCIO TEIXEIRA é o mais fecundo. Agora, o que nos cumpre indagar é si essa fecundidade representa a qualidade na esphera da quantidade, o que vem de maneira irrefutavel

---

(32) ARTHUR ROCHA, artigo sobre MUCIO TEIXEIRA, no *Conservador*, de Porto Alegre, em 1877.

(33) FELIX FERREIRA, artigo sobre os *Prismas e Vibrações*, no *Cruzeiro* do Rio de Janeiro, 1882.



coroar-lhe o esforço colossal. Elle aos 15 annos já figurava no grupo dos *Poetas do Parthenon*. Aos 18 annos era o autor de cinco livros de poesias e tres poemas. Aos 22, em janeiro de 1880, publicou o volume dos *Novos Ideaes*, que lhe firmou a reputação literaria dentro e fóra da patria, collocando-o á vanguarda dos maiores poetas da sua geração, como disse SYLVIO ROMERO. Ouçamos o que a seu respeito escreveu então o severo crítico e competente autor da *Historia da Literatura Brasileira*:

“MUCIO TEIXEIRA é homem do seu tempo e obedece ás inclinações *da época*; é tambem homem do seu paiz, e não esquece *o meio* em que ha vivido. Seu último livro accusa este dualismo a que obedecem sempre os bons poetas. Este moço já tem publicado e produzido muito, e conta apenas 22 annos de idade. Seu espírito é generoso e franco; seu talento aberto a nobres impulsos. Seu temperamento é e será sempre o de um poeta. Difficilmente tomará outra direcção. Nem elle deve fugir ao seu destino: no meio de nosso pavoroso epygonismo literario, está predestinado a representar um grande papel. MUCIO é um cimo, no meio de algumas dezenas de rapazes que por ahi vivem a fazer... alexandrinos cheios de “crimes esverdeados”, de “alcouces e barregãs”... Seu último livro é uma realidade: mas o seu talento promette ainda mais”. (34)

Dos *Prismas e Vibrações* (1882) ao *Campo-Santo* (1902), MUCIO TEIXEIRA escreveu mais de trinta livros,

---

(34) SYLVIO ROMERO, artigo sobre os *Novos Ideaes*, publicado na primeira serie da *Revista Brasileira*, em 1879.

a em uma das *Palestras Imperiaes* do Collegio Pedro II), para ANNIBAL FALCÃO, ARTHUR DE OLIVEIRA, MELLO MORAES e TEIXEIRA BASTOS, — *A Ironia da Estatua!*

Não se filiando a nenhuma escola literaria, produziu em todas ellas com a maior familiaridade. SERVILIO GONÇALVES é de opinião que “na poesia, o inspirado sr. MUCIO TEIXEIRA, rompendo com os prejuizos de escola, tem determinado para si um logar na archibancada dos nossos homens de letras” (36); e SYLVIO ROMERO classifica-o de “*universalista*, porque se praz em volutear em torno de todos os assumptos e de todos os systemas”. (37) Já em 1882, analysando-lhe os *Prismas e Vibrações*, REYNALDO MONTÓRO havia percebido que “ha nas suas poesias o quer que seja de mais adiantado do que o realismo, e que tende a uma nova escola de poesia nacional”. (38)

## V

MUCIO TEIXEIRA, além de ser o mais fecundo de todos os poetas da lingua portugueza, foi tambem de uma precocidade única, podendo disputar a primazia aos que mais cedo appareceram no scenario de outras literaturas. O seu primeiro livro compõe-se de poesias dos 13 aos 15 annos de idade, o que levou naturalmente OLIVEIRA BELLO a dizer: — “Tenho medo das precocidades! o talento temporão, transgredindo o vigor das leis geraes, insurge-se contra o tempo; e o tempo vingá-se, eiva, solapa e mata...

(36) Artigo do capitão SERVILIO GONÇALVES, na *Revista Militar*, 1882.

(37) SYLVIO ROMERO — *Novos estudos de Literatura Contemporanea*, 1890.

(38) Artigo firmado pelo redactor-chefe d'O *Cruzeiro*, 1882.

Precoces na vida, precoces na morte. Meteoros que irrompem da escuridão, para derramar num jorro todos os clarões que encerram, apagando-se em seguida nas caligens do infinito!"

Felizmente não se realisou este temeroso vaticinio. Ouçamos ainda o romancista dos *Farrapos*: — "Tem o meu joven poeta muitos versos bons em seu livro; tem principalmente o sr. MUCIO TEIXEIRA muita poesia em seus versos. Ha em suas estrophes um ressumbrar de melodia natural, dessa melodia que certas imaginações instinctivamente poéticas trescalam, e que bem pudéramos chamar os perfumes da intelligencia. Si ha diamantes que é mister mondar laboriosamente da crosta rude e espessa, para que o íris que ella occultava jorre em luz cambiante, outros ha meio desbravados já pela natureza, que ao primeiro olhar do mineiro respondem com a irradiação de um fulgor bravio; o seu talento poético sahiu da infancia como esses diamantes da jazida, já meio lapidado". (39)

A joven poetisa AMALIA FIGUEIROA, enviando os primeiros versos de MUCIO TEIXEIRA ao seu conterraneo CARLOS FERREIRA, que era folhetinista do *Correio do Brasil*, na Côrte do Imperio, para que o apresentasse fóra do seu limitado meio provinciano, abriu assim um scenario mais amplo ás legítimas aspirações do menino-poeta; e o cantor das *Alcyones* disse então: — "Do Rio Grande do Sul voz amiga chama a minha attenção para uma

(39) DR. OLIVEIRA BELLO, *prefacio das Violetas de MUCIO TEIXEIRA*, 1875.

criança de notabilíssimo talento, que acaba de dar a lume as suas primeiras produções poéticas.

Chama-se MUCIO SCÉVOLA LOPES TEIXEIRA, é filho de uma das mais importantes famílias de Porto Alegre, e irá muito longe, si o animarem com verdadeiro interesse. São lindíssimas as suas primeiras poesias; MUCIO é uma pequena ave que começa a ensaiar o vôo aos primeiros symptomas da primavera. Os jornaes do Sul, dando ao público os primeiros cantos do poeta nascente, annunciam com afã um talento de primeira ordem, e parecem querer adivinhar o futuro”.

CARLOS FERREIRA, não satisfeito com o que escreveu, quiz ainda que o seu confrade e amigo FAGUNDES VARELLA o secundasse nessa meritoria incumbencia, e o cantor do *Evangelho nas Selvas*, que já descia precocemente do seu Thabor transfigurado, disse isto:—“Triste VIRGILIO coube em sorte a este florentino adolescente, que entra tão cheio de confiança num verdadeiro *inferno*, com a alma tão rica de illusões do ceu!

Pouco tenho a dizer ao sr. MUCIO TEIXEIRA, pois seria crueldade apontar as sombras do crepúsculo ao astro que mal desponta entre os esplendores de um róseo amanhecer. Encontramo-nos neste momento em pontos diametralmente oppostos: elle quer tomar o seu lugar á vanguarda das legiões que avançam, eu sinto não haver abandonado em tempo a cidadella ameaçada de invasão.

Respeito um poeta como respeito a personalidade, como respeito os segredos, como venero a desgraça... Repetirei apenas o que me foi dado dizer a outro poeta,

que em melhores tempos me confiou o escriptorio de suas fantasias: o livro de um poeta é o livro de sua alma, os seus hymnos são manifestações do seu coração, páginas de sua vida. E' preciso, pois, muito cuidado, muito escrupulo em abrir essas folhas doces e perfumadas, sensiveis como a flor do *Lothus*, frageis como as rosas de *Smyrna*, que basta um bafejo para murcharem. . . Aperfeiçoe-se cada vez mais, componha novas obras: e, ou em nossa terra se abafa o talento, ou terá uma bella reputação". (40)

JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS, seu mestre e amigo. prefaciando-lhe os primeiros versos, escreveu: — "As suas *Vozes trémulas* têm para mim o subido mérito de um precioso mosaico, no qual as esmeraldas, os rubis, saphiras e diamantes, cravejados em puríssima opala, têm valor igual ao trabalho artístico. — Uma catadupa precipitando-se sobre a lapa basáltica, espadanando aos reflexos do sol em cada respingo um prisma, eis o que ellas me parecem. Nasceu poeta o sr. MUCIO TEIXEIRA; o seu Anjo da Guarda, beijando-o no berço, incendeu-lhe a frente com o fogo sagrado.

Não se deixe, porém, apenas levar pela indolente correnteza do plácido rio; arme os remos, acurve-se sobre elles, e vogue. . . vogue para a foz, para o oceano, para o infinito! . . . Como COLOMBO, arroje-se em busca de um ideal; mas tambem seja como elle providente, evitando quanto possivel essas fataes nebulosas, que tantas e tão brilhantes esperanças têm abysmado. Prosiga, pois, e vá tão seguro de si, tão crente no porvir, como fica, pelo sr.,

(40) Artigo de VARELLA sobre MUCIO, no *Guanabara*, *Nichteroy*, 1873.

cheio de nobre orgulho patrio, e esperanças, o seu enthu-  
siasta e dedicado amigo — JOSÉ BERNARDINO DOS SAN-  
TOS”. (41) Este vaticinio, sim, felizmente é hoje uma rea-  
lidade.

DIZ CARLOS FERREIRA: — “MUCIO TEIXEIRA nasceu  
poeta; e creio que, dos de fina raça, brasileiros, elle é por  
ventura o mais fecundo”. (42) Exclama ALCIDES MAYA:  
— “A sua fecundidade é assombrosa!” (43) Ainda se re-  
feriram á sua extraordinaria fecundidade os seguintes  
escriptores: — Mello Moraes Filho, Medeiros e Albu-  
querque, José Verissimo, Agenor Carvoliva, José Ma-  
thias, Pinheiro Chagas, Theóphilo Braga, Sylvio Romero,  
Eduardo Calcaño, J. M. Baptista Pereira, Antonio Ba-  
ptista Pereira, Eduardo Calcaño, Arthur Rocha, Carlos  
von Koseritz, Oscar Pederneiras, Mansos d’Asia, Luis de  
Castro, Manhães de Campos, Fernando Osorio, Fernan-  
des Costa, Lins de Albuquerque, Felix Ferreira, barão de  
Sant’Anna Nery, visconde de Taunay, Pessanha Póvoa,  
Guilherme Bellegarde, Castro Lopes, Luis dos Reis, Ray-  
mundo Corrêa, Dantas Barreto, conde de Laet, Marco-  
Antonio Saluzzo e outros.

FERNANDES COSTA, o cantor do *Poema do Ideal*,  
onde o nome de MUCIO TEIXEIRA está perpetuado em  
duas estrophes, o d’*O Eterno Feminino*, consagra-lhe qua-  
tro magníficos sonetos, á pagina 339 do *Almanach Ber-  
trand* para 1911, precedidos dos seguintes dizeres: —  
“A MUCIO TEIXEIRA, BARÃO ERGONTE, com o máximo

(41) Prefacio das *Vozes trémulas*, Porto Alegre, 1873.

(42) *Gazeta de Campinas*, 1882.

(43) *O Paiz*, de 2 de Fevereiro de 1904.

reconhecimento pela offerta do seu *Campo-Santo* e pelos gentilísimos termos della, offerece a homenagem desta página literaria o seu irmão espiritual em Arte, que ha 28 annos lhe festejou com enthusiasmo os auspicios do seu formoso talento poético e que hoje tem a satisfação de os ver realisados em versos immorredouros de Pensador e de Mestre". (44)

As obras de MUCIO TEIXEIRA, em poesia, intitulam-se :

*Vozes trémulas* (1871-1872), 1 volume de 212 páginas, prefaciado por JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS, contendo 49 poesias, dividido em 3 partes: *Intimas*, *Diversas* e *Humorísticas*. Typographia do *Jornal do Commercio* de Porto Alegre, 1873. (São pesias dos 13 aos 15 annos, entre as quaes ha um epigramma dos 11 annos).

*Um Sonhador do Século* (1873), poema em 5 cantos, de metrificação variada, publicado em 1874, em revistas literarias de Porto Alegre e no periódico *A Academia de S. Paulo*, precedido de um encomiástico juizo-crítico do dr. ANTONIO PALMEIRO.

*Ondas e Nuvens* (1872-1874). Collecção de 54 poesias, que se perderam no naufragio do vapor *Guahyba*, em que o poeta ia de Porto Alegre para a cidade do Rio Grande. A este respeito diz MUCIO TEIXEIRA na sua autobiographia: — "Ficámos durante sete dias á mercê dos ventos e das ondas, curtindo frio, fome, e todos os

(44) O general FERNANDES COSTA, transcrevendo em Lisboa, em 1915, um artigo histórico de MUCIO TEIXEIRA, precede-o destas honrosas palavras: — "São do eminente literato brasileiro, historiador, poeta e abalisado polygrapho, nosso bom amigo, que soube pôr em relevo, com muita proficiencia histórica e literaria, e com toda a arte de quem sabe alliar, com a sua facilidade de jornalista consummado e prático, o seu muito saber de erudito investigador". Etc.

horrores que só podem compreender os que já passaram por tamanho perigo. O notavel publicista allemão CARLOS VON KOSERITZ, que era um dos meus 120 companheiros de viagem, passeava no tombadilho, silencioso, a morder o charuto, apparentendo uma calma mais de inglez que de allemão abraileirado.

E só ao ler o seu artigo, publicado no *Eco do Sul* da cidade do Rio Grande, foi que comprehendí a sua nimia sensibilidade, disfarçada em tamanha indifferença, durante o perigo imminente. Nesse artigo tambem se vê quanto era perspicaz observador, não lhe escapando os mínimos detalhes. Completei os meus 17 annos no dia em que corriamos o maior risco de morrer afogados, pois, assim que passámos para bordo do rebocador *Jaguarão*, que andava á nossa procura, o *Guahyba* submergiu-se, como si esperasse apenas o transbordo para logo desapparecer no fundo das aguas.

O rebocador, onde nos mettemos todos como sardinha em tigela, andara quatro dias em explorações infructíferas, percorrendo a vasta lagôa dos Patos em varias direcções, só não se lembrando de tomar o rumo do *Banco dos Desertores*, o sinistro ponto onde estávamos encalhados, seguros a quatro amarras, pois o navio fazia agua e fatalmente teria de submergir-se. . .

Não havia meio de eu me conformar com a probabilidade de ser devorado pelos peixes. . . e peixes de agua doce, onde não se vê um só *peixão!*. . . Arripiava-me ainda o triste fim de GONÇALVES DIAS, mas alentava-me a esperanza de poder salvar das ondas, sob o docel das nuvens, o meu volume manuscrito das *Ondas e Nuvens*.



como salvara CAMÕES os *Lusiadas*, em semelhantes apuros. O navio estava seguro nas amarras, mas um furioso nordeste ameaçava partir as férreas correntes, com a mesma facilidade com que vergava os mastros e torcia as vergas, rebentando o cordame, que sibilava, zunindo, vergastando o convez com chicotadas líquidas, varrendo o que encontrava, cuspidando o homem do leme, que lá se foi, desaparecendo no abysmo...

Naufraguei na noite de 7 de Setembro de 1874, e só me vi livre de perigo na tarde do dia 13, meu anniversario natalicio. No alludido artigo de KOSERITZ ha o seguinte tópico: — “O joven poeta MUCIO TEIXEIRA, perdendo toda a sua bagagem, não pensava nas roupas novas nem no seu bonito fardamento de grande gala, com as dragonas, o chapéu-armado e a espada, que lhe iam tão bem sempre que recitava os seus versos no theatro S. Pedro. Lamentava, porém, a perda dos seus bonitos versos, ainda inéditos, por singular coincidência intitulos *Ondas e Nuvens*... que se perderam no turbilhão das ondas, enquanto centenas de súplicas transpunham as nuvens em demanda do Altíssimo”... (45)

O autor conseguiu mais tarde, por um esforço de memoria, recapitular quasi todas as poesias das *Ondas e Nuvens*; mas até hoje as conserva inéditas, por parecer-lhe sacrificada a primitiva expontaneidade.

*Violetas* (1873-1875). Um volume de 200 páginas, prefaciado pelo dr. LUIS ALVES DE OLIVEIRA BELLO, contendo 43 poesias, dividido em duas partes — *Primeira*

(45) MUCIO TEIXEIRA — *Memorias dignas de Memoria*, tomo II, capitulo IV.

e *Segunda*. Edição da *Imprensa Literaria* de Porto Alegre, 1875.

*Intermezzo Lyrico* (1875). Poema, em CXI números, ou poesias, traduzido em versos de varios metros, do original de HENRIQUE HEINE, publicado em fragmentos nos jornaes e revistas de Porto Alegre, S. Paulo e Rio de Janeiro. Posteriormente foram-lhe reunidas outras poesias do mesmo autor allemão, das *Maguas Juvenis* e uma dos *Quadros de Viagem*.

*Sombras e Clarões* (1873-1877). Um volume de 296 páginas, com 73 poesias, dividido em 4 partes: — *Vozes do Século, Vozes do Coração, Vozes da Mocidade e Vozes Intimas*. Typographia do *Jornal do Commercio* de Porto Alegre, 1877.

*Fausto e Margarida* (1877). Poema-dramático, em XIV quadros da tragedia *O Fausto* de GOETHE. Um volume de 210 páginas, edição do *Rio Grandense* de Porto Alegre, 1879. Reimpresso, em 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> edições; no Rio de Janeiro, typographia Hildebrand, 1882; e em Paris, rue des Saints-Peres, 1903.

*Contos em Cantos* (1877-1878). Lendas e Poemas. Um volume de 242 páginas, contendo 25 poemetos. Typographia do editor Dias da Silva Junior, Rio de Janeiro, Rua Théophilo Ottoni, 145.

*Novos Ideaes* (1877-1879). Um volume de 310 páginas, com introdução de SYLVIO ROMERO, contendo 64 poesias, dividido em 4 partes: *Flores do Pampa, Vivandeiras, Somnâmbulas, Páginas da Bohemia*. Typographia Nacional, Rio de Janeiro, 1880. Teve 2.<sup>a</sup> edição, da typographia da *Revista do Novo Mundo*, Rio de Janeiro,

1890; 3.<sup>a</sup> edição, feita em Paris, editor B. L. Garnier, 1891.

*Cérebro e Coração* (1877). Poema em XIII cantos e a *Dedicatória* em verso. 1 volume de 112 páginas. Livraria Lombaert, Rio de Janeiro, 1880. Teve 2.<sup>a</sup> edição, na Victoria, typographia da *Gazeta da Victoria*, 1882; e 3.<sup>a</sup> edição, em Paris, editor H. Garnier, 1903.

*A Flor de um dia* (1878). Drama em verso, original de CAMPRODON, em 1 prólogo e 4 actos. Foi publicado em folhetins na *Gazeta da Noite*, do Rio de Janeiro, em 1879.

*O Inferno Político* (1879). Poema satyrico, em tercetos dantescos, em 7 cantos, publicado em fascículos. Editor Serafim José Alves, Rio de Janeiro, 1879.

*Prismas e Vibrações* (1880-1881). Um volume de 216 páginas, com o retrato do autor, contendo 47 poesias na 1.<sup>a</sup> parte e 2 poemas na 2.<sup>a</sup> parte. Typographia Hildebrand, Rio de Janeiro, 1882.

*O Tribuno-Rei* (1881). Poema heróe-cômico, VIII cantos, 1 volume de 126 páginas. Edição do CONSERVADOR, de Porto Alegre, 1881. Teve 2.<sup>a</sup> edição, em Pelotas, editor Fernando Osorio, 1882.

*Os Inconfidentes* (1883). Poema épico, em 10 cantos, do qual só foram publicados os tres primeiros.

*Hugonianas* (1885). Poesias de VICTOR HUGO, colleccionadas por MUCIO TELXEIRA, que as precedeu da biographia do Mestre, em 64 páginas, além das traducções de sua lavra e de um poema original á memoria de HUGO, de 30 páginas e mais 16 páginas de *Notas*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1885. Nesse mesmo anno teve 2.<sup>a</sup> edição. Essas duas publicações foram feitas em

edição de luxo, á custa do bolsinho particular do imperador D. PEDRO II, que encarregara MUCIO TEIXEIRA de prestar essa homenagem ao seu velho amigo e companheiro na Academia Francesa. E' um volume de 494 páginas, que deu a MUCIO TEIXEIRA entrada no Instituto de França.

*Poesias e Poemas* (1886-1887). E' um livro luxuosamente impresso em excellente papel, mandado compor nos prelos da Imprensa Nacional por Sua Alteza a Augusta Princesa ISABEL, na sua segunda Regencia do Imperio. 1 volume de 238 páginas, com o retrato do autor, 1888. Esgotaram-se dessa obra duas edições consecutivas, sendo feita a 3.<sup>a</sup> edição em Paris, 1903.

*Mulheres do Evangelho* (1889). Poema original de LARMING, em VIII cantos, 1 volume de 262 páginas, edição da *Revista do Novo Mundo*, Rio de Janeiro, 1891. Teve 2.<sup>a</sup> edição, no mesmo anno.

*Celajes* (1889). Poesías en lengua castellana, 1 volume de XVI — 361 páginas, dividido em 4 partes: 1.<sup>a</sup>, *Confraternidad Literaria*; 2.<sup>a</sup>, *Ensayos de poesía castellana*; 3.<sup>a</sup>, *Semblanzas Venezolanas*; 4.<sup>a</sup>, *Brasileñas y Lusitanas* (traducções dos melhores poetas do Brasil e Portugal), Imprenta y tipografía del Gobierno Nacional, Caracas, 1889.

*Poesias de don Mucio Teixeira* (1889), vertidas al castellano por Poetas de Venezuela, 1 volume de 254 páginas, com o retrato do autor, editores Tovar y Martínez, Barcelona, 1889.

*Os pequenos poemas* de CAMPOAMOR (1891). 1 vo-

lume de 325 páginas, edição da *Revista do Novo Mundo*, Rio de Janeiro, 1891.

*O Girafa* (1895), poema satyrico, 1 volume de 110 páginas, edição do *Mercantil* de Porto Alegre, 1895. Tendo a policia do Rio Grande do Sul comprado a 1.<sup>a</sup> edição, afim de retiral-a da circulação, nesse mesmo anno appareceu uma nova edição, que se esgotou rápidamentee.

*Rimas de Montalvo* (1895 a 1899). Versos humorísticos, publicados em Porto Alegre (alguns com o pseudônimo de *Bohemio*), em 1895, no *Mercantil*; em 1896 no jornal *A Bahia*, da cidade do Salvador; e em 1899 na *Cidade do Rio*.

*Campo-Santo* (1890-1902). Edição de luxo, com o retrato do autor e numerosas illustrações, dividida em 5 partes: *Amuletos*; 2.<sup>a</sup>, *Paranymphos*; 3.<sup>a</sup>, *Auréolas*; 4.<sup>a</sup>, *Amavios*; 5.<sup>a</sup>, *Caprichos de Mulher* (poema chinez). É um volume de 519 páginas, contendo 108 poesias, entre as quaes ha tres poemas. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1903.

*Leviandades de Clymene* (1906), poema em XII cantos, 1 volume de 82 páginas, Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brasil, successora da Livraria Laemmert, 1906.

*Humoradas e Cantares*, de CAMPOAMOR (1906). 1 volume, inédito.

*Doloras* de CAMPOAMOR (1906), 1 volume, inédito.

*Brazas e Cinzas* (1903-1913), poesias originaes, 1 volume, dividido em 3 partes: 1.<sup>a</sup>, *Carnaval Fúnebre*; 2.<sup>a</sup>, *Páschoa Espiritual*; 3.<sup>a</sup>, *Leviandades de Clymene*, poema,

que já fôra dado á publicidade, numa edição de poucos exemplares, numerados, em 1906.

*Terra Incógnita* (1910-1915). Poema esotérico( de que tem sido publicados alguns fragmentos em jornaes do Rio de Janeiro e nos volumes do *Almanach do Barão Ergonte*.

*Poesias de Mucio Teixeira*, extrahidas de alguns dos seus livros, 2 volumes, o 1.º contendo 47 poesias, incluindo dois poemas, e o Juizo Crítico de escriptores nacionaes e estrangeiros, seguido de uma *Apotheosis Poética*, de 40 poesias em homenagem a MUCIO TEIXEIRA, tomo de 370 páginas; e o 2.º volume, contendo 118 poesias e os poemas *O Cântico dos Cânticos* e *Parisina*, além de 18 poesias de MUCIO TEIXEIRA traduzidas em latim, castelhano, francez e italiano, seguidas de numerosas *notas* bio-bibliográficas, formando um tomo de 382 páginas.

Entre os seus numerosos manuscriptos ha tres grandes poemas inéditos: — *Calabar*, *Os Minuanos* e *Vera Cruz*, além de um delicioso poema erótico, — *Bilitis*, no gênero lyrico das canções da Grecia pagã. Das obras já dadas á publicidade, as melhores são — *Novos Ideaes*, *Prismas e Vibrações*, *Poesias e Poemas*, *Leviandades de Clymene* e *Campo-Santo*.

## VI

CARLOS VON KOSERITZ affirma que o volume dos *Novos Ideaes* é “o mais brilhante de todos os livros de MUCIO TEIXEIRA; ha nelle verdadeiras pérolas de poesia, constituindo uma espléndida manifestação daquelle pre-

coce talento, que nos promette tão ampla messe de bellos fructos, MUCIO TEIXEIRA é o primeiro poeta da nossa actualidade”. (46) SILVA FIGUEIRÓ reconhece que “o livro dos *Novos Ideaes* é obra, por si só, para fazer a reputação de um poeta”. (47)

“Os *Prismas e Vibrações*, escreve LUIS DOS REIS, causaram-me a mesma admiração que me causaria um palacio cheio de maravilhas artísticas e surprehendentes. — *Alambra* sumptuoso, do qual ao sahirnos ainda paramos a contemplar o pórtico fascinador e deslumbrante”. (48) “O livro dos *Prismas e Vibrações* é uma revelação esplêndida, e dá-nos o direito de suppor o seu joven autor um dos primeiros poetas da geração moderna. Com certeza ha nessa natureza privilegiada a nevrose do genio si o quizerem, mas indubitavelmente um phenômeno sublime, cuja solução é uma só: — o clarão da immortalidade !” (49)

O autor das *Poesias e Poemas* “recommenda-se, tanto pela inventiva de suas producções, como pela maneira artística por que trata dos assumptos. O poeta não está filiado a nenhuma escola, preocupando-se tão somente de expor, em estylo imaginoso e melódico, aquillo que vê e sente”. (50) “Quiz MUCIO TEIXEIRA que fosse eu o obscuro joalheiro, que lhe avaliasse a riqueza e primor artistico do seu bello livro *Poesias e Poemas*, cuja prévia e

(46) *Gazeta de Porto Alegre*, 1880.

(47) *O Economista Brasileiro*, 1880.

(48) *Poesias* de MUCIO TEIXEIRA (edição Garnier), tomo I, pág. 69.

(49) CARLOS FERREIRA, *Gazeta de Campinas*, 1882.

(50) JOAQUIM SERRA, *O País*, 1888.

melhor recommendação é haver sido editado sob os auspícios de Sua Alteza Imperial a Augusta Princesa Regente, segundo confessa, cheio de gratidão, o autor.

Para mostrar a gratíssima impressão que em mim produziu o livro *Poesias e Poemas*, do qual, ao passo que ia lendo as páginas, parecia-me estar caminhando por entre perfumados jardins, construídos com a mais apurada arte, até deparar-se-me o palacio encantado — *O Cântico dos Cânticos*; direi que mais de uma vez ávidamente aspirei o delicioso perfume exhalado de suas inimitaveis estrophes, repassadas de verdadeira poesia”. (51)

“O poeta do *Campo-Santo*, um livro primoroso como poucos, é o mesmo artista de sempre, agora orientado pelo que elle chama “uma philosophia piedosa e consoladora. É realmente um philósopho, sem deixar de ser um artista. Observa-se, porém, que a sua philosophia, como poderia acontecer, não lhe moderou — ainda bem! — a inspiração, que é a maior das suas qualidades. É por isso tem sido e será um poeta essencialmente lyrico. Quem estudar a individualidade de MUCIO TEIXEIRA, quem lhe sondar as idéas e sentimentos, quem interpretar com precisão as modalidades do seu estro, concluirá que o autor do *Campo-Santo* não teve soluções de continuidade na sua evolução esthética. Este *Campo-Santo* não está de conformidade com a vitalidade que encerra; não é uma necrópole, onde diz o poeta ter enterrado os seus sonhos, mas uma cidade cheia de vida e luz, onde se levantam as

---

(51) *Poesias* de MUCIO TEIXEIRA, edição Garnier, tomo I, pág. 93, artigo do dr. CASTRO LOPES.



aspirações ao sol de uma virilidade sadia, robusta e sem desalentos". (52)

Além do notavel artigo de EUNAPIO DEIRÓ, merece tambem especial menção a anályse do joven e mallogrado poeta JOSÉ MATHIAS, tão cedo roubado ás nossas letras, onde ha estes tópicos: — "Eis aqui um immortal (MUCIO TEIXEIRA), que não passou pela pseudo-Academia de Letras, nem tão pouco pelo balcão das *Conferencias literarias*, a dois mil réis por cabeça, dos literatos contratados por empresarios theatraes para as exhibições das 4 horas da tarde, em salões onde ha palco e galerias... E' que em todos os tempos só logrou renome quem, de facto, teve justo merecimento.

Cada qual se immortalisa pelo seu talento, ao passo que as *glorias* conferidas pelas "Cooperativas Literarias", ou científicas, desaparecem com os que, indevidamente, as deram e as receberam. O sr. MUCIO TEIXEIRA está no primeiro caso: conquistou admiração e popularidade á custa de sua fecunda e brilhante intelligencia. Sua alma é como si fosse uma sensitiva, vibra ao menor choque exterior; e o seu todo, de artista completo e inspirado, recorda-nos o autor de *Atala*, quando disse: — "*Les poetes sont des oiseaux, tout bruit les fait chanter*".

Assim é que a recente tragedia dos amores de uma formosa viuva, cujo desfecho foi a scena retinta pelo sangue de um dos seus adoradores, deu motivo a MUCIO TEIXEIRA para escrever adoraveis versos, dedilhando a lyra

---

(52) ANNIBAL FALCÃO, *Cartas do Rio para o O Norte do Recife*, 1902.

em holocausto ao infortunio dessa pobre mulher, feliz por ser bella e querida, ao tempo que desgraçada por soffrer e levar um dos seus conquistadores ao túmulo e o outro ao cárcere. . . Para um e outro o Mestre da rima tem uma lamentação, que dóe, que fere a alma e o corpo de *Clymene*, despertando-lhe remorsos, nas recordações. . .

Tantas são as bellas do poema, que não sabemos o que transcrever, de preferencia. Todavia, como a sua lyra seduz, não resistimos á vontade de dar aos nossos leitores mais estes versos do poema:

Amar uma mulher, é tel-a inteira  
No coração, nos olhos e nos braços;  
Não consentir que ninguem mais a queira,  
Seguir-lhe sempre os psasos;

Que nos seus olhos outrem não se veja,  
Que ninguem saboreie os seus carinhos;  
Que só nos fale, a bôca que nos beija,  
Num pipilar de pássaros nos ninhos. . .

Possuil-a em corpo e alma: adivinhar-lhe  
A origem das tristezas e alegrias;  
Exigir della tudo: e tudo dar-lhe,  
Num ambiente de aromas e harmonias!

Ha no poema umas reticencias, formando tercetos, com iniciaes no começo das linhas. . . É' uma poesia que o autor julgou não dever publicar agora. Suppomos que nella o sr. MUCIO TEIXEIRA prediz os factos, o que se pode assim conjecturar pela epigraphe *de um philósofo obscuro*, que nos parece o illustre poeta. Èil-a: — A vida humana é semelhante a uma partída de xadrez, durante a qual cada peça occupa um determinado logar, segundo a

sua representação; mas, depois de acabado o jogo, os reis, as rainhas, os bispos, os cavalleiros e os peões vão todos indistinctamente para o mesmo sacco”. (53)

“*Campo-Santo* é uma producção de admiravel harmonia e de uma sonoridade sumptuosa, para celebrar as conquistas da sciencia, as bellas triumphaes da arte, os encantos inefaveis do amor, a sublimidade da fé, a victoria da crença e a dignidade do civismo. MUCIO TEIXEIRA esmerou-se em crear uma obra em que guardasse como num santuario tudo que o coração e o espirito humano podem produzir de bom e de bello, de consolo e de doçura nesta árdua travessia pela densa floresta dos tempos. São todas as suas producções de um brilho diamantino e de um rythmo vibrante.

Romântico e lyrista pela imaginação alcandorada, o cantor do *Campo-Santo* é ao mesmo tempo um pensador moderno. Sua concepção acompanha o evolucionismo philosophico e as grandes aspirações da sociedade contemporanea. MUCIO TEIXEIRA na poesia, como o albatroz no espaço, abre as azas e desfere um vôo amplo e possante”. (54) O volume do *Campo-Santo* abre com estes bellos e sentidos versos, intitulos

#### CÂMARA ARDENTE

Aqui repousam meus sonhos mortos,  
Na urna funérea do coração:  
Naus, que sahiram de estranhos portos,  
Para os naufragios da aspiração...

(53) JOSÉ MATHIAS, — *A Revista*, anno I, n.º 1, Rio de Janeiro, 1906.

(54) LEOPOLDO DE FREITAS, *Diario Popular* de S. Paulo, 1904.

Levantei ferros dentro dos portos,  
Para os naufragios da aspiração!

Velas rasgadas nas ventanias,  
Mastros partidos nos vendavaes,  
Lemes fluctuantes nas aguas frias  
Das latitudes septentrionaes...

Como são longas as aguas frias  
Das latitudes septentrionaes!

Deixei meus lares, cantando e rindo,  
Só com a idéa de — viajar;  
Mettido dentro de um sonho lindo,  
Como foi triste meu despertar!

Sorri a infancia num sonho lindo,  
Choram os velhos, ao despertar.

No mais profundo somnambulismo,  
Vi o que os outros não podem ver:  
O amor e a gloria, sões num abysmo,  
Tudo que a gente quer, sem querer...

Vejo e não vejo luzes no abysmo:  
Nem sei que quero... só sei querer!

EVA, radiante de formosura,  
Provando o fructo do bem e o mal,  
Não tinha as graças da virgem pura  
Que entrou commigo na saturnal....

Louco VINICIUS, que a LYGIA pura  
Expuz ao fogo da saturnal!...

Crucifiquei-a nos meus abraços,  
Ardeu no fogo dos beijos meus!  
JESUS piedoso lhe abriu os braços,  
E Ella hoje vive perto de DEUS!

E Ella, piedosa, me abria os braços,  
Talvez pedindo por mim a DEUS!

Outra, um demonio formoso e ingrato,  
Cravou-me os dentes no coração!  
Como a princesa que quiz, num prato,  
Ver a cabeça de São João...

E eu... miseravel! triste, insensato,  
Fui de joelhos beijar-lhe a mão!

Lavrando a terra do meu Calvario,  
Já vejo a ermida — cheia de luz:  
Lágrimas tenho para um rosario...  
E tenho braços para uma cruz...

Lágrimas, — contas do meu rosario;  
Duro Calvario! pesada cruz!...

A Virgem Santa, de um moço enfermo  
Curou as chagas do coração:  
Si *Ella* viesse... teria um termo  
Toda a miseria desta paixão!

Si *Ella* viesse... talvez, no ermo,  
Brotassem rosas — do meu caixão!

Como se vê de todos os versos citados, MUCIO TEIXEIRA é um poeta inconfundivel, de personalidade caracterisada por uma maneira de sentir e de dizer inteiramente sua, que não se parece com o modo de versejar de ninguem; é notavel, além disso, o desembaraço do seu verso, a naturalidade do seu estylo, o vigor e precisão das imagens, a originalidade das idéas, a opulencia do vocabulario, a correcção da fórmula, a obediencia a todas as exigencias da métrica, essa *difficil naturalidade* de que

só elle conhece o segredo; o que no fim de contas não admira em quem, aos 22 annos de idade, já era unánime-mente por seus pares acclamado um grande Poeta.

## VII

Temos visto até aqui as suas qualidades boas; veja-mos agora os seus defeitos: sobe quasi sempre muito alto, para algumas vezes cahir até á mediocridade. É' "o defeito natural de uma producção tão extraordinaria como foi por muito tempo a do autor". (55) Até nos seus mel-hores livros observamos vôos e quedas. Em algumas poesias notaveis não mantém a mesma elevação de pensa-mento ou de fórma, de principio a fim. Pode servir de exemplo a sua magnífica *Tragedia do Oceano*, que abre com uns admiraveis alexandrinos, conserva-se quasi até chegar ao fim em uma altura onde já podem gravitar es-trellas, para terminar friamente.

Um poeta, que possúe um vocabulario riquíssimo e que tem "a rima facil e muitas vezes nova", (56) abusar de tão raros dons, para enrugiar a púrpura dos seus ver-sos, com rimas triviaes e pobres, em algumas estrophes, chegando até a esquecer-se de uma rima, como se vê no quarto verso da poesia *Enlevo*, isto é imperdoavel. Em-pregou, tambem, sem ordem artística, rimas breves e agu-das em mais de uma poesia da adolescencia e mesmo da

---

(55) MEDEIROS ALBUQUERQUE, *A Noticia*, de 1903.

(56) FRANKLIN TÁVORA, *Revista Brasileira*, 1880.

mocidade. Empregou também a mesma rima mais de uma vez em uma só composição, e isto em diversas poesias.

Mas DIOGO DE VASCONCELLOS corre em seu auxílio, quando lhe diz: — “Achar a dureza de um verso seria censurar uma pedra que dêsse ao rio o sussurro mavioso das aguas; ver numa rima a phrase diminuida, seria tirar á partitura a sensação da nota discordante; fechar os olhos ás imagens menos felizes. seria querer um ceu sem nuvens, que justamente são o encanto das horas, a variante deleitosa do eterno azul. Não tenho ânimo de segregar-lhe os versos. de viviseccal-os na cruel anályse, que por um momento que fosse, me privasse da vida, da formosura e do conjuncto”. (57)

Na obra completa de MUCIO TEIXEIRA, porém, desapparecem esses ligeiros senões diante de tamanho número de grandes bellas. O poeta “é provector na arte divina da poesia; não é um novel, que ensaia os primeiros e tímidos surtos. Já está afeito ás alturas, onde se remonta e libra-se com possantes azas; onde fíta os olhos penetrantes, e banha o espírito nas torrentes luminosas que se despenham dos astros. Poeta laureado, alteando-se entre os confrades, usa — soberbo e soberano — de seu direito, na vastidão dos proprios dominios, isto é, da fantasia”. (58)

ALCIDES MAYA reconhece que MUCIO TEIXEIRA “é sem contestação um dos autores brasileiros que desfrutam

(57) DR. DIOGO DE VASCONCELLOS, *Carta a Mucio Teixeira, Jornal do Commercio*, 1892.

(58) EUNAPIO DEIRÓ, anályse das *Leviandades de Clymenc*, na *Revista dos Estados*, 1907.

de maior renome, não só no paiz mas tambem nos principais centros de cultura da América Latina, em Portugal e Hespanha”; e observa tambem que o grande poeta “tem notaveis qualidades literarias, que por longo tempo a imitação de obras alheias não permittiu que se manifestassem em toda a sua plenitude”. (59)

Os poetas que exerceram influencia na sua formação literaria foram, successivamente, BOCAGE e CASIMIRO DE ABREU, na infancia ainda; ALVARES DE AZEVEDO, CASTRO ALVES, GUERRA JUNQUEIRO, VICTOR HUGO e CAMPOAMOR, na adolescencia. O grande cantor d’O *Drama Universal* foi talvez o único que durante longo tempo exerceu influencia directa na obra colossal de MUCIO TEIXEIRA. Hoje elle é um poeta completamente emancipado, com direito de figurar ao lado dos que subiram mais alto.

Disse JOAQUIM NABUCO esta nítida verdade: “Um grande poeta pode ser muitas vezes medíocre, mas um homem medíocre nunca pode se elevar uma só vez á altura de um grande poeta”. Não ha um só dos nossos melhores poetas que tenha obra perfeita. Os parnasianos, que se intitulam os zeladores da fórmula, estão longe de attingir a verdadeira perfeição artistica. Nenhum delles, a começar pelos de maior nomeada, deixa de misturar arbitrariamente assonantes e consoantes, apesar de toda a sua proficiencia de *rimadores mechânicos*, como disse MARCO ANTONIO SALUZZO.

A obra de MUCIO TEIXEIRA, apesar de imperfeita, é uma das mais completas e mais bellas de qualquer lite-

---

(59) *O Paiz*, de 2 de Fevereiro de 1904.



ratura. MUCIO foi o único poeta brasileiro que produziu em todas as escolas literarias do seu tempo, além de ser tambem o único da sua geração que escreveu livros de poesias em idioma estranho, e isso com tal conhecimento da alheia lingua, que os que della eram donos *pour droit de naissance*, applaudiram a quem da mesma se apossou *pour droit de conquête*.

Um poeta que produz tanto e com tanta superioridade, que começou a cantar na infancia, atravessou a adolescencia e a mocidade cantando, e a cantar tem passado quasi meio século, em plena virilidade ainda, cheio de crenças e illusões, como si fosse um joven, cantando agora como cantava aos 20 annos, com o mesmo entusiasmo, a mesma melodia, a mesma facilidade, a mesma abundancia e o mesmo fulgor da juventude, é incontestavelmente um poeta extraordinario!

### VIII

MUCIO TEIXEIRA lia os grandes poetas da humanidade, traduzindo aquelles que mais lhe impressionaram : PYTHÁGORAS, THEÓCRITO, GOETHE SCHILLER, BYRON, HEINE, HUGO e CAMPOAMOR, além de outros, de menor vulto, mas que tambem lhe causavam deleite. Traduziu do primeiro os *Versos Doirados*, prestando com isso um grande serviço á patria e á moral; do segundo traduziu o *Idyllio* que se lê no livro das *Poesias e Poemas*; de GOETHE, o *Fausto* e *A Noiva de Corintho*; de SCHILLER, *A Luz* e *O Berço e o Mundo*; de BYRON, a *Parisina* e os

dois primeiros cantos do *Don Juan*; de HEINE, o *Intermezzo Lyrico*; de HUGO, muitas poesias; e de CAMPOAMOR, quasi todos os poemas. Não esquecendo *O Cântico dos Cânticos*.

MUCIO TEIXEIRA precede a sua tradução dos *Versos Doirados* de uma longa *introdução*, em que diz: -- "PYTHÁGORAS apparece aqui nestas páginas sob o duplo aspecto de poeta e philósopho, que transparece da sua poesia synthética e saturada de uma philosophia que reflecte a irradiação dos mythos levantinos e as sombras crepusculares da severa moral, que ainda hoje permanece sobranceira na alma occidental. O meu trabalho de interpretação e preferencia, traduzindo-o, obedece ao natural impulso de uma siminilidade pessoal, que vibra no íntimo do meu sêr, desde os sonhos juvenis embalados na rêde dos raciocinios, que já transluzem nos *Novos Ideaes e Prismas e Vibrações*, até o meu poetar desembaraçado e mystico do *Campo-Santo*.

Elle veio do Oriente para o Occidente; eu volto-me de cá para lá; e ambos, nímiamente aristocratas, mas sem o pretencioso dogmatismo sacerdotal, na simples preocupação de expor, sem impor, repellimos as fábulas vulgares, pintando a verdade, nua e crua, soerguendo-se do poço dos preconceitos, e empunhando o límpido espelho da razão humana focalizando o influxo divino. Ambos nos afastamos tanto das superstições do vulgo, como da descendencia democrática dos philósophos jonios, no constante intuito altruista de fazer sahir a sciencia da noite do mysterio, involta na túnica diáfana dos symbolos; sendo, tanto para elle como para mim, a natureza e a lin-

guagem, o symbolo de um ideal invisível que se mostra ás almas por meio da ordem physica”.

O *Idyllio de Theócrito*, literalmente traduzido para o vernáculo, com aquellas liberdades do dizer primitivo, exigiu do nosso poeta muito cuidado e subtilezas, para não sacrificar o texto nem ferir as conveniencias do pudor da phrase, si assim podemos nos expressar. MUCIO sahiu-se admiravelmente dessa dupla responsabilidade mental e moral, fazendo como HOMERO, que em determinadas occasiões corre uma nuvem sobre as intimidades de Júpiter e Juno... Ainda assim, CARLOS DE LAET, com aquella malicia que o caracteriza, usou desta ironia: — “O *Idyllio* é um dos mais eróticamente completos. Está claro, porém, que nisto ao sr. MUCIO não cabe responsabilidade, pois que cuidadosamente evita agora a cultura do gênero, por conta propria”.

Na interpretação fiel da maior epopéa da Allemanha, ouçamos um proprio crítico allemão, CARLOS VON KOSERITZ:

“Ha pouco ainda me mandastes uma traducção de GOETHE, que prova quanto sois mestre da fórmula, e como versos irreprehensíveis baixam dos bicos da vossa inspirada penna, sem constrangimento nem esforço, ainda mesmo em traducção”. ARTHUR DE OLIVEIRA, familiarizado com os maiores poetas de todas as literaturas, depois de observar a expontaneidade de MUCIO TEIXEIRA, tanto nos versos originaes como nos que traduzia com tamanha facilidade, escreveu: “Ha nas suas poesias, não só a suavidade e correcção artística, mas uns tons voluptuosos de lagos tranquillos e uns reflexos sinistros de oceanos em

tempestades!... Só a América produz destes seres phenomenaes, que não são lógicos na índole, nem submissos nas fórmulas. Ha sempre nelles, mesmo nos espíritos mais disciplinados, uma scintilha de EDGARD POE!"

Traduziu de SCHILLER a balada *A Luva* e uma estrophe lyrica que tem o valor de um poema, pela prodigiosa synthese que encerra, — *O Berço e o Mundo*. *A Luva* está feita de maneira essencialmente dramática, arrebatadoramente entusiasta. Duvidamos que o proprio original consiga produzir tamanha impressão. Tornou-se, por isso, verdadeiramente popular, sendo durante muitos annos anuidadas vezes recitada em salões particulares e theatros do Brasil e Portugal. AUGUSTO-EMILIO ZALUAR, que a dizia com êmphase romântico, exigiu-a, dizendo um dia a MUCIO: — Dá-me esta poesia, quero que lighes nella os nossos nomes, sob pena de *atirar-te a luva*... si o não fizeres"... E a dedicatoria foi feita *ex corde*. A estrophe solitaria d'*O Berço e o Mundo* é esta:

E' grande para o infante o berço onde elle dorme,  
 Como em pétala de rosa um pingo de sereno;  
 Cresce, é homem por fim: e o mundo, que é enorme,  
 Chega a lhe parecer ás vezes bem pequeno!

A *Parisina* de BYRON, que tantos traductores tem tido no Brasil e em Portugal, alguns bem distinctos, como BULHÃO PATO, o barão de PARANAPIACABA e DIAS DA ROCHA (cujas traducções foram desataviadas do esplendor da rima), atrevemo-nos a asseverar que só em MUCIO TEIXEIRA foi que encontrou o seu verdadeiro intérprete.

FRANCISCO OCTAVIANO e PIRES DE ALMEIDA, que tantos trabalhos traduziram de BYRON, manifestaram-se de perfeita harmonia com o que dizemos.

Este, em carta que MUCIO TEIXEIRA conserva no seu archivo, depois de chamar-lhe “Mestre e inspirado”, subcrevendo-se “o mais *velho* de seus discípulos, porém, o mais ardente admirador, talvez, do seu espontaneo talento”, declarou que: “Assim que acabei de ler a tua traducção da *Parisina*, corri a rasgar a traducção que eu já havia feito desse poema”.

F. OCTAVIANO, em carta publicada na imprensa e transcripta em *nota* do *Campo-Santo*, á página 510, diz: —“Acabo de ler a sua *Parisina*, no *Jornal do Commercio*; (60) e não podendo correr a abraçal-o, pois o Senado me desvia do Parnaso, mando-lhe nestas linhas os meus entusiásticos applausos. Você conseguiu, como traductor, o que ninguem mais havia alcançado: fez esquecer o autor . . . e o autor é BYRON!”

A traducção do *Intermezzo Lyrico* de HEINE, inédita até hoje, por isso ainda não foi julgada pela crítica; mas nós, que a conhecemos, não vacillamos em considerá-la uma das melhores da literatura brasileira. Os *números* todos são rimados e de metrificacção variada, e o poema começa por este

#### PRÉLUDIO

Vamos agora entrar na floresta encantada  
Onde a brisa, a correr, brinca de flor em flor;

(60) *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, 1883.

A lua, que surgiu na esfera constellada,  
Com seus brandos clarões enche-me de languor.

Eu caminhava só, triste e silencioso,  
Quando senti de leve uns rumores no ar:  
E ouvi o rouxinol, cantando melodioso  
O seu hymno de dor, que tanto o faz penar.

Elle canta do amor a lenda tormentosa,  
Lamenta-se, a sorrir, num êxtasis sem fim;  
E eu, ouvindo enlevado aquella voz saudosa,  
Acordei do meu sonho: ai, mísero de mim!

Fui andando, a scismar; no fim do descampado  
Vi um castello enorme e de sinistra cor:  
Era sombrio e alto, um mausoléu fechado,  
Falando, na mudez, de mysterioso horror!...

Tinha em cima da porta a Esphinge incomprehensivel,  
Sorrindo de pesar... chorando de praser...  
O corpo, as mãos e os pés são de um leão terrivel;  
O seio aveludado e a fronte de mulher.

O rosto esculptural e os olhos chammejantes  
Accenderam em mim desejos sensuaes;  
E os labios de coral, vermelhos, excitantes,  
Tremiam na fluidez das crispações carnaes.

E o rouxinol cantava... Aquella voz tão doce  
Dizia um não sei quê... não pude resistir,  
Beijei-a! e na minh'alma, attônita, entornou-se  
Um gôso, que outro igual ninguem pode fruir!...

E a pedra se animava... e a estatua se movia...  
E a mulher suspirou, na languidez do amor!

Chegou-se para mim: e a soluçar, gemia,  
Beijando-me, a tremer, com sôfrego fervor!...

Quasi sorveu assim o alento derradeiro  
Da minha vida inteira, em delirio infernal!  
E tanto me apertou ao seio traiçoeiro,  
Que o peito me esmagou nesse abraço fatal!...

Mas que martyrio bom! que doce soffrimento!  
Era uma angustia triste esse prazer sem fim!...  
E enquanto os beijos seus me enlouqueciam, lento  
Me abria o coração com as unhas de marfim!

E o rouxinol cantava... E no seu triste canto  
Parecia dizer: — Ó bella Esphinge! Amor!  
Por que mesclas a treva á luz, o riso ao pranto?  
E, que és tu, afinal, mysterio enganador?...

Traduzindo VICTOR HUGO, MUCIO TEIXEIRA, com o mesmo vigor que caracteriza o poeta das hypérboles e das antítheses, precedeu as suas traducções de um prólogo, escripto no mesmo estylo do grande poeta e incomparavel prosador d'*Os Miseraveis*, que abre assim: — "VICTOR HUGO é a mais lógica expressão deste século. A grandeza de um coincide com a grandeza do outro. A aproximação dessas duas enormidades deu ensejo á permuta de um berço e um túmulo por um nome e uma gloria. Este século dá esse nome á posteridade; a posteridade pode dar esse nome a este século.

Um e outro surgiram quasi ao mesmo tempo, cresceram, lutaram juntos; juntos e quasi ao mesmo tempo é que ambos desaparecem. Alimentaram-se de utopias sa-

gradas e gastaram-se em lutas heróicas. Assistiram ao espectáculo surprehendente das mais completas manifestações das energias humanas, desde o assombro individual synthetisado em NAPOLEÃO, até ás maravilhas collectivas, ampliadas pela electricidade.

O século XIX ligou as nações e libertou os povos; VICTOR HUGO identificou as idéas e libertou as consciencias. Ambos tiveram por inimigos o fanatismo e a tyrannia. BISMARCK e MASTAI fizeram o século entranhar-se pelos despenhadeiros da Idade Média; NAPOLEÃO III, *le petit*, fez com que VICTOR HUGO errasse pelas agruras do exilio. O século, porém, viu Paris reconquistar as suas aguias, arrebatadas em Sedan, e conseguiu a unidade da Italia; VICTOR HUGO viu tambem de novo a terra da patria, e conseguiu a queda do segundo imperio. HUGO e o século hão de entrar, tão grandes e tão bellos, pelo caminho largo dos tempos, que a posteridade nem ha de dar pela differença deste resto de annos que nos separam do século XX". (61)

MUCIO TEIXEIRA traduziu quasi toda a obra poética de CAMPOAMOR, excepto o poema *Colon* (por já existir na nossa literatura o de PORTO ALEGRE sobre o mesmo assumpto), e as composições ligeiras dos primeiros livros do grande poeta hespanhol. Dessas traducções, que estão inéditas na maioria, apenas foram publicados fragmentos do *Drama Universal*, algumas *Doloras*, *Humoradas* e *Cantares*; os *Pequenos Poemas*: — *A Noiva e o Ninho*; *Doces Cadeias*; *O poder da illusão*; *Don Juan*; *A historia*



de muitas cartas; *A Calumnia*; *O Pião e a Boneca*; e a comédia em verso *Chímica Conjugal*.

Ouçamos agora FELIX FERREIRA: “Não se pode ser mais poeta, nem ter mais sentimento; a harmonia, a sonoridade destes versos resoam como a descida de um fio d’agua pela rocha que o desenrolar dos séculos puliram e afeçoaram á passagem da lympha. Não seria difficil apontar muitas passagens de seus poemetos de igual melodia e suavidade; nas suas traducções de CAMPOAMOR ha trechos verdadeiramente musicaes. MUCIO TEIXEIRA vibra todas as cordas da lyra com a mesma maestria: a musa da facecia como a da melancolia estão sempre a seu dispor. Como uma daquellas fadas de que nos falam os contos para a infancia, o poeta tem uma vara mágica, ao meneio da qual acode-lhe a inspiração, moldando-se a todos os seus caprichos e fantasias”.

Traduziu tambem o poema-dramático oriental *O Cântico dos Cânticos*, cuja autoria tem sido attribuida a ESDRAS, NEHEMIAS e SALOMÃO, e que não se explica como foi introduzido na Biblia, sensual como é, e sem nenhum intuito de ordem moral ou religiosa. Este poema já tinha sido vertido entre nós, por um poeta pernambucano, cujo nome nos escapa á memoria, e em Portugal pelo lyrico JOÃO DE DEUS; mas a traducção de MUCIO TEIXEIRA é indiscutivelmente superior áquellas. O erudito escriptor e poeta dr. CASTRO LOPES, em detalhada anályse deste trabalho, termina assim:

“*O Cântico dos Cânticos*, o *Schir, haschidim*, como se diz em hebraico, o *Asma ásmaton*, como lhe chamam

os gregos; si representa esse monumento poético *um drama e um canto de núpcias*, — *Nunphykon drama te kai asma* (62), não é isso o que importa agora averiguar. Poéticas e artificiosas umas, ridículas e absurdas outras, são as interpretações que ao *Cântico dos Cânticos* deu a antiguidade sábia. ORÍGENES, arrebatado por um mysticismo desculpavel no seu tempo, quer ver neste cântico a figura do epithalamio da Igreja com o seu celeste esposo JESUS CHRISTO.

O philósopho de Fernay, o sarcástico VOLTAIRE, de quem não sou cego partidario, esqueceu, ou fingiu esquecer, analysando o *Cântico dos Cânticos*, que se deveria dar o devido desconto á diversidade dos tempos, da lingua santa, dos costumes de épocas tão remotas; esses motejos e zombarias, que poderiam até parecer de um ignorante, si de tão sábia penna não tivessem sahido, em nada diminuíram o esplendor, a magnificencia, o sublime desse poema hebraico, admirado em todos os tempos e por todos os grandes homens de nações cultas.

Apenas concordo com o primeiro vulto literario do século XVIII em não ser *O Cântico dos Cânticos* allegoria mystica das nupcias da Igreja com JESUS CHRISTO. Com effeito, como admittir similhante allegoria com as seguintes palavras: — *Soror nostra parva, et ubera non habet*, etc. ? (Nossa irmã é pequena; ainda não é nubil). Este tópico final não vejo traduzido por MUCIO TEIXEIRA; donde concluo que o sabio orientalista RENAN não

---

(62) S. Gregorio de Nazianzo.

o passou para a versão francesa, que o nosso inspirado poeta tão primorosamente metrificou.

*O Cântico dos Cânticos*, expressão que constitue um verdadeiro hebraismo, é uma das fórmulas do superlativo em hebraico; equivale a *Canto sublime*. Este simples reparo não tome o poeta como censura: porquanto, desde séculos tem o mundo literario consagrada aquella expressão em as linguas para que foi vertido o esplêndido poema. Mas eis-me insensivelmente resvalando para o terreno philológico e linguístico; tal não é o meu fim.

Algumas traducções em verso portuguez tenho visto do *Cântico dos Cânticos*; confesso, porém, com grande prazer, que nenhuma mais do que esta me agradou, pelas bellas singelas da fórma, pela fluidez e harmonia dos versos, pela metrificação variada, pela naturalidade das expressões, pelo dizer mimoso do pensamento; em uma palavra, pelo decoro da phrase; difficuldade brilhantemente vencida, tendo de ser vertidos pensamentos e vocabulos, que para o nosso tempo, nossos costumes e nossa lingua, seriam incastos”.

## IX

Nos primeiros annos de sua ascensional carreira litteraria MUCIO TEIXEIRA só encontrou applausos, sendo apenas uma vez atacado traiçoeiramente por um crítico porto-alegrense, que veio confirmar assim a dupla verdade de que não ha HOMERO sem ZOILO, ou HUGO sem MIRECOURT; e tambem que, como disse JESUS, “ninguem

é propheta na sua terra". O ataque foi o mais desleal possível: MUCIO estava ausente do Rio Grande do Sul, não podendo imediatamente esmagar o covarde agressor; mas o *pseudo*-crítico encontrou pela frente as pennas fulgurantes e vingadoras de JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS, APOLLINARIO PORTO ALEGRE e BENJAMIM VILLAS-BÔAS, que o obrigaram a *murchar as orelhas*, como se diz em gíria popular gaúcha.

Os applausos e as homenagens continuaram em toda a linha a coroar os novos triumphos do poeta victorioso, cujo nome era unánimemente acclamado dentro e fóra do paiz, até que finalmente foram interrompidos por uma surrateira turbamulta, de invejosos e impotentes, (63) que não tendo a coragem precisa para atacar o laureado cantor dos Pampas, foram a pouco e pouco procurando minar o terreno que elle pisava firme, estendendo em torno do seu glorioso nome a conspiração do silencio, que durou mais de vinte annos! . . .

Finalmente, um dos mais cynicos entre os dissimulados eunuchos, que se remordiam nas trevas, por ver que as edições dos livros de MUCIO TEIXEIRA continuavam a ser esgotadas, sem o carnavalesco estrugir das fanfarras do *elogio mútuo*; ergueu-se inopinadamente da sua despercebida nullidade, e de longe, lá dos confins do Amazonas, quebrou o prolongado silencio, apparecendo nas columnas de um jornal de Manáus, atacando o nome de

---

(63) Foi em referencia a *elles* que SYLVIO ROMERO escreveu: "MUCIO TEIXEIRA é um cimo, no meio de algumas dezenas de rapazes que ahí vivem a fazer alexandrinos"... Etc.

MUCIO TEIXEIRA, no terceiro artigo de uma serie em que tambem foram vampiricamente desrespeitados os nomes de GONÇALVES DIAS e CASTRO ALVES.

Esta segunda aggressão á distancia (tal a coragem dos cautelosos atacantes) ainda foi mais violenta e menos criteriosa que a primeira; mas o pobre diabo, entendendo que para se poder entrar no templo da literatura, sem credenciaes de talento, o único meio ao alcance dos neóphitos é derrubar as imagens que se ostentam nos altares, nem viu, na sua precipitação, que podia pisar no callo de algum crente, que o corresse dali a pontapés, ou ser esmagado pela propria estatua desmoronada do pedestal.

Felizmente estava então naquella cidade do extremo norte do Brasil um dos mais dedicados amigos de MUCIO TEIXEIRA, o joven e insigne poeta FRANCISCO MANGA-BEIRA, que com a sua penna diamantina e os vibrantes acordes de sua lyra d'oiro, produziu uma admiravel defesa em prosa, secundada por uns immorredouros versos, de que apenas cabe aqui o seguinte fragmento:

. . . . .  
. . . . . Vou contar agora  
De um grande Poeta a vida amargurada:

Imagina um leão, temido outr'ora,  
Quando a juba frenético eriçava  
Rugindo e urrando pela matta em fóra...

E então as outras feras humilhava  
Pela força e arrogancia e formosura  
Com que seus inimigos derrubava...

Imagina-o depois, entre a amargura:  
Crispa as garras leaes, e, perseguido,  
Vai abrigar-se na floresta escura,

Sem soltar um lamento, ou um gemido  
Que denuncie a magua que consome  
Seu grande coração incompreendido.

Assim este Poeta, cujo nome  
Foi um canto guerreiro de victoria  
Para os que tinham do Ideal a fome.

Ai! existencia rápida e illusoria,  
Què hoje ós farrapos da miseria lanças  
A quem lançaste as clámides da gloria!

Por que enches de tristeza e de provanças  
O coração genial deste Poeta,  
Que encheste já de crenças e esperanças?

Conheci-o a arrostar a sorte inquieta,  
Como o nauta o furor dos elementos,  
Com a indiferença heroica de um propheta.

E' que elle sabe que o furor dos ventos  
Passa, e logo depois surgem mais puros  
Outros sóes em mais claros firmamentos

Elle sabe que a dias tão escuros  
Succede o almo arrebol sempre sonhado  
De dias imprevidos e futuros...

Ai, pobre sonhador incontentado,  
A quem o desespero do presente  
Quer arrancar os louros do passado!

Bem sei que o seu espírito não sente  
Dor alguma por ver como é que o assalta  
Uma legião homérica e valente...

Sua affoitesa de hontem não se exalta,  
E si ao peito lhe sobra o estoicismo,  
Por sua vez a submissão lhe falta.

Abençoado seja este heroísmo,  
Que faz com que elle, impávido e sereno,  
Fite o enganoso e traiçoeiro abysmo.

E assim recorda um outro DEUS helleno  
A cuja enorme audacia todo mundo  
Era estreito, misérrimo, e pequeno.

E' que elle tem o coração tão fundo  
Como o oceano, e é, como elle, bonançoso  
Às vezes, e outras vezes iracundo...

E, como o mar no leito mysterioso,  
Guarda monstros crueis e ideal riqueza  
Seu grande coração maravilhoso.

E' que nelle o veneno da tristeza  
Se destróe ante a força da coragem  
Que o torna quasi igual á natureza.

Sua vida inconstante é uma voragem,  
Onde o martyrio vive sempre alerta  
E a ventura deslisa de passagem...

Até recorda uma janella aberta  
Por onde entra o tufão do desatino,  
Que vem roncando da amplidão deserta...

E' um Prometheu indómito e divino,  
Que sorri do furor com que o magôa  
O abutre negro e vil do seu destino.

E' um doce rei, que sem a ideal corôa,  
De que já foi o decantado dono,  
Um vivo canto de triumpho entôa...

Firma-se em seu valor, como num throno;  
E da injuria fazendo um sceptro augusto,  
Fica maior, ficando no abandono!

Assim o cedro válido e robusto  
Ri-se do furacão que, blasphemando,  
Se agita em roda do seu tronco adusto.

E é só por isso que o amo desde quando  
O encontrei, sob o ceu de minha terra,  
Contra os ursos da intriga pelejando...

E então pude sondar a luz que encerra  
Seu coração repleto de virtude,  
Como de paz o cimo de uma serra.

Encontrei-o uma vez, hediondo e rude  
Junto ao leito de um filho que morria,  
E seus sonhos levou num ataúde...

E era tão negra e trágica e sombria  
A dor, a que elle estava acorrentado,  
Que o não esqueci mais desde esse dia...

E o vejo, qual navio abandonado,  
A' chuva, ao sol, ao dia, á noite e ao vento,  
Tendo ao mastro possante e inabalado

A bandeira do amor e do talento. (64)



MUCIO TEIXEIRA nem pôde agradecer ao seu grande amigo esta immortal demonstração da sua verdadeira amizade, pois o desventurado dr. MANGABEIRA morreu, na flor dos annos, quando regressava ao seio de sua familia, na Bahia, exhalando o último suspiro a bordo do paquete *S. Salvador*, entre o Pará e S. Luis do Maranhão, onde foi enterrado, no dia 28 de Janeiro de 1904. MANGABEIRA, por singular coincidência, nascera na mesma rua onde morreu CASTRO ALVES: e veio a morrer no mar, na mesma latitude onde morrera GONÇALVES DIAS.

Voltando aos seus ZOILOS, basta lembrar o que diz MUCIO na *Epístola a Fabio Luz*:

Si a matilha das sátyras açulo  
Contra os que vêm d'encontro aos meus direitos,  
No baraço da estrophe os estrangulo!...

A grande verdade é esta: si o poeta dos *Novos Ideaes* e da *Terra Incógnita* teve contra si a malta dos invejosos, levou sempre atraz de si uma legião de admiradores. Foi alvejado por *jagunços*, que só atiravam, por traz dos troncos, ou agachados nas tocaias; mas foi defendido por heróes, que combatiam de peito descoberto; e ai daquelle que ousasse provocal-o de frente: — *Havia de rugir até cahir de bruços!* (65)

Perguntando-lhe, um dia, porque apertava a mão de um individuo que andava a calumnial-o pelas confeitarias, onde passava os dias e parte das noites, respondeu-

(65) Verso do *Tribuno-Rei* de MUCIO TEIXEIRA.

nos: — “Assim como sou escrupuloso na escolha dos meus amigos, tambem não é a qualquer que dou a honra de considerar como inimigo”.

Para os dois nomes, dos críticos que o atacaram e que não figuram aqui para não macular esta página, ha centenas de nomes, alguns já perpetuados na historia literaria e política de seus respectivos paizes, que lhe tributaram as merecidas homenagens. SYLVIO ROMERO considerou-o “um dos maiores poetas da América” (66). O conde de LAET acha que “a reputação poética do sr. MUCIO TEIXEIRA não pode ser mais posta em dúvida”. (67) JOSÉ VERISSIMO diz que “o nome do sr. MUCIO TEIXEIRA honra a qualquer literatura, ainda as mais ricas”. (68) MEDEIROS ALBUQUERQUE reconhece que “MUCIO TEIXEIRA é um bom e grande poeta”. (69)

Referiram-se ainda ás suas notaveis qualidades de grande poeta, entre outros, os seguintes escriptores nacionaes e estrangeiros, dos quaes conservamos os juizos críticos; e de que daremos agora aqui mais de cento e cincoenta nomes, em ordem alphabética, para não serem feridas delicadas susceptibilidades:

Abel Botelho, Achylles Porto Alegre, Adelaide de Castro Alves, Agenor Carvoliva, Alberto Gervais, Albino Costa, Alcides Maya, Alexandre Fernandes, Alfredo Bastos, Alfredo Dumond, Alfredo de Paula Freitas, Alice de Chazot, Alice Rizza, Amalia Figueirôa, Anastacio do

(66) Dedicatoria, em autógrapho, de um dos seus livros, a MUCIO TEIXEIRA.

(67) *O Microcosmo*, no *Jornal do Commercio*, 1888.

(68) Conferencia feita em Lisboa, em 24 de Setembro de 1880.

(69) *A Noticia*, 1903.

Bonsuccesso, Annibal Falcão, Antonio Baptista Pereira, Antonio Figueira, Araripe Junior, Arthur Azevedo, Arthur Barreiros, Arthur de Oliveira, Assis Brasil, Atalia Bianchi Betoldi, Augusto Alvares Guimarães, Augusto-Emilio Zaluar, Barahona Vega, barão de Sant'Anna Nery, barão do Rio Branco, Barros Junior, Benjamim Villas-Bôas, Bethencourt da Silva, Bittencourt Sampaio, Caldas Junior, Caldre e Fião, Carlos Doemon, Carlos Ferreira, Carlos Jansen, Carlos von Koseritz, Carmen Dolores, Carvalho Junior, Castro Lopes, Charles Morel, conde de Laet, Corinna Coaracy, Corrêa de Menezes, Dantas Barreto, Dantas Junior, Diego Jugo Ramírez, Diogo de Vasconcellos, Dolores de Avellaneda, Domingo Ramón Hernández, Domingo Santos Ramos, Eduardo Calcaño, Eduardo Perié, Elpidio Lima, Epaminondas Cavalcanti, Eunapio Deiró, Fabio Luz, Fagundes Varella, Felipe Tejera, Felix Ferreira, Felix Soubllette, Fernandes Costa, Fernando Osorio, Ferreira de Menezes, Fombona Palacio, Francisco Calcaño, Francisco Mangabeira, Francisco Muniz Barreto Filho, Francisco Octaviano, Franklin Távora, Garcez Palha, Gerónimo de Chiacara, G. Noronha, Goulart de Andrade, Guimarães Cerne, G. Spencer, Guilherme Bellegarde, Gustavo Silva, Gustavo Vianna, G. Uzcanga, Heraclio de la Guardia, Herrera Toro, Ignacio de Vasconcellos, Irvan Heinac, Jacinto Gutiérrez-Coll, João de Barros, João Manuel Baptista Pereira, Joaquim Nabuco, Joaquim de Salles Torres Homem, Joaquim Nunes, Joaquim Serra, José-Antonio Calcaño, José Bernardino dos Santos, José Mathias, José do Patrocínio, José

Petitinga, Julieta Monteiro, Julio Calcaño, Julio Prestes, Laudelino Freire, Leopoldo de Freitas, Lima e Castro, Lobo Barreto, Lobo da Costa, Lopes Trovão, Louis Gaubast, Lucio Cidade, Luis de Castro, Luis dos Reis, Luis Nóbrega, Machado de Assis, Manhães de Campos, Mansos d'Asia, Manuel María Fernández, Marco-Antonio Saluzzo, Martins Junior, Mario Roso de Luna, Max. de Vasconcellos, Maximino Maciel, Mello Moraes Filho, Miguel de Werna e Bilston, Moreira de Vasconcellos, Oliveira Bello, Oliveira de Menezes, Oscar Pederneiras, Pedro Couto, Pereira Pinto, Pessanha Póvoa, Pinheiro Chagas, Pinto Monteiro, Pompilio de Albuquerque Mello, Quintino Bocayuva, Raymundo Corrêa, Revocata de Mello, Reynaldo Carlos Montóro, Salvador Rueda, Servilio Gonçalves, Silva Figueiró, Silva Senna, Simón Soublette, Soares Romeu, Sylvio Romero, Teixeira Bastos, Teixeira de Mello, Teixeira de Sousa, Terencio de Miranda, Theodoro de Miranda, Theóphilo Braga, Theresa G. da Silva, Torquato Bahia, Vasco de Araujo e Silva, Velho da Silva, Victor da Cunha, Victor Orban, Virgilio Vidigal, visconde de San Miguel, visconde de S. Boaventura, visconde de Taunay.

Foi MUCIO TEIXEIRA “o poeta imperial”, nos últimos annos do reinado de D. PEDRO II. Este sabio monarca, que sempre chamou a si os maiores poetas do seu tempo, a nenhum dispensou tantas e tamanhas provas de verdadeira estima pessoal. Mandou nomeal-o secretario geral do governo de uma provincia, quando o poeta apenas contava 22 annos de idade; e poucos annos depois,

tendo MUCIO TEIXEIRA se incompatibilizado com o presidente do conselho de ministros, por motivos da propaganda abolicionista, o imperador chamou-o para o seu palacio, onde o poeta se conservou como hóspede até ser nomeado consul geral do Brasil nos Estados Unidos de Venezuela.

Na imperial quinta de S. Christovam, occupando o torreão do norte do palacio, MUCIO TEIXEIRA gosava das regalias de um príncipe: tinha ao seu serviço creados agaloados, carruagens brazonadas e cavallos de raça para os seus passeios diarios; á sua mesa sentavam-se os seus amigos, entre os quaes alguns republicanos, como ANNI-BAL FALCÃO e BITTENCOURT SAMPAIO; sendo seus mais assíduos commensaes os drs. CASTRO LOPES e PACHECO JUNIOR, ambos eminentes philólogos, e o primeiro erudito polygrapho.

Mais de uma vez, depois dessas sumptuosas refeições, o imperador mandava chamal-os para os seus aposentos, ou para o salão da sua bibliotheca, onde se entretinham nas mais encantadoras palestras literarias, nas quaes não havia o ceremonial do protocollo, como si fossem todos iguaes; apenas não se podendo fumar (o imperador sentia náuseas com o cheiro do fumo), o que levou MUCIO TEIXEIRA a dizer, no interessante perfil humorístico que intitidou de *Relâmpago ideal... real*: “não fuma, o que é louvavel; mas não me deixa fumar, o que é lamentavel, pois eu, quando não fumo, fico *fumando*”... (7º)

---

(7º) Artigo de MUCIO TEIXEIRA, no *Paiz*, Setembro de 1886.

Os seus livros *Hugonianas e Poesias e Poemas* foram impressos na Typographia Nacional a expensas da corôa, em riquíssimas edições; MUCIO apparecia nos bailes da côrte, nas festas, nos theatros e nas conferencias scientificas, sempre ao lado do seu magnânimo e soberano protector. A inveja não podia deixar de cravar-lhe os dentes aguçados pela calumnia. O imperador e o poeta riam-se... e mais ferozes com isso investiam contra ambos os jornalistas revolucionarios, aos quaes o sabio monarca sempre deu a mais ampla liberdade.

Foi, então, publicada uma comedia política, intitulada *Divinos e Mortaes*, cujos personagens eram: — “o Imperador, a Princesa, o conde d’Eu, o príncipe D. PEDRO, o cidadão MUCIO, o presidente do conselho de ministros, o ministro do Imperio, o mordomo da casa imperial, o marquez de Paranaguá, o médico do paço, visconde de Ibituruna, e o barão de Ramiz, aio dos principes, com os dois *petizes* pela mão”... Na *Cidade do Rio*, de JOSÉ DO PATROCINIO, constantemente eram impressos artigos da maior violencia, terminando um delles assim: — “Para concluir, estes versinhos, que devemos ao estro do poeta puxado a dois e com os os competentes *lagartos*, (71) *Mussiú Teixeira*:

“Eu sou o poeta illustre,  
Eu sou *O dedo de Deus*;  
Disponho de todo o paço:  
Servos e carros são meus.

---

(71) O povo appellidara de *lagartos* aos creados da casa imperial, que usavam farda verde, agaloada de branco, com botões doirados.

Sou Dom extranumerario,  
Mas tenho igual regalia,  
Sem aspirar da corôa  
Mais que o oiro e a pedraria...

Apraz-me esta bôa vida,  
Eu sou o HORACIO moderno;  
MECENAS vale aos meus olhos  
A cama, a mesa, o phalerno!

Uns tantos pulhas invejam  
A minha sorte; maldiz  
Certa imprensa pequenina...  
Amigô, faça o que eu fiz:

Vá cantando dia e noite,  
Chamando o Príncipe HOMERO,  
E depois... veja si ha mares  
Como entre LEANDRO e HERO,

Si for preciso, extenuado,  
Sumir-se por entre as vagas,  
Tendo carros e cavallos,  
Criados, e contas pagas...

Eu sou o poeta illustre,  
Eu sou o Dedo de Deus, (72)  
Nas minhas mãos tenho Cesar...  
Possuo os segredos seus ! ”

(72) *O Dedo de Deus* era o título de um notavel artigo, sem assignatura, que se sabia ser da lavra do barão de Loreto, respondendo ao de QUINTINO BOTAYUVA, intitulado *Um fêretro que passa* (alludindo ao navio que conduziu o imperador enfermo para a Europa, em 1887). PATROCÍNIO bem sabia que esse artigo não era de Mucro, mas preferiu attribuir-lhe a sua autoria... por motivos que são explicados na obra do poeta intitulada *Os homens do meu tempo*, de que já foram publicados alguns capítulos no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em Abril e Maio de 1914.

Alludem á intimidade de MUCIO TEIXEIRA com o seu imperial amigo os escriptores do tempo e ainda alguns do actual regimen. Assim, diz TORQUATO BAHIA: — “Nascido séculos antes, MUCIO teria sido trovador de feudaes castellos. Sem a proclamação da república, seria ainda o poeta da côrte imperial”. (73) — “Por influencia de D. PEDRO II, que apreciava merecidamente o seu esplêndido talento, MUCIO TEIXEIRA foi nomeado em 1880 secretario do governo de uma provincia do Norte, e mais tarde consul geral do Brasil nos Estados Unidos de Venezuela”. (74) — “Em tempos idos morou em régios palacios, comeu em áureos pratos, e em leitos brazonados já dormiu”. (75) “Orador, MUCIO fez a sua estréa na tribuna das *Conferencias da Gloria*, na presença do imperador, que o abraçou, aos olhos do auditorio, começando assim por onde os outros acabam”. (76)

Diz o general DANTAS BARRETO que MUCIO TEIXEIRA “escrevia folhetins no *Jornal do Commercio* da Côrte, em cuja folha foi recebido, segundo me informa um jornalista, a pedido do Sr. D. PEDRO II, por meio de um cartão, ao dr. LUIS DE CASTRO”. O poeta, porém, autorisa-nos a declarar que o Imperador não influiu de fórma alguma para a sua collaboração no grande órgão da imprensa brasileira. A magnanimidade imperial começou nesse mesmo anno a distinguir o poeta (1880), mas de maneira diversa: — honrando-o com a sua ami-

(73) *Diario da Bahia*, 1899.

(74) *Jornal do Commercio* de Porto Alegre, 1894.

(75) CALDAS JUNIOR, director do *Correio do Povo* de Porto Alegre, 1894.

(76) ARNALDO BRUNO, *O Brasil Literario*, Rio de Janeiro, 1893.



sade amparando-o no infortunio e na enfermidade, dando-lhe altos empregos, e chegando a hospital-o durante mais de tres annos no seu palacio de S. Christovam.

Escreve isto o redactor-chefe d'*O Rebate*: — “MUCIO TEIXEIRA teve a suprema felicidade de privar na intimidade do maior de todos os brasileiros, o velho e saudoso monarca que durante meio século preparou a gloria e o nome desta patria, tão abatida agora pelo despotismo e pela miseria do regimen instituido. Nos seus momentos de reflexões, nas suas horas de análise social, o grandioso soberano procurava sempre, para animal-o e distrahir-o, a musa altruista de MUCIO TEIXEIRA, que a seu pedido odes memoraveis produzia, revelando no verso cadenciado e cheio de harmonia e vibração os serviços iinestimaveis de patriotas como OSORIO e tantos outros, que jamais esta república possuirá”. (77)

Além da estima pessoal do imperador, MUCIO TEIXEIRA tambem alcançou a protecção da digna filha de D. PEDRO II, que, não consentindo que o poeta se retirasse do palacio imperial durante a demorada permanencia do soberano na Europa, colmou-o dos maiores obsequios e gentilezas, mandando tambem imprimir os seus versos em preciosas edições, e tomando as precisas providencias para que nada faltasse ao seu principesco tratamento no palacio de sua residencia e na casa dos semanarios, em Petrópolis, onde MUCIO costumava passar parte do verão.

(77) GAMA JUNIOR. *O Rebate* de 14 de Dezembro de 1901.

Foi ainda a Augusta Princesa Imperial quem mandou nomeal-o consul, acto que foi assim louvado pelo venerando fundador e director do *Lyceu de Artes e Officios* (de que MUCIO TEIXEIRA é socio titular): — “E Sua Altesa a Princesa Imperial, que lhe fez justiça, tirando-o do ostracismo a que a inveja e a calumnia de seus adversarios o votaram, terá ainda occasião de, admirando a sua musa poética e gentil, satisfazer o seu coração de mãe e a sua alma de Anjo da Guarda, abençoando a hora em que assim o protegeu”. (78) Enthusiásticos louvores tambem lhe tributou o redactor-chefe do *Cruzeiro*, dizendo que “foi preciso alta inspiração moral, desdém das intrigas e miserias dos pygmeus, alma de artista e coração de soberana, para comprehender esse espirito rasgado e sublime, um dos maiores da nossa lingua e do nosso tempo”. (79)

## X

MUCIO TEIXEIRA figura tambem em anthologias hespanholas, por ter escripto livros em prosa e verso no idioma de CERVANTES e CAMPDAMOR, com os quaes conquistou os mais enthusiásticos applausos dos grandes poetas e prosadores de Venezuela, de outros paizes hispano-americanos e da propria nação de GARCILASO DE LA VEGA. Os livros alludidos são: *Un año en Venezuela*, impressões de viagem, com a synthese histórica da patria

(78) BETHENCOUT DA SILVA, *Carta a Mucio Teixeira*, *Jornal do Commercio*, 1888.

(79) REYNALDO CARLOS MONTÓRO, *A nomeação de Mucio Teixeira*, editorial do *O Cruzeiro*, 1888.

de BOLÍVAR e ANDRÉS BELLO; *El Doctor Rojas Paul*, estudo do período presidencial do jurisconsulto que venceu a ditadura militar de GUSMAN BLANCO (1868-1888); *Semblanzas Venezolanas*, biographia em verso dos mais eminentes poetas da sua intimidade naquelle paiz; e *Celajes*, poesias, 1 volume: IV-363 páginas, dividido em tres livros.

Sendo o livro das *Celajes* o seu “ensayo de poesía castellana”, submetteu-o ao juizo de dois dos mais competentes y *renombrados* críticos, que só tiveram louvores, como se vê dos seguintes tópicos: — “Oye, poeta.—Antes de conocerte, antes de oír tus cantos, creía que la familia de los antiguos trovadores había desaparecido de la tierra. Pero estreché tu mano, llegaron á mí los acordes de tu lira, y biendigo á DIOS por no haber permitido que se extinga la raza de los hijos del canto; de los hombres divinos que alzan la frente al cielo circuida con la luz de la idea y atesoran en el corazón las promesas de la esperanza.

Tú no perteneces al vulgo de los sedicentes poetas, histriones del ingenio, rimadores mecánicos de artificios intelectuales. Tu poesía procede del alma y por eso será perdurable. Do quiera vayas estarás en tu patria, porque eres abnegado amante de la belleza, numen del arte; de la libertad, alma de las naciones; del amor, vínculo del progreso. — Poeta, créeme á mí. La belleza, la libertad y el amor han de inmortalizar tu nombre”. (80)

— “ Lo que quiere de mí MUCIO TEIXEIRA, en esta ocasión, es que lo tome de la mano y lo presente á mis compatriotas, telón bajo todavía, excitando la benevolencia general á perdonarle el atrevimiento ( así me ha dicho ) de escribir versos castellanos cuando apenas hace pocos meses que está oyendo hablar nuestra lengua. Por lo demás, no deja de ser necesario que diga él que es extranjero; pues por la lectura de sus versos, nadie se lo había adivinado. En efecto, ni el silabeo castellano, tan difícil para los extraños, ni la elección de las voces poéticas, ni la sintáxis, ni la propiedad de la expresión revelan que sea un neófito del idioma quien escribe. Cuanto á las imágenes y figuras, nada hay que extrañar en quien como MUCIO TEIXEIRA es poeta por organización y ha derramado á manos llenas los tesoros de su riquísima fantasía en diez y siete volúmenes que ha dado á luz en tan temprana edad, y con los que ha conquistado uno de los más altos sitios en el congreso de las celebridades americanas”. (81)

O livro *Poesías de don Mucio Teixeira* (vertidas al castellano por Poetas de Venezuela), é um formoso volume, onde se acham as mais bellas producções poéticas da adolescencia e da mocidade do cantor brasileiro, trasladadas verso a verso pelos seguintes poetas: — José-Antonio Calcaño, Eduardo Calcaño, Diego Jugo Ramírez, Felipe Tejera, Heraclio Martín de la Guardia, Jacinto Gutiérrez Coll, Julio Calcaño, todos da Real Academia Espanhola, e outros, de menos nomeada então, mas hoje

---

(81) DR. EDUARDO CALCAÑO — *Cuatro palabras*, Caracas, 1889.

de reputação firmada. E para que se veja o valor moral de cada um dos traductores de MUCIO TEIXEIRA, daremos em seguida uma ligeira noticia de todos elles:

JOSÉ ANTONIO CALCAÑO nasceu em Cartagena (Colombia) a 21 de Janeiro de 1827 e falleceu em Caracas a 17 de Dezembro de 1891. Foi consul Geral de Venezuela em Liverpool durante 20 annos e finalmente consul geral de Colombia em Venezuela. E' considerado o maior poeta da América latina. Em 1857 publicou o seu primeiro poema — *El Leñador*. São notaveis os seus *Cantos de Primavera* (1876), *El ruego de la inocencia*, *La levita negra*, e o livro de *Poesias*, editado em Paris pela casa Garnier.

EDUARDO CALCAÑO nasceu em Cartagena a 10 de Dezembro de 1831 e falleceu em Caracas em 1901. Era doutor em direito civil pela Universidade de Caracas, foi ministro de todas as pastas de Venezuela, durante 15 annos; deputado, senador; ministro plenipotenciario e enviado extraordinario nas principaes côrtes da Europa; e, além de membro correspondente da Real Academia Española, era membro numerado da Academia de Letras Venezolana, das Academias da Lingua e da de Historia, de Madrid, da Sevilhana de Bellas Letras e do Instituto de França. Orador altivolante e radioso poeta, cultivou tambem a música, escrevendo romances e nocturnos que se tornaram populares, como “prendas de oro en el repertorio del arte nacional”, revelando-se nelles “avanzado en la ciencia melódica y profundo en la historia musical”.

DIEGO JUGO RAMÍREZ nasceu em Maracaibo a 18 de Novembro de 1836 e falleceu em Caracas em 1903. Era filho de um dos próceres de independencia; distinguuiu-se como poeta e jornalista; foi ministro da Fazenda e director do Banco de Crédito Público; representou o Estado Julia em duas legislaturas como deputado ao Congresso Federal e era membro correspondente da Real Academia Espanhola. Deixou muitos liivros em prosa e verso, sendo notaveis os que se intitulam — *Arpegios, Violetas, Hojas de Estio, Cantos de la Patria, Armonías Filosóficas y Religiosas* e *Restos del Naufragio*, volumes de poesias e poemas; além de uma collecção de *Cuentos Fantásticos*, no gênero de EDGARD POE.

FELIPE TEJERA nasceu em Caracas a 26 de Maio de 1846. E' lente cathedrático da Universidade Central de Venezuela, membro numerado e censor perpetuo da Academia Venezolana, bibliothecario da Academia Nacional da Historia, e correspondente da Real Academia Espanhola. Suas obras principaes são: — *La Colombiada*, poema em XII cantos; *La Boliviada*, poema em XII cantos; *Triunfar con la Patria*, drama em 4 actos e em verso; *Poesías e Perfiles Venezolanos*. Diz ALIRIO DIAZ GUERRA: — "TEJERA es uno de los escritores más fecundos de Venezuela. Principió á escribir desde una edad relativamente corta, y ha ido ensanchando sus conocimientos de una manerá tan notable, que sus naturales disposiciones de escritor reposan sobre bases por demás sólidas y durables, que lo colocan en un puesto verdaderamente notable".

HERACLIO MARTIN DE LA GUARDIA nasceu em Caracas a 13 de Setembro de 1829 e falleceu na mesma cidade em 1892. Seguiu a carreira das armas, reformando-se com as estrellas de general. Foi tambem jornalista, deputado federal, senador, director da Secretaria das Relações Exteriores e consul geral de Venezuela no México. Era correspondente da Real Academia Espanhola, mas poeta ácima de tudo. Diz delle o MARQUEZ DE ROJAS, no livro *A Literatura Hispano-Americana*: — “Necesitábase escribir un tomo para mencionar las bellezas de todo género que esmaltan las composiciones de HERACLIO DE LA GUARDIA. El vate aparece en todas ellas á la altura de su misión, cual cumple á un hijo de este siglo”. Suas principaes obras são: *Poesías* (1870); *Centenario de Bolívar*, poema; *Guelfos y Gibelinos*, drama em 4 actos; *Don Fradique*, drama em 4 actos e em verso; *Parisina*, drama em 4 actos e em verso; *Cosmes 2.º de Médicis*, drama em 4 actos em prosa e verso; *Un Caprijo Real*, drama em 5 actos; *Policarpa Salavarrieta*, drama em 4 actos e em verso; *Don Pedro de Portugal*, drama em 4 actos e em verso; *Luchas del Progreso*, drama em 3 actos e em verso; *Fabricar sobre arena*, comedia em 3 actos e em verso; *La Línea Recta*, comedia em 3 actos e em verso; e em 1889 conservava inéditas poesias que dariam tres grandes volumes.

JACINTO GUTIÉRREZ COLL nasceu em Cumaná a 10 de Outubro de 1836 e falleceu em Paris em 1890. Digno filho do estadista do mesmo nome, que foi presidente dos Estados Unidos de Venezuela, ao completar o seu curso

de sciencias jurídicas e sociaes, foi nomeado official da Secretaria das Relações Exteriores, director da Instrução Secundaria, ministro da pasta do Interior, consul geral de Venezuela em New York e ministro plenipotenciario e enviado extraordinario em Paris. Era membro da Academia Nacional da Historia de Venezuela e da Sociedade de Geographia de Paris. Residia fóra da patria, mas achava-se em Caracas quando MUCIO TEIXEIRA chegou a Venezuela, estabelecendo-se entre ambos uma intimidade fraternal, devido á similaridade de sentir e de proceder, que os caracterisava. O MARQUEZ DE ROJAS diz: — “GUTIÉRREZ reside en París hace ya muchos años, dedicado al estudio de las diversas literaturas extranjeras; y todas ellas, especialmente la francesa, han contribuído á dar á sus poemas una forma artística no imitada por la mayoría de los poetas venezolanos. Sus obras son modelos de buena dicción poética, cuadros en que sobresalen la idealidad, la inspiración, y en resumen la belleza”.

JULIO CALCAÑO nasceu em Caracas a 14 de Dezembro de 1840. Com 16 annos de idade já escrevia inspirados versos; foi jornalista durante muitos annos, meteu-se nas mais renhidas luctas políticas, tomando armas em mais de uma revolução, chegando ao posto de coronel, em que se reformou. Dirigiu as secretarias da Fazenda e da Instrução Pública; é o secretario perpetuo da Academia Venezolana e membro correspondente da Real Academia Espanhola. Diz HORTENSIO, no livro *Literatura Venezolana*: — “Los Calcaños constituyen, en Venezuela,



una dinastía de literatos, como en España forman los Madrazos una dinastía de pintores. El alma de JULIO se revela toda entera en sus obras: es, como escritor, concienzudo, correcto, claro y de buen estilo; como poeta no es clásico ni romántico, su lira tiene más eco en lo subjetivo, y su musa revela un alma contemplativa y un corazón sano y rico en sentimiento. Distínguese sus poesías por el colorido, la originalidad, la delicadeza y el buen gusto literario". Seus livros intitulam-se — *Hojas de Ciprés, El Sello Maldito, La Danza de los Muertos, Hojas de Mirto, El Pájaro Errabundo, Las Lavanderas Nocturnas, La Leyenda del Monje, El Rey de Tebas, Historia de Treinta Horas e Apreciaciones Literarias.*

Como se vê, os intérpretes de MUCIO TEIXEIRA não são apenas eminentes e gloriosos poetas, mas personalidades que representaram os mais elevados papeis no scenario da política, do jornalismo, da administração, do parlamentarismo, da diplomacia e do governo do seu paiz. — “Foi lá, na distante capital de Venezuela, que a *élite* do talento, das letras, da música e da poesia o distinguuiu com as mais carinhosas e expressivas homenagens intellectuaes; <sup>(82)</sup> apparecendo, então, a rica edição especial das *Poesías de Don Mucio Teixeira* <sup>(83)</sup> vertidas em castelhano”. <sup>(84)</sup>

(82) O presidente da República, dr. J. P. ROJAS PAUL, associando-se ás homenagens dos escriptores, deu-lhe a commenda da ordem do Libertador SIMON BOLÍVAR; e o ministro da Instrucção Pública, dr. S. G. GUINAN, deu-lhe a medalha destinada aos benemeritos da instrucção de Venezuela, que até então só fóra dada a tres estrangeiros: o imperador D. PEDRO II, o CONDE DE LESSEPS e MUCIO TEIXEIRA.

(83) As poesias traduzidas intitulam-se: — *O Sonho dos Sonhos, Amar, O Infinito, A Ironia da Estatua, Os tres párias, A Mulher, Minha Noiva, O Legen-*

## XI

Além de grande poeta, “um dos maiores da nossa lingua e do nosso tempo”, como disse BETHENCOURT DA SILVA, e de todos o mais fecundo e espontaneo na elaboração de “versos immorredouros de Pensador e de Mestre”,<sup>(85)</sup> MUCIO TEIXEIRA é “um prosador insigne, profundo conhecedor da lingua portugueza, com direito a figurar na galeria dos mais illustres do passado e do presente”.<sup>(86)</sup> Escreveu dramas, comedias, contos, livros de crítica litteraria, de historia, de biographia, folhetins de actualidades, artigos de polémica politica, collaborando effectivamente na imprensa diaria durante mais de trinta annos, fundando e dirigindo os hebdomadarios *Revista do Novo Mundo*, o *Brasil Literario*, *A Cidade do Bem* e a *Revista dos Estados*. Os seus livros em prosa são:

THEATRO: — *O Filho do Banqueiro* (1874), drama em 5 actos; *Alvaro — o Farrapo* (1875), drama em 5

---

*dario* (na morte do General Osorio), *Interrogação eterna*, *Desejos*, *Ada*, *Homenagem* (no centenario do Marquez de Pombal), *Minha Riqueza*, *Sem sentir*, *O Leão enfermo* (na doença de D. Pedro II), *Voragem do Futuro*, *A Gloria*, *Primeira ausencia*, *Pérolas Ideaes*, *A lenda dos amores*, *A sexta*, *Serenata*, *Campo-Santo*, *Vencno Social*, *O Viajante*, *Chinóca*, *Ao violão*, *Minha Visinha*, *Ninho mysterioso*, *Tu... só tu!*, *Ideal*, *As Mães*, *Mansenilha de Amor*, *Arvore funesta*, *Naufragio do Coração*, *Sonho allemão* e *Inter Divos*. *O Sonho dos Sonhos*, *A Mulher*, *Minha Riqueza* e *Ada* foram traduzidas por mais de um poeta.

(84) LEOPOLDO DE FREITAS — *Diario Popular*, S. Paulo, 1903.

(85) FERNANDES COSTA — *Almanach Bertrand* para 1911, pág. 339.

(86) PINHEIRO CHAGAS — *Cartas de Lisbôa*, para o *O Paiz* do Rio de Janeiro, 1889.

actos; *O sobrinho pelo tio* (1875), comedia em 3 actos; *Tempestades Moraes* (1876), drama em 5 actos; *A Virtude no Crime* (1880), drama em 5 actos; *A Flor de um dia*, drama em 4 actos e em verso; *O Engeitado* (1881), scena-dramática, em verso; *Amar por medo* (1896), comedia em um acto, em prosa e verso; *Montalvo* (1898), drama em 4 actos; *A Chímica Conjugal*, (1899), comedia em 1 acto e em verso; *A Urucubaca* (1914), revista de actualidades, em um prólogo e 3 actos, em prosa e verso. Destas numerosas peças, que o autor pretende reunir em tres tomos, com o título de *Theatro de Mucio Teixeira*, apenas foram representadas as seguintes: *O Filho do Banqueiro e Alvaro — o Farrapo*, em 1876, no theatro S. Pedro de Porto Alegre; *A Virtude no Crime*, em 1880, no theatro *Recreio* do Rio de Janeiro e no S. José de S. Paulo; e *Montalvo*, em 1898, no theatro S. João da Bahia. (87)

*Un año en Venezuela* (1889) é um volume de 364 páginas, com as impressões do primeiro anno de residencia do autor na cidade de Caracas, contendo a synthese histórica, geographica, política e literaria da patria de SIMÓN BOLÍVAR. Caracas. Tipografía de *La Opinión Nacional*, 1889.

*La Administración del Doctor Juan Pablo Rojas Paúl* (1888), biographia e anályse do período presidencial do eminente jurisconsulto que lançou por terra a dicta-

(87) A revista *A Urucubaca* foi regeitada pelos emprezarios portuguezes que exploravam os theatros do Rio de Janeiro, em 1914 e 1915, por... não ter pornographia, e não admittir o Autor que enxertassem nella alguns maxixes do gosto popular.

dura militar de GUSMAN BLANCO, que durante mais de vinte annos algemou o patriotismo de um dos mais valentes e generosos povos desta livre América. Diz MUCIO TEIXEIRA: — “Éxtranjero, y en el caracter de Cónsul General de un país amigo, no puedo emitir juicio acerca de la política venezolana; siendo, empero, de imprescindible necesidad pintar el medio social en que resalta la personalidad de ROJAS PAUL, y para mejor cumplir con este íntimo deseo, no me referiré á las múltiples condiciones que adornan á tan esclarecido ciudadano, sino que apenas podré circunscribirme á manifestar, de propio movimiento, las impresiones que de su gloriosa administración llevo á mi país”. — Caracas, Imp. y Lit. del Gobierno Nacional, 1889.

*A Revolução do Rio Grande do Sul* (1893). Causas e effeitos da guerra federalista, que durante tres annos ensanguentou a gloriosa savana gaúcha. 1 volume de 379 páginas, edição do *Jornal do Commercio* de Porto Alegre, 1893.

*O Imperador visto de perto* (1894). Biographi de D. PEDRO II, publicada em fragmentos na *Revista dos Estados*, em 1906.

*Poetas do Brasil* (1894). Synthese bio-bibliographica, séculos XVII a XX. E' uma obra em 4 volumes, de que apenas foi publicado o primeiro tomo, em typo miudo e composição seguida, 1 volume de 216 páginas, typographia do *Jornal do Commercio* de Porto Alegre, 1896.

*Vida e obras de Castro Alves* (1896). A biographia e anályse mais perfeita que se tem publicado até hoje

sobre o grande poeta brasileiro. O dr. AUGUSTO ALVARES GUILMARÃES, cunhado de CASTRO ALVES e o seu mais íntimo amigo, escreveu isto: — “Esta biographia é escripta por um outro moço, poeta tambem, e poeta cujos cantos ecôam por toda a vastidão destas terras de Santa Cruz. MUCIO TEIXEIRA escrevendo a biographia de CASTRO ALVES! ella, pois, não podia deixar de ser o que é, — um primor de poesia, de naturalidade, de singelesa, toda cheia de novidades, que revela o mais amplo conhecimento dos versos do biographado”. 1 volume de 345 páginas, edição de luxo, com dois retratos do poeta (aos 18 e aos 24 annos de idade), typographia do *Diario da Bahia*, 1896.

*Historia da Literatura Brasileira* (1901-1902). Resumo histórico dos nossos quatro séculos de elaboração mental. São tres volumes: 1.º, *Tempos Coloniaes*; 2.º, *Do primeiro reinado á minoridade*; 3.º, *Reinado de D. Pedro II*. As duas primeiras partes e o principio da terceira foram publicadas no *Jornal do Brasil* em 1901 e 1902; o final é encontrado na *Revista dos Estados*, anno I, 1906.

*Poetas da América Latina* (1902-1903). Os capítulos que tratam dos *Poetas de Venezuela* e *Poetas da Bolivia* foram publicados no *Jornal do Brasil*, em 1903. Os referentes aos *Poetas Orientaes*, *Poetas Argentinos* e *Poetas Mexicanos*, na *Revista dos Estados*, anno II, 1907. O resto da obra, em condições de ser dado á publicidade, está ainda inédito.

*Brasil Marcial* (1902-1904). Ephemerides nacionaes das nossas forças de terra e mar, desde 1502 até 1904,

com a biographia e o retrato dos heróes, a descripção das batalhas com os respectivos mappas, e a cópia, em photogravura, dos quadros históricos dos nossos pintores de batalhas. A obra completa dá 4 volumes, de mais de 500 páginas cada um, de que apenas foram publicados 14 fascículos (de 32 páginas, formato grande), formando um volume de 446 páginas. Rio de Janeiro, typographia da Companhia Litho-Typographica, 1904. Disse ALCINO GUANABARA: — “*Brasil Marcial*. Com este título appareceu o primeiro fascículo de um importante trabalho do operoso homem de letras sr. MUCIO TEIXEIRA, contribuição histórica sobre os feitos dos nossos homens que se enaltecera no campo de batalha e que se tornaram beneméritos por serviços prestados á patria. Somos de opinião que trabalhos desta natureza não só devem ser feitos na lingua vernácula, mas em idiomas estrangeiros, para que se tornem mais conhecidos os nossos heróes e os seus serviços”. Etc.

RAUL PEDERNEIRAS, o caricaturista do verso e poeta do lapis, no *Tagarela* de 27 de Setembro de 1902, escreveu: — “O diabo depois de velho fez-se ermitão; o MUCIO, no segundo quartel da vida, assentou praça... e que praça! enveredou pelos quarteis a dentro, principalmente os quarteis-generaes do exército e da armada, e de lá veio armado em guerra, contando a historia das guerras e revoltas, o que é uma reviravolta dos seus ideaes de poeta. Por Marte deixou Appollo, e Venus... no desespero! A verdade, porém, é que o *Brasil Marcial* sahiunos melhor do que a encomenda. O MUCIO, mettido no labyrintho da historia, descobriu *como se escreve a his-*

toria, e da historia sahiu-se magistralmente, mostrando que não é nenhum recruta, contando heroicamente o caso como o caso foi, sahindo da poeira dos archivos mais escovado do que o seu velho fardão de consul geral, que é o de capitão de mar e guerra, mais luzido que o do coronel FERNANDO MENDES em dia de grande gala. Caramba! o MUCIO está aqui, está general... honorario, formando ao lado dos *generaes* Quintino, Glycerio e Campos Salles, o illustre chefe da nação, com o cacóphaton ou cacophonia, de se lhe tirar o chapéu... armado”.

*Memorias dignas de memoria* (1885-1912). Das obras de MUCIO TEIXEIRA, em prosa, a mais notavel é esta magnífica auto-biographia, onde o escriptor apparece como chronista de grande mérito, como crítico literario da maior competencia, como pensador e scientista, verdadeiro polygrapho, e, antes de tudo, sempre poeta. Esta obra, por si só, é bastante para collocal-o entre os mais illustres prosadores contemporaneos da lingua portugueza. Não é um trabalho de belletrista, pois o autor confessa que escreveu as suas *Memorias* “currente calamo”, não dispondo do tempo preciso para os floreios do estylo; mas, mesmo assim, ha nesta obra páginas admiraveis, pacientemente trabalhadas. É qual dos nossos prosadores seria capaz de escrever tão numerosos volumes, de tamanha complexidade, sem incorrer em pequenos defeitos de fórma? Nenhum. O proprio EÇA DE QUEIROZ, coroado principe dos prosadores do seu tempo, no seu meio, não é impeccavel, e não produziu tanto como MUCIO TEIXEIRA.

Destas *Memorias* apenas foram dados á publicidade os factos que se prendem ao período da infancia do poeta até o anno de 1877, diariamente publicados nas columnas editoriaes da *Imprensa*, do Rio de Janeiro, em 1911-1912. CALDAS JUNIOR, fundador e director do *Correio do Povo* de Porto Alegre, que conhecia as notaveis qualidades de MUCIO, como jornalista, escreveu-lhe um *Retrato á penna*, de que extrahimos este tópico: — “Poeta, faz honra ás letras patrias; jornalista, elle é sempre poeta: no folhetim, na chrônica theatral, na bibliographia ou no artigo de fundo, é sempre poeta”. (88)

*Datas Patricias* (1914), ephemérides humorísticas da nossa historia, publicadas no *Imparcial* do Rio de Janeiro, é outra obra notavel, que, reunidos os capítulos já publicados aos que esperam ser dados a lume, deve apparecer em 4 grandes volumes, escriptos com a mais encantadora naturalidade, salpicada de ironias leves e sátyras agudas, que mereceram do prosador e poeta FERNANDES COSTA o seguinte conceito, ao transcrevel-as em Lisbôa: — “São do illustre poeta e erudito escriptor brasileiro MUCIO TEIXEIRA, por elle architectadas engenhosamente, dignas de serem conhecidas pelos numerosos factos que consignam; as quaes temos a certesa que hão de ser apreciadas pelos muitos amadores desta ordem de trabalhos, que o eminente literato brasileiro, historiador, poeta e abalisado polygrapho, nosso bom amigo, soube pôr em relevo, com muita proficiencia histórica e literaria, e com toda a arte de quem sabe alliar, com a sua facilidade de

---

(88) *Jornal do Commercio* de Porto Alegre, 1894.



jornalista consummado e prático, o seu muito saber de erudito investigador”. (89)

*Homens do meu tempo* (1914). Perfis literarios, artisticos e politicos, de que apenas foram publicados, na *Imprensa*, na *Folha do Dia*, na *Revista dos Estados* e no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro (Abril e Maio de 1914), os de LOPES TROVÃO, ARTHUR DE OLIVEIRA, FONTOURA XAVIER, JOSÉ DO PATROCÍNIO, FERREIRA DE MENEZES, LINS DE ALBUQUERQUE, PEDRO PAULO e PAULO PEDRO, que, reunidos em livro, dão dois volumes de mais de 300 páginas, sendo maior o número dos que o autor ainda conserva manuscritos.

*Almanach do Barão Ergonte* (1912-1913). Dois volumes, o primeiro de 108 páginas, e o segundo de 120, de composição seguida, typo miudo e numerosas gravuras intercaladas no texto, tratando exclusivamente de assumpto esotérico e theosóphico. São os primeiros livros de Sciencia Occulta que se escreveram no Brasil. A nossa ignorancia do assumpto força-nos a repetir aqui o que disse o dr. ALBUQUERQUE MELLO pela *Folha do Dia*: — “Sobre o *Almanach do Barão Ergonte* do nosso illustre collega MUCIO TEIXEIRA, que recebemos ha dias, mas não quizemos noticiar antes de lel-o, temos apenas a dizer — que o lemos com o maior cuidado, com máxima attenção, e que da sua leitura concluimos que aquelle pequeno volume é um grande livro. É na verdade é um livro precioso, por onde muita gente pode e deve estudar, pois ha nas suas interessantes páginas verdadeiros thesoiros de co-

(89) *Almanach Bertrand* para 1916, tomo XVII, pág. 334.

nhcimentos científicos, encerrados em custoso escripto do mais esmerado estylo literario”.

## XII

Ainda temos em MUCIO TEIXEIRA um perfeito orador. A sua palavra facil, imaginosa, ardente, arrebatadora, muito cedo foi ouvida nos saraus do Parthenon Literario, em Porto Alegre, e no Rio de Janeiro na tribuna das Conferencias da Gloria, onde fez a sua estréa tribunicia, em 1883, na presença do Imperador, que desceu de Petrópolis, expressamente para ouvil-o, na dissertação do thema que lhe dera Sua Majestade, que foi — *A missão da mulher na sociedade moderna*. Foi em seguida nomeado orador official do *Gremio Literario Alvares de Azevedo* e da loja maçônica *Amparo da Virtude*, que o elegeu para substituir JOSÉ DO PATROCINIO.

Presidente honorario do *Gremio Literario Mucio Teixeira*, de que era orador official o glorioso tribuno LOPES TROVÃO, mais de uma vez teve de usar da palavra diante do auditorio ainda vibrante das vozes eloquentes desse seu grande amigo. A não ser a sua conferencia de estréa, na Gloria, e a conferencia que fez em S. Paulo, sobre *A Vida e a Morte*, em 1912, não ha um só discurso seu escripto, falando sempre de improviso, tanto nos theatros como nos salões, arrebatando as multidões, que o applaudiam calorosamente.

Foram verdadeiramente arrebatadores os seus improvisos diante do tumúlo de seu padrinho o visconde de

SINIMBÚ e de seus amigos AUGUSTO-EMÍLIO ZALUAR, marechal MALLET, QUINTINO BOCAUYVA e SYLVIO ROMERO, causando tamanha surpresa, aos que só o conheciam como poeta, que é grande a corrente de opiniões preferindo nelle o orador ao escriptor.

Mas a corôa de flores do orador tem a duração das flores dessa mesma corôa, cujo viço e frescor vai a pouco e pouco desaparecendo, apagando-se a sua atmospherá de aroma assim que emmudecem as vibrações das palmas do auditorio. Não se pode fazer a idéa exacta de um CASTELAR ouvido, por esse mesmo CASTELAR lido, dizem todos os que tiveram a suprema ventura de vel-o e ouvil-o no throno da sua inexcedível eloquencia.

Nós, que mais de uma vez ouvimos MUCIO, applicamos o mesmo que elle disse do seu velho amigo TROVÃO:— “Falando ou escrevendo, é sempre o mesmo, demonstrando logicamente a razão de ser da theoria de CUVIER, na lei da correlação das fórmas; e assim se explica a precisão onomatópica dos seus gestos e da sua adjectivação, a sonoridade da phrase pronunciada, de harmonia com o rythmo dos períodos escriptos, quer illumine as columnas de um jornal, quer irradie em corpo e alma na tribuna, tanto nos cafés como nas ruas, — onde param, as multidões para vel-o e ouvil-o, prestando-lhe todos a mais curiosa attenção”.

Cabem-lhe tambem estas palavras de ALBERTO DE CARVALHO: — “As suas imagens são grandiosas, elevadas, justas e poéticas; elle não as compõe, não as vai buscar, ellas assaltam o seu espirito naturalmente como a ex-

pressão palpavel, visivel e figurada do pensamento da sua alma poética. . . Pois será possível que todo o entusiasmo do orador, que o seu verbo vibrante e metálico, que a sua voz que vai cantando atravez de longo período como um clarim guerreiro atravez de uma heróica phrase musical; será possível que o seu gesto, que a sua physionomia aclarada pelos grandes reflexos da tribuna, que tudo isso possa estar dignamente, completamente, sinceramente representado pelos signos typográphicos? . . . Oh! não: á porta da typographia, no frontespicio do livro, morrem como sob uma lousa a physionomia e a vibração da phrase, os enthusiasmos do momento, aquelle fogo que é como a luz da tribuna e o seu archote fulgurante”.

Como, porém, neste poeta ha um orador a disputar as palmas do escriptor, nós que sabemos que muitos dos seus períodos escriptos lhe cahem dos bicos da penna com a mesma expontaneidade e rapidez com que as phrases lhe borbulham dos labios nos lances do improviso, na impotencia de demonstrar o seu valor na tribuna, e na indecisão de determinar qual seja a sua melhor página em prosa, transcreveremos aqui um dos trechos que mais nos agradam, das suas memoraveis *Memorias dignas de Memoria*, a cuja elaboração assistimos, admirados de ver a facilidade com que elle ia escrevendo, a fumar e a palestrar, sem o menor esforço ou constrangimento, que é como sempre escreve, tanto a prosa como o verso, do que podemos dar o nosso humilde testemunho. — Ouçamol-o:

“Estas linhas são dobres de sino do meu coração, na sombria tôrre da ermida deserta de minh’alma de mys-

tico, chamando as saudades e as tristezas á piedosa romaria dos cemiterios, aonde vamos todos nós, os vivos de hoje, derramar lágrimas e amontoar flores sobre a fria pedra que nos esconde aquelles que teimamos em guardar no pensamento saudoso.

Vamos todos pelo mesmo caminho por onde passaram nossos pais e nossos avós: e assim tambem um dia irão os nossos filhos, em nossa procura... Ah! mas não viram, os nossos avós, como nós não vemos, nem hão de ver nossos filhos aquillo que mais se procura ver, desde que se vê que nunca mais se verá!...

Ha dois dias, no fim do anno, que são os crepúsculos indecisos de um só dia de puro amor: o de uma alvorada divina e o de uma noite sagrada, — o Dia de Natal e o Dia de Finados. Os extremos tocam-se. Naquelle crepúsculo, doirado pela Estrella dos Magos, repicam os sinos de todas as igrejas illuminadas, abrem-se as flores de todos os jardins, farfalham as árvores de todos os pomares, cantam as mãis, sorriem as esposas, sonham as noivas, brincam as crianças, e almas cheias de alegria embalam berços cheios de esperanças. No outro crepúsculo, tardio e melancólico, dobram compassados e lúgubres os campanarios dos sombrios conventos, as rosas rubras ensanguentam os cravos e os goivos, os cyprestes gemem suspirosos, as mãis resam de mãos postas, as crianças choram de medo e perto de leitos vasis ha viuvias e órfãos cheios de dor.

Nascer é entrar numa festa ruidosa, cheia de perigos e de aventuras, para lutar numa arena de ameaças e de

conquistas; cantar á beira dos abysmos e sonhar no seio da miseria; procurar ser forte, para poder ser grande; piedoso, para ser bom; resignado, para ser meigo; valente e corajoso, para não ser esmagado pelo carro dos Césares sem púrpura, que fazem do vil metal o sceptro de improvisadas dynastias; e ser philósopho, para perdoar; poeta, para amar; e um bocadinho louco, para não enlouquecer de todo.

Morrer é tornar a nascer, mas já então numa esphera que fica mais perto do céu... Ai de nós, si não fosse esse não sei quê que nos eleva ás regiões do Além! Que seria da gente, neste sombrio valle de lágrimas, si não despontasse essa mysteriosa luz na extrema do horizonte?... A Dor atira-nos aos braços da Esperança, como outr'ora atirou a Magdalena aos braços da cruz.

O pai, que vê morrer as filhas no alvorecer das primaveras em flor, deixando-as partir para o Eterno mysterio, engrinaldadas como Ophelia, a fluctuar numa corrente de lágrimas, levando na fronte intemerata o véu da primeira communhão, tão alvo e tão leve como o véu dos noivados; a noiva, que expira com o olhar cravado nos olhos que a enamoraram, dando ao escolhido do seu coração no derradeiro olhar o seu primeiro beijo de amor, porque ha creaturas tão castas que só se beijam pelos olhos, guardando os labios para as orações; a mãe, que vê o berço sem o filhinho que lhe sahiu das entranhas e que nunca mais lhe sahirá do fundo da alma, desde que foi dormir no fundo da cova; o esposo, que vê nas dobras de uma mortalha a imagem fria da mulher ardente que pal-

pitou nos seus braços, ardendo no fogo da paixão santificada pela virtude; os trémulos avós, que viram partir um a um os filhos, e os filhos desses filhos... para todos estes é que escrevo estas linhas, que são dobres de sino, na tôrre enluarada e deserta da minha tristeza mortal.

Suspendo a penna e alongo a vista pelas janellas á fóra, arrancado de chofre ao silencio da minha meditação pelo inesperado espectáculo de uma dupla synthese de vida e morte: passa pela minha porta, silvando impetuoso e vibrante, um comboio suburbano da *Light & Power*, na direcção da necrópole, cheio de corôas fúnebres, quasi todas de saudades rôxas e açucenas brancas. É' a electricidade, o symbolo da vida, conduzindo as tristes e ephêmeras flores da terra em homenagem á immortalidade das almas que voaram para o céu.

Cobrir de flores uma sepultura é fazer o mesmo que DEUS faz quando cobre de estrellas uma nuvem. A nuvem é vaporosa como a sepultura. A acção do tempo desmancha aquella em poucos instantes, e em poucos annos reduz a cinzas o que está dentro desta. Uma e outra desaparecem quasi ao mesmo tempo, desde que o ponteiro dos séculos marca as horas no quadrante da eternidade.

A morte é a consequencia lógica da vida, mas a vida não acaba na linha divisoria da morte. Tudo permanece, mudando apenas de aspecto, em obediencia á lei do transformismo, desde a rápida e abstracta successão das idéas até á lenta e concreta formação dos diamantes. Tudo que vive, morre; mas tudo que morre torna a viver de novo, no vasto laboratorio da Natureza. A vida e a morte de-

terminam a dualidade que se observa em tudo: tanto na nudez e imperturbabilidade das coisas que mal se definem, como os infusorios e as moléculas constitutivas do nosso organismo, como nos grupos de átomos desagregados no cháos; tanto nas esperanças e nos desejos alentados pelo amor, como na pluralidade desses vultos planetarios que giram vertiginosamente no Infinito, vibrantes de energia e de electricidade, nessa harmonia perennal que bem pode ser a respiração de DEUS”.

No desejo natural de fechar com chave de oiro este singelo tributo de nosso amor filial, offerecemos á sensibilidade das almas femininas e ao criterio dos homens illustrados mais uma prova do valor de MUCIO TEIXEIRA como prosador, nas seguintes linhas em que elle descreve o mais forte de todos os sentimentos:

#### O AMOR

Dizem os physiologistas que o amor é um conjunto de phenómenos cerebraes que constituem o instincto sexual; sentimento que aproxima e une dois individuos de sexo opposto; e que tanto pode elevar o espirito para tudo que é bello, grande e justo, como procurar unicamente a realisação de desejos materiaes. Já na phrase dos poetas e dos philósofos o amor apresenta um aspecto mais intenso do que na dos physiologistas.

O amor, para ARISTÓTELES, é uma *suavidade pungente*, que séculos depois VICTOR HUGO veio confirmar, quando disse que “uma sombria transfiguração estrellada



acompanha este supplicio”: e que ha êxtasis nessa agonia. BEANCHERESE definiu-o com maliciosa graça, observando que as mulheres amam com o coração, os homens com os sentidos, e os poetas com os sentidos e o coração.

CAMPOAMOR lamentava-se de ser o amor um sentimento tão triste, mas ainda assim considerava-o como a coisa melhor desta vida. JUNQUEIRA FREIRE, o nosso juvenil poeta dos claustros, confessou que o amor não enche o coração nem completa o espírito: “ainda depois da fruição ha alguma coisa que se deseja” . . .

Eu tambem pensava assim, enquanto era simplesmente um poeta; hoje, porém, estou convencido de que o amor é a potenciai magnética pela qual se produz a harmonia dos sêres e dos planetas. E’ a tendencia que posuem as partes desunidas de um principio, que procura unil-as de novo. Esta tendencia presuppõe o impulso do reconhecimento mútuo; o reconhecimento mútuo é uma manifestação da consciencia, e a consciencia é uma manifestação da vida.

A vida, a consciencia, a harmonia, o Amor, são em essencia a mesma coisa, isto é, a antíthese da desharmonia e da morte. Existe dentro de nós o principio da harmonia, como podemos observar nos acordes sonoros da música, que vibram e repercutem-nos dentro da alma. E desde que um principio chegou a ter consciencia da sua propria existencia em outra fórmula, o resultado é a harmonia, — o amor.

Quando dois sêres contêm o mesmo elemento, elles se adaptam um ao outro, pela força da lei de harmonia,

identificando-se pelo amor. Assim também os planetas, attrahidos pelo sol, e uns aos outros entre si, como todos elles contêm elementos iguaes, procuram unir-se, vibrando harmoniosamente, porque a potencia da gravitação não é mais do que a potencia do amor.

O homem é attrahido pela mulher, e a mulher pelo homem, porque os dois percebem inconscientemente um no outro os elementos do seu transcendente ideal; e quanto mais se manifesta nelles, ou para melhor dizer, em cada um delles, o ideal de ambos, tanto mais se querem, se desejam, se amam. Mas o homem e a mulher só podem amar-se verdadeiramente quando os dois são attrahidos, consciente ou inconscientemente, pela mesma força viva da Natureza que equilibra os astros no espaço.

Todos os corpos têm as suas espheras invisiveis, entrementes se limitam as espheras visiveis á peripheria de suas fórmias externas. A esphera de um corpo odorífero é percebida pelo órgão do olfacto, a do imã pela aproximação do ferro, a do homem — pelas vibrações do amor.

“Essas espheras (diz OCHOROWISZ), são os *auras*, as emanações magnéticas, homocrônicas, ódicas e luminosas, correspondentes a qualquer corpo no espaço”. Essas emanações são ás vezes visiveis, como as auroras boreaes nas regiões polares, ou a photosphera do sol durante um eclipse. A auréola que rodeia a cabeça de um santo, não é apenas uma ficção poética, mas uma radiação tão positiva como a que se desprende de uma pedra preciosa.

Assim como o sol tem um systema de planetas que lhe giram em torno, todos os corpos estão circumdados de centros de energia, que sahem do centro commum e participam dos attributos delle, desde os pensamentos, que partem da massa cerebral, até as emoções, que partem do systema nervoso.

O cobre, o carvão e o arsênico emittem auras vermelhos; o chumbo e o enxôfre, azues; o oiro, a prata e o antimonio, verdes; e o ferro — todas as cores do iris. As plantas, os animaes e os homens desprendem emanções da cor de seus caracteres. Os homens bons estão circumdados de fluidos brancos, azues e doirados; os maus permanecem mergulhados num nevoeiro avermelhado e negro.

Os auras collectivos, de agrupamentos de individuos, de animaes ou de plantas, de cidades, paizes, continentes ou planetas, correspondem aos seus caracteres salientes. E' por isso que os iniciados lêem na atmosphera com a mesma precisão com que o astrólogo lê no firmamento constellado os grandes phenômenos sociaes, que annunciam em prophcias, como tantas vezes tenho feito.

Estas irradiações (invisiveis aos olhos dos profanos), partem do centro de todas as coisas, e o seu círculo se dilata na proporção da energia que actúa no ponto central. — Quem pode medir a extensão da esphera do pensamento e a profundidade das regiões onde elle mergulha?... Assim tambem ninguem pode determinar a vehemencia alcançada pelos desejos mais lúbricos ou as idealisações mais trancendentes do amor.

O amor de *Don Juan* não se satisfaz com o beijo, ao passo que o de *Romeu* se dilicia com o olhar. O de *Love-lace* é um vicio, o de *Antony* um crime, o de *Don Quijote* uma virtude, o de *João Valjean* uma redempção. É isto, que revive na novella e na lenda, permanece na vida real, tanto na FORNARINA, que abreviou no fogo da sua volupia os dias de RAFAEL, como na castidade de SANTA THERESA DE JESUS, prolongando os êxtasis do mysticismo na imperturbabilidade do seu Christo de marfim.

Reconhecemos a atmosphaera de uma rosa, pelo espaço attingido pelo seu aroma; reconhecemos a atmosphaera da inspiração de um poeta, ou do raciocinio de um philósopho, pela amplitude dos seus pensamentos. A qualidade das emanações physicas depende do estado de actividade do centro que as origina, porque todos os sêres e todas as coisas são coloridos pelo principio particular que existe no centro invisivel que lhes dá a fórma característica.

Essas emanações são symbolos dos estados da alma de cada fórma. Todas as emoções correspondem a determinadas cores. — “O amor é azul, o desejo vermelho, a piedade branca,” diz GOETHE. Estas cores despertam emoções correspondentes em outras almas, principalmente quando o elemento emocional é guiado pelo sentimento, que é sempre suggestivo.

O azul tranquillisa o louco, e chega a diminuir os graus da febre do enfermo; já o vermelho excita as paixões. Razão tinha o cego quando disse que o vermelho devia ser como o toque do clarim... Os toureiros man-

dam os capinhas agitar um panno vermelho diante dos touros mal feridos, para mais enfurecel-os pela illusão do sangue derramado.

A química physica já reconhece os maravilhosos resultados da química da alma, pois tambem lança mão do imprevisto ao executar a lei que faz o branco chlórico de prata tornar-se negro sob a acção de uma luz branca ou azul, ao passo que não mudaria de cor ante uma luz amarella ou rubra.

A moderna iniciada MARIE CORELLI põe na bôca do hierophante HELIOBAS esta synthese theosóphica do amor: — “O Universo é um círculo. Tudo é circular, desde o movimento dos planetas até os olhos da creatura, o cálice da flor ou a gôta do orvalho.

A minha *theoria dos círculos*, applicada á força eléctrica humana, é muito simples e mathematicamente exacta. Todo sêr humano é provido interna e externamente de uma certa porção de electricidade, que é tão necessaria á existencia como o sangue ao coração e o ar puro aos pulmões”.

Internamente, o amor é o germen de uma alma ou espírito que ahi existe para ser cultivado. Sendo despresado, conserva-se em germen; e, quando morre o corpo que o despresou, vai em busca de outra probabilidade de desenvolvimento, o qual, si for apprehendido pela vontade, torna-se um poder supremo.

O amor, porém, governa-se por leis fixas, com as quaes a nossa vontade nada tem que ver. Cada um de nós anda pela terra acompanhado por um *annel eléctrico*

invisível, largo ou estreito, segundo a capacidade individual. Quando o nosso anel encontra outro, fórma então um só, como si essas duas almas se identificassem. Estes aneis eléctricos humanos attrahem-se ou repellem-se, produzindo assim o amor ou o ódio.

Si o homem encontrar na mulher duas vezes a sensação instinctiva, é que ha na natureza della qualquer coisa que não é o que elle procurava; e deve, então, romper esse affecto, porque os círculos eléctricos não se combinam, e de uma união forçada só podem vir desventuras.

O amor attrai o amor. O mais efficaz de todos os filtros de amor que se pode empregar para ser amado,— é amar. O amor infiltra-se na alma da creatura amada, despertando vibrações correspondentes, que estabelecem uma radiographia ainda mais surprehendente que as communicações do télégrapho sem fio.

O coração é o terreno ubérrimo, em que os germens psychicos de todos os sentimentos estão sementeados e promptos para rebentar em flores e fructos, ao mágico influxo da mais poderosa força da Natureza — o Amor”.

\*\*\*

Pertence MUCIO TEIXEIRA a uma gloriosa geração de grandes poetas e notaveis prosadores, onde ha insignes jornalistas, bellissimos oradores, illustres dramaturgos, applaudidos comediógraphos, reputados chronistas, e historiadores, desde ROCHA PITTA até ROCHA POMBO. —

---

MUCIO TEIXEIRA não é o mais notavel dos prosadores, o mais insigne dos jornalistas, o mais bello dos oradores, o mais illustre dos dramaturgos, o mais applaudido dos comediographos, nem o mais reputado dos chronistas e historiadores: — mas é o mais inspirado, o mais fecundo, o mais genial poeta da sua geração! (90)

Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1915.

Alvaro Teixeira.

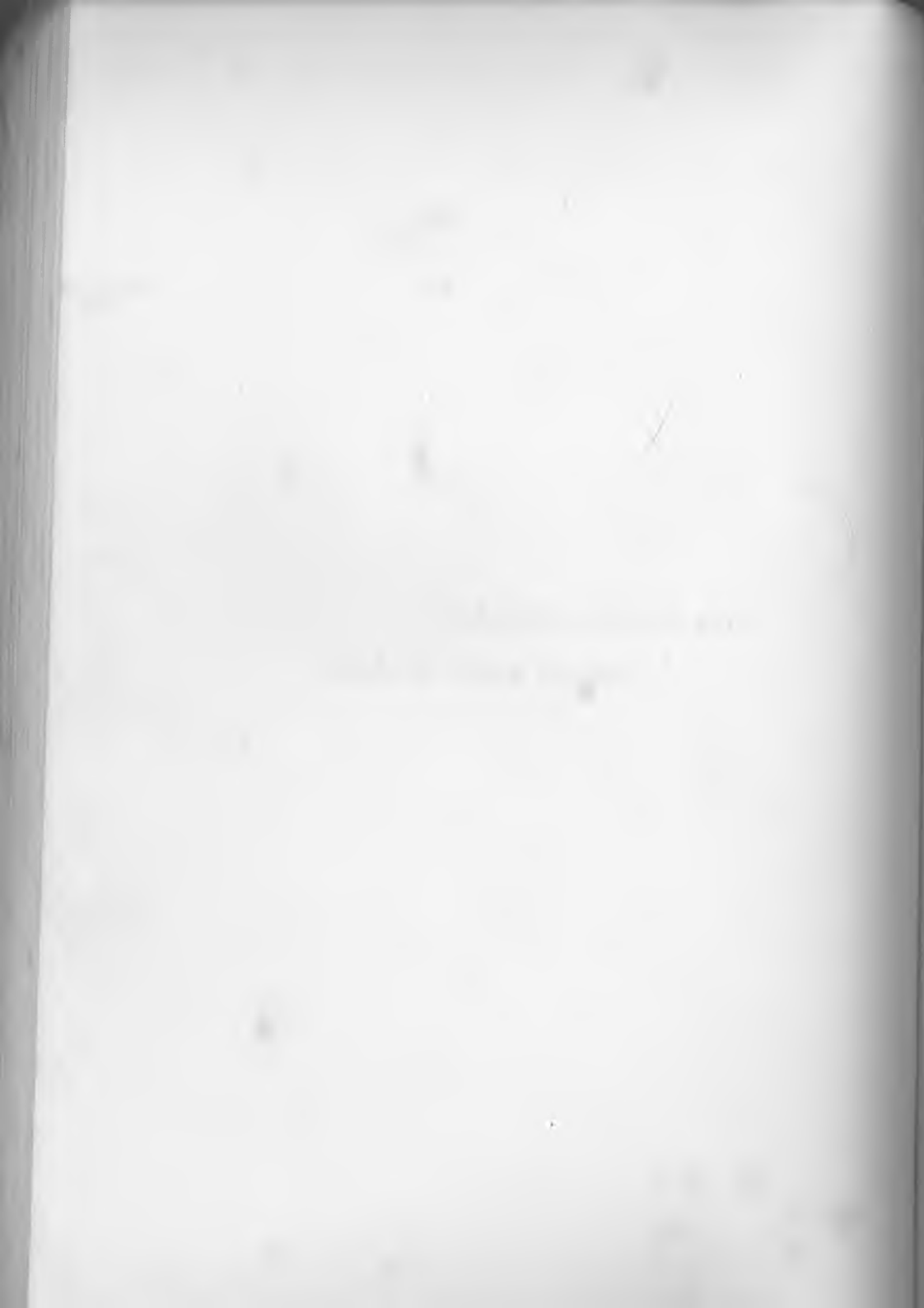
---

(90) Pode-se dizer de MUCIO TEIXEIRA, em relação ao nosso meio literario, o mesmo que o cantor de CAMÕES disse do *Buonarroti*: — “MIGUEL ANGELO não foi o primeiro pintor, não foi o primeiro architecto, nem o primeiro esculptor do mundo: mas todos os pintores, architectos e esculptores reunidos não dão um MIGUEL ANGELO”. — Visconde de Almeida Garrett.

Aos Espíritos Immortaes

que me guiam do Além







## GÊNESIS ESPIRITUAL

### I



O principio DEUS me fez poeta: e tanto isto é verdade que eu nasci em Setembro, que é o mez em que nascem as flores da primavera; e as flores da primavera são as poesias da Natureza.

2 E meu Pai era justo e bom, e forte e generoso, e morreu cedo; e minha Mãi era bella e virtuosa, e sofredora e resignada, e tambem morreu cedo.

3 E a orphandade, ao embalar-me no berço, viu na minha mão a palma da poesia na direcção da phalange do dedo annular, que é o dedo de APPOLLO.

4 E o dedo de APPOLLO é o que corresponde ao coração, que é o ninho onde se implumam e palpitam as aves do Amor.

5 E na idade em que os outros sorriem, ja eu chorava, de saudades; e era bem funda a minha tristeza, porque partia do âmago do coração ferido.

6 E atravessei a infancia, a juventude e a mocidade cantando, para disfarçar as lágrimas que chorava na minha solidão. Assim tambem cantam as mãis, quando acalentam o filhinho, muitas vezes com os olhos rasos d'agua.

7 E cheguei á virilidade sempre a cantar, porque cantar é a missão do poeta; até que enfim DEUS quiz um dia que eu fosse vidente.

8 E eu, que tive os sonhos da poesia desde que sahi do berço, tenho as visões do illuminado antes de entrar na cova.

9 E para vêr o que os outros não podem vêr, tive de fazer o sacrificio da alma, do espirito e do corpo.

10 E vejo que os outros não teriam a coragem que eu tive, para soffrer resignado tão longas e tão prolongadas provações.

11 E foi assim que eu fiquei cego durante cinco mezes e durante cinco mezes fiquei paralytico.

12 E a minha convalescença ainda foi mais prolongada que essas duas penosas enfermidades, penando eu duras penas durante dezeseite mezes.

13 E nunca me queimaram os labios as lamentações de JOB; nem nunca me irritaram os nervos as iras de SAUL.

14 E dentro do meu coração a Esperança se abraçava com a Fé; e de meus labios para fóra so sahiam versos e orações.

15 E ante tamanha resignação o Senhor se dignou de expôr-me a novas e mais variadas provas, exigindo da minha demonstrada fortaleza de ânimo o sacrificio do espirito e o sacrificio da alma.

16 E o meu retiro espiritual durou quatorze mezes, e o meu sacrificio da alma ha de durar emquanto a minha alma não se desprender do meu corpo.

17 E como não ha mal que sempre dure, nem ha bem que não se acabe, o que fez o sacrificio do corpo e do espirito e da alma, começou finalmente a ter a recompensa que so é galardoadada aos bons, aos justos e aos santos.

18 E foi assim que eu, que sempre amei os bons, admirei os justos e venerei os santos, consegui aninhar no meu coração a bondade, no meu espirito a justiça, e na minha alma a santidade.

19 E não tenho feito mais do que cumprir os Mandamentos da Lei de DEUS, começando por não desejar para os outros o que não desejo para mim; e acabando por pensar na morte, como si tivesse de morrer hoje mesmo, segundo o preceito oriental que tambem nos manda pensar na vida como si fôssemos immortaes.

20 E foi assim que eu, que tive os sonhos da poesia desde que sahi do berço, tenho as visões do acordado, agora que vou me encaminhando para a cova.

## II

21 O CREADOR não perde de vista as suas creaturas. Ha tantas dôres na terra, quantas são as estrellas do ceu.

22 E eu, que podia contar as minhas agonias pelas areias do mar, encontrei na vida mais invejosos e traidores do que todas as serpentes que se escondem nas florestas virgens da minha terra natal.

23 Mas, eu ja entendia, como o poeta allemão, (\*) a linguagem das Estrellas; e a minha Bôa e Poderosa Estrella disse-me que não tirasse a vingança por minhas mãos, que sahiria incompleta; e uma vez que os homens eram surdos ás vozes dos que imploram, que alevantasse as minhas súplicas ao throno do Todo Poderoso, e assim seria ouvido.

24 E sempre que eu entreguei a DEUS as provas da minha innocencia, por maiores que fossem as calúrnias e injúrias dos meus invejosos inimigos, a justiça foi tão certa e prompta, que cheguei a me compadecer de todos elles.

25 Sei que ha muitos homens que se dizem meus inimigos, e que atiram sobre o meu nome toda a lepra

---

(\*) HENRIQUE HEINE conversava com a Lua e as Estrellas. —  
THEÓPHILO GAUTIER.

que lhes corróe o coração e o character; mas confesso que lhes não voto o mínimo rancor, e, para dizer toda a verdade, de muitos eu até nem sei o nome, embora me apertem a mão e até me abracem.

26 Tornei-me assim um forasteiro na minha propria terra, sem nunca mais desviar os olhos do ceu, que é a minha patria ideal.

27 É foi olhando para o ceu que eu aprendi a vêr certas coisas, que os outros não sabem vêr, ora no vôo dos pássaros, ora no brilho dos astros.

28 Uma noite, em que o luar no alto da Tijuca era mais triste que na areia da praia de Copacabana, a minha Bôa e Poderosa Estrella alongou um dos seus raios até a escuridão das minhas Dúvidas.

29 É uma voz, que ninguem mais ouvia sinão eu, disse-me ao ouvido umas coisas tão extranhas, que eu todo estremeci. Ainda sobresaltado por aquillo, que me parecia ser uma allucinação tecida pelos mysterios da Meia Noite, mais espantado fiquei por vêr que continuava a vêr o que ninguem mais podia vêr.

30 De então por diante, leio nas mãos de qualquer pessoa todo o destino humano, porque “quem mostra a palma mostra a alma”; e com a mesma clareza interpreto todos os Segredos da Natureza, tanto no murmúrio das aguas como no rumor da folhagem, no ciciar do vento ou no leque das palmeiras.

31 Tanto é verdade isto que digo, que tudo quanto eu ja disse que havia de acontecer, mais tarde aconteceu;

assim como tudo quanto eu hoje antevejo, amanhã todos hão de ver.

32 Entre numerosas revelações e repetidos vaticínios, que correm de bôca em bôca, com o escárneo de uns, a admiração de outros, e a surpresa de todos, eu já disse tantas e tais coisas, que nem preciso repetir agora as que provocaram maior assombro. /

33 É o que procura poder prophetisar (diz BULWER LYTTON), é necessario que primeiramente entre em uma especie de idealismo abstracto; que se eleve, por uma solemne e sagrada escravidão, ás faculdades que *contemplam e crêem*.

*Septem palmarum lentus in umbra.*

Barão Ergonte.

## LIVRO PRIMEIRO

---

# CONTEMPLAÇÃO E CRENÇA

---

Por mares nunca dantes navegados.

(CAMÕES).

Do illusorio acompanhai-me ao Real; da treva acompanhai-me á Luz; da morte acompanhai-me á Immortalidade. Minhas não são estas palavras, e sim do Mestre. Si uma indicação não for observada, si uma palavra passar despercebida, perdidas ficarão para sempre, porque o Mestre não fala duas vezes.

(KRISHNAMURTI).







## EVOCAÇÃO

---

O universo é mantido unicamente pela Lei do Amor. Um majestoso protectorado invisível governa os ventos, as marés, o fim e o principio das estações, o nascimento das flores, o crescer das florestas, o pôr do sol, e o silencioso scintillar das estrellas.

MARIE CORELLI).



ONHECIMENTOS vão da vã sciencia humana !

Mente o raio visual, e o raciocinio engana.  
A química, a geodesia, a historia, a geographia,  
As leis da medicina e as leis da astronomia,  
Tudo parte do nada e para o nada volve.  
Um fluido de inconsciencia a humanidade envolve.

Vaidosas pretenções da vaidosa sciencia !  
Quanto tempo perdi, a estudar, com vehemencia,  
Querendo resolver problemas torturantes,  
Para chegar a ser o mesmo que era dantes:  
Partícula de um deus . . . que num átomo cabe;  
Um sabio . . . que so sabe enfim que nada sabe.

Varrendo da consciencia abusões e mentiras,  
Dúvidas amontoei sobre inflammadas pyras  
Que ardiam ao clarão de vivos enthusiasmos,  
De que somente resta a cinza dos sarcasmos.

Afugentando assim as aves da alegria  
Que me voavam n'alma, a cantar noite e dia,  
Para poder fugir ás sombras da tristeza,  
Investiguei o Além, — de surpresa em surpresa !

O mundo não é mais que uma prisão doirada  
Onde estamos cumprindo a sentença lavrada  
No tribunal do Karma. E nem esta existencia  
E' ponto de partida, ou termo de demencia.

Nós andamos aqui de passagem: a morte  
É' uma porta que se abre a uma pancada forte,  
Deixando-nos passar, sem a dor e os enganos  
Que vêm atrás de nós desde os mais verdes annos !

Espíritos, que voais sobre a minha cabeça !  
Vinde a mim ! que um de vós ao menos appareça,  
Dando-me o talismã, o filtro, os amuletos  
Com que eu possa varrer este chão de esqueletos  
Que piso, ao chocalhar de túbias e caveiras,  
Procurando transpor as sideraes fronteiras.

\* \* \*

Liberta-te, minh'alma ! adeja em pleno espaço,  
Sem despertar o amor, que dorme em teu regaço,  
Para ver si elle assim consegue entrar commigo  
Na zona espirital sem o menor perigo...

Quero a paixão vencer, espiritualisa-a  
Como o olhar de JESUS á filha de Magdala;  
E os desejos deixando aos loucos e ás crianças,  
Alimentar-me so de crenças e esperanças.

E veremos então o curso dos systemas  
Planetarios, o Além: as potencias supremas  
Da Lei Universal, que vibra no infinito;  
E o meu paiz em flor, de que ando aqui proscripto,  
Emquanto os meus irmãos, em Júpiter e Marte,  
Em Saturno ou no Sol, vôam por toda parte,  
Vencendo o Espaço e o Tempo... e avistam o *não visto!*...

Basta-me a minha crença e a fe em JESUS CHRISTO.

O que soltou primeiro os planetas no espaço,  
Estende para nós seu invisivel braço;  
Para Elle o morrer da simples avesinha  
E' o mesmo que o da mais poderosa rainha;  
E o breve emurcheecer da flor mais delicada  
Tem do lento tombar de uma nação viciada

---

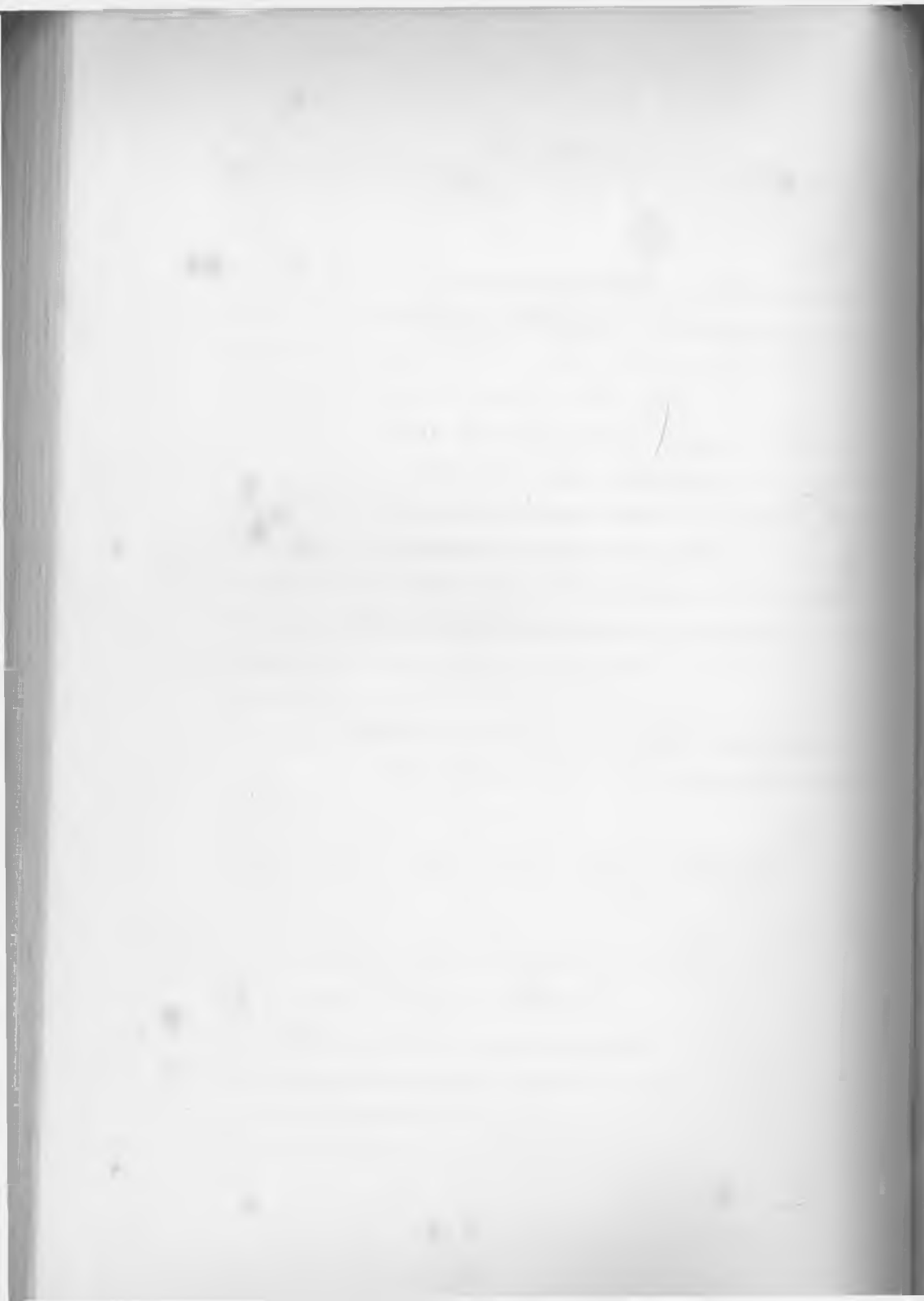
A mesma duração, subtil, imperceptível,  
Sem peso, sem acção, sem apoio e sem nível.

Para Elle são iguaes o Sol e o grão de areia,  
Tenues fios, formando a universal cadeia.  
Da profundez do mar ao fulgor das alturas  
Palpita o Creador nas proprias creaturas;  
Partindo d'Elle, um dia a Elle voltaremos:  
Da embarcação da Fé não se quebram os remos.

O' minha'alma! rasgaste o veu que me encobria  
Essa luz eternal que eu vi que inda não via !

Rio, 1903.

---





## KRATU

---

A minha pharmacopéa é muito simples :  
contém apenas doze remedios, so doze ; e não  
ha mais nenhum que seja necessario ao me-  
canismo humano. São todos produzidos por  
succo de plantas, e seis delles são eléctricos.

(HELIOBAS — *O Mago*).

**N**O meu laboratorio de utopista,  
Manuseando alfarrabios e retortas,  
Tenho no herbario a floração das hortas  
E os filtros mysteriosos do alchimista.

Fluido vital, que não deslumbra a vista,  
Alenta a inanição das coisas mortas :  
E eu abro assim da Evolução as portas  
A tudo quanto á anályse resista.



Posso ás pedras — dar sensibilidade;  
Das lágrimas — verter a hilaridade;  
Dar azas de phalena — aos diamantes.

E num bazar de extravagancias raras,  
Reduzindo a carvão as gemmas caras,  
Mais valoriso os Ideaes triumphantes !

Rio, 1907.

---



## O HIEROPHANTE

---

Quem mostra a palma, mostra a alma.

(AXIOMA DE CHIROMANCIA).

QUANDO eu era pequeno, uma cigana  
Linda, trigueira, de olhos azogados,  
Leu-me as linhas da mão, sorriu ufana  
E extranhas coisas disse, em altos brados.

Como falasse a lingua dos bohemios,  
Pouco entendi do muito que dizia;  
Mas isto ouvi: — “Foge dos homens, teme-os,  
Que so nelles verás hypocrisia.

“Como é descommunal a intelligencia  
Que em teu craneo infantil sacode as azas,  
Esgotarás, nos filtros da sciencia,  
Uns venenos que queimam como brazas.

Cheio de crenças, sonhos e esperanças,  
Verás teu bergantim de mocidade  
Se afundar, na enseada das lembranças,  
Sobrenadando apenas a saudade.

De então por diante, náufrago sombrio,  
Errando sempre por distantes portos,  
Quando voltares ao teu lar vasio,  
Os que te amavam acharás ja mortos.

So nas mulheres tu verás ternura,  
Mas vê que na ternura das mulheres  
Brilha a chamma sinistra da loucura,  
E da loucura dellas nada esperes.

Todos, então, com sêde de vingança  
Hão de espreitar-te, sem ousar ferir-te:  
Porém da Injuria ha de roçar-te a lança,  
E da Calunnia galgarás a syrte ”.

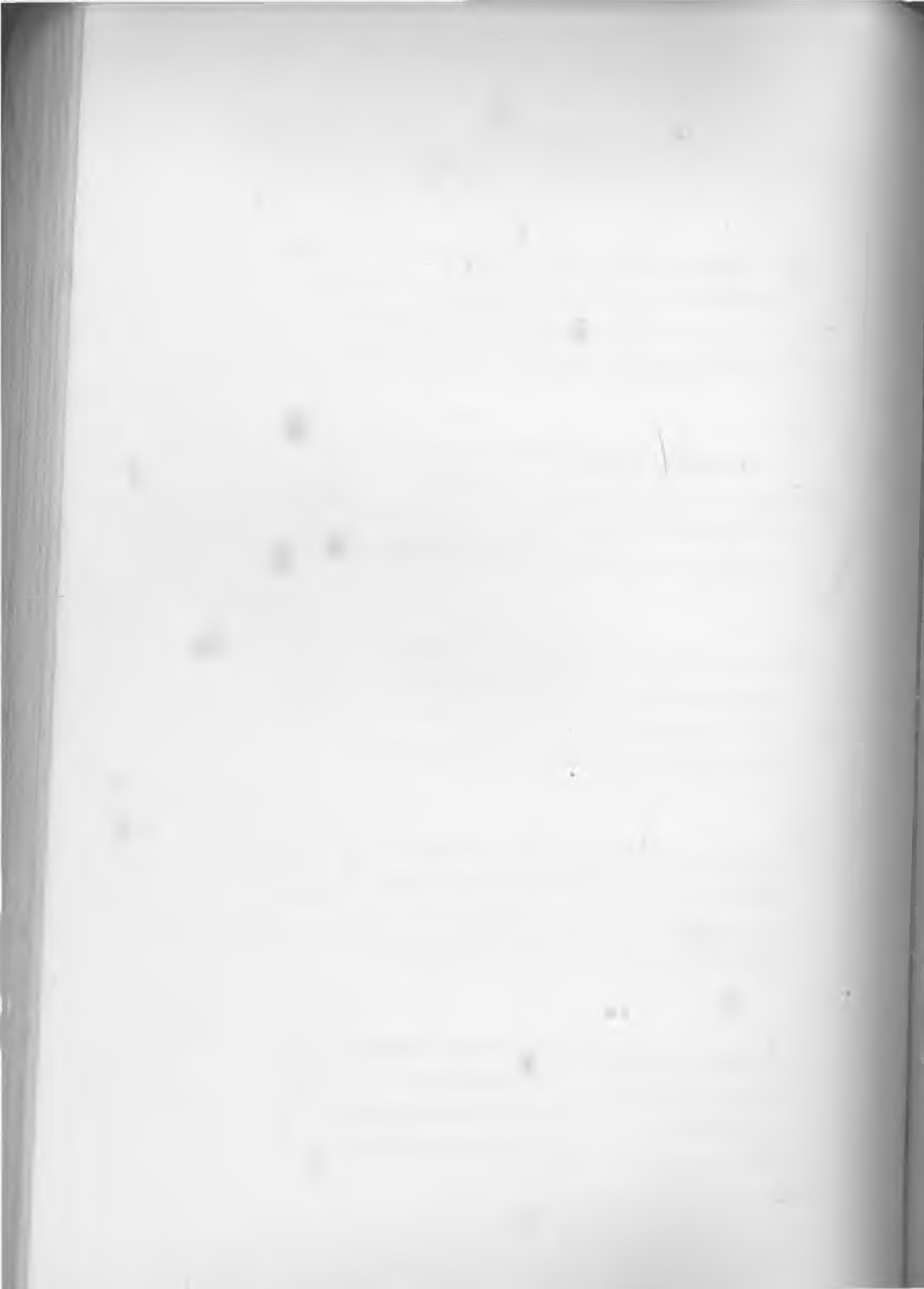
E aconteceu tudo quanto ella disse,  
A trigueira dos olhos azougados,  
Que me beijou, sorrindo com meiguice,  
Vendo os signaes na minha mão traçados.

— Menestrel-paladino — fui poeta  
E guerreiro, na flôr da mocidade;  
Chamaram-me mais tarde de propheta,  
Por vêr que eu predizia com verdade.

Converso com as árvores... escuto  
A linguagem das coisas silenciosas...  
E no vôo dos pássaros perscruto  
Hieroglyphicas cifras portentosas !...

No meneio do leque das palmeiras  
Vejo o que um dia baixará dos ares;  
E no gélido riso das caveiras  
Do scepticismo vil noto os esgares.

Quando do que mais ólho me descuido,  
Povôo de miragens o deserto;  
E vibrando em meu sêr o eterno fluido,  
Leio nos astros como em livro aberto.





## A VIAGEM DA VIDA

*Ao meu filho Alvaro*

So no termo desta viagem é que podemos ouvir a *Voz do Silencio*. A escada por onde subimos para o Além é formada por degraus de soffrimento e dor: so as lágrimas purificam as almas contaminadas pelo invólucro material. Ai do que se esquece de deixar atraz de si todos os seus vicios!

(PARACÉLSE).

**P**ARTE um navio em busca de outras plagas,  
Cortando ufano as ondas murmurantes;  
E na esteira que deixa á flor das vagas  
Fervem phosphorescencias cambiantes.

Toma do leme um argonauta louco,  
Pelo seu louco sonho arrebatado:  
A terra, que se esvai a pouco e pouco,  
Perdeu-se para sempre: — é o Passado.

Como os cincoenta príncipes da Grecia  
Em procura do vello ou tosão d'oiro,  
Alenta o mísero a esperança nescia  
De ser feliz em novo ancoradoiro.

E nem percebe que o fatal navio,  
Exposto sempre ao temporal fremente,  
Tem na flámmula um dístico sombrio  
Que quer dizer: — agora, hoje...o Presente!

Insensato! o paiz que elle demanda  
Foge ao raio visual do palinuro:  
Sopra o tufão, a bússola desanda...  
E' o naufragio nas costas do Futuro!...



## O KARMA

---

A Natureza não pode escravizar a Alma  
que obtem o Poder por meio da Sabedoria,  
e em ambos emprega a Lei do Karma, que  
nos conduz á Verdade.

(HELENA BLAVATSKI).



DEUS da Theosophia

Não é esse das seitas religiosas,  
Que dorme noite e dia  
Nas áras luminosas  
Das antigas mesquitas mahometanas,  
Ou das modernas cathedraes romanas.

Força motriz dos múltiplos systemas  
Que dirigem os vultos planetarios,  
E' a vibração, que despedaça algemas  
Na eterna irradiação dos Septenarios.



Essencia pura, primordial, divina,  
Desce do Todo á simples unidade ;  
    E, si a materia anima,  
Volta de novo á espiritualidade.

E tanto impelle as simples creaturas  
Como equilibra os astros no infinito,  
Por leis evolutivas e seguras'  
Do seu poder universal prescripto.

Pois bem : nós somos parte desse Todo ;  
    Não o verme do lôdo,  
Mas a faisca que partiu da chamma  
    Que este Universo inflamma,  
Semeando na amplidão as nebulosas  
Entre as constellações mais radiosas,  
E os errantes cometas solitarios  
Que fogem sempre aos corpos planetarios.

Mas no eterno vaivem das existencias,  
Restrictas da materia ás contingencias,  
Desde que o livre arbitrio nos foi dado,  
Temos em nossa mão o proprio fado.

A lei, que determina a recompensa  
Dos males e dos bens que praticamos,  
A lei de causa e effeito, que applicamos,  
    Por lógica permuta  
    De principios innatos,  
E' tambem applicada aos nossos actos,  
Desde que o homem sente, e quer, e pensa,  
    E pode, e executa.

O homem é senhor do seu destino;  
Mas ja que tem tamanha liberdade,  
Não deve se queixar do Sér Divino,  
Nem recuar ante a Fatalidade.

    Si o raciocinio é arma,  
De que até nos servimos contra a crença,  
Ja foi lavrada Além nossa sentença,  
Temos de obedecer á lei do Karma.

O que semeia o mal nesta existencia,  
Na seguinte existencia ha de expial-o;  
Assim como o que nós hoje soffremos  
E' o castigo do mal que praticámos  
    Na vida ja vivida  
Neste mesmo planeta, onde ora estamos,  
Ou em outra qualquer região perdida

Na multiplicidade das estrellas  
Que povôam o azul do Firmamento,  
Pois não foram creadas, todas ellas,  
Para estar em inutil movimento.

Os rápidos prazeres e alegrias  
Que embalam nossos dias,  
Ja são as recompensas merecidas  
Do bem que semeámos noutras vidas.

Quanto ao ceu e o inferno, de que falam  
As velhas escripturas,  
São coisas que afinal ja não abalam  
As consciencias seguras:  
Por cincoenta ou noventa annos de vida  
Na terra pervertida,  
Lentas penas não ha de  
Penar a alma em toda a Eternidade.

A lei de causa e effeito  
Sabiamente applicada ás nossas dores,  
Como castigo ao mal que temos feito,  
E ás nossas alegrias  
Premiando, com o bem, o bem perfeito,

E' a corrente que enlaça os nossos dias  
Desde a série das vidas anteriores  
Até ás mais remotas existencias,  
Nesses núcleos solares, onde as flores  
Têm alma, e as almas — divinaes essencias.

Rio, 1909.





## ESPERANDO O MESSIAS

---

E acontecerá que nesse dia tornará o  
Senhor, pela segunda vez, a estender a sua  
mão para recobrar os restos do seu povo.

(ISAÍAS — *Cap. II*, vers. 11).

**P**ASSEM de longe as virgens mais formosas  
E as mais bellas viúvas sensuâes;  
Ja dos enganos desfolhei as rosas,  
Grinaldas de illusões não quero mais.

Eu so curvo a cerviz, em reverencia,  
Ante a Mãi que amamenta o filho seu;  
Vejo nella a Mulher por excellencia:  
Pode ser elle um novo Prometheu...

Mas si matrona grávida apparece  
No meu caminho, digo com fervor :  
— Quem sabe si este ventre não aquece  
O embryão do futuro Redemptor ? ! —



## SUPREMA SYNTHESE

---

Os *Números* são as bases invisíveis dos sêres, do mesmo modo que os corpos são as bases visíveis; isto quer dizer que ha um duplo character nas coisas: um visível, e outro invisível. O visível é a fôrma, o corpo; e o invisível é o número.

(PYTHÁGORAS).

**W**EMPRE as coisas maiores e as melhores  
Na escripta e no dizer são as menores;  
Exemplos:—DEUS, JESUS,  
MARIA, Graça, Amor, e Ave e Eva . . .  
O Ceu, a Terra, o Ar, a Luz e a Treva,  
O Thabor e a Cruz.

O Ceu num monosyllabo se encerra;  
Duas syllabas bastam para Terra;  
O Ar tem somente duas letras, e



Precedendo-as de um *m*, o Mar se vê:  
É si um *a* lhe antepões, podes Amar.

Nascer, Viver, Morrer, Dormir, Sonhar . . .  
É o Sol, e a Lua, e o Mundo?; e o Berço e o Lar?

A Paz, a Luta, o Fogo, o Gelo, a Alma,  
O Praser e a Dor;  
O Prisma, a Gloria, o Iris, Louro e Palma,  
O Vicio e o Pudor.

A Pedra, o Eu, e Tu, e Nós, e o Tòdo;  
O Frio e o Calor;  
CAIM e JUDAS, a Traição e o Lôdo,  
A Ira e o Amor.

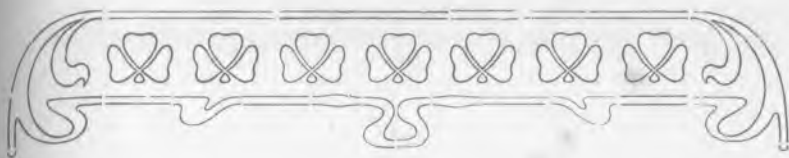
Pai e Mãi, Irmãos e Filhos,  
Avós, Netos, Ninho e Cova,  
Conta e Prova,

Crença Velha, Idéa Nova,  
Hóstia, Missa, Bênçãos, Brilhos,  
Thema e Poema.

Astros, Flores, Noite e Dia,  
Mez e Anno, Mal e Bem,  
Razão, Poder, Paz e Guerra,  
Mar e Terra,  
Mundo, Carne, Culpa e Pena,  
Palco e Scena,  
Patria, Casa,  
Vôo e Asa,  
Po, Cinza, Nada . . . : e o Além!

Crença, Fluido, Genio, Fado,  
Praia, Areia, Monte, Prado,  
Agua, Vento,  
Chuva, Neve, Grão e Tento,  
Bom e Mau, o Justo, o Santo,  
Riso e Pranto,

O Papa, o Rei, o Juiz,  
O Reu, o Senhor e o Servo,  
Braço e Mente, Sangue e Nervo,  
O Homem, o Verme, o Leão,  
    Serpe e Cão,  
Peixe, Corvo, Aguia, Jaguar,  
    Voz e Olhar,  
Valor, Brio, Força e Medo,  
    Tarde e Cedo,  
Nuvem, Bruma, Lente e Sonda,  
    Po e Onda,  
Fome e Sêde, Beijo e Bôca,  
    Musa Louca !  
O Sapo, o Boi, Luto e Gala,  
    Sangue, Bala  
Punhal, Obuz, Lança, Dardo,  
    Urze e Cardo,  
Noiva, Nympha, Deusa, Fada,  
    Fraco e Forte,  
    Tudo e Nada,  
    Vida e Morte.



## EVOLUÇÃO

---

E tornarei, sem recordações. E' claro! A individualidade permanente que reencarna, e a personalidade transitoria de cada vida, são differentes. O que chamamos memoria, não é funcção da alma, mas do cérebro physico. A novo cérebro, de um organismo novo tambem, uma lúcida memoria, *que nada recorda*, é o que lhe corresponde; é a consequencia lógica. ; Bálamo santo é esta psychica amnesia !...

(M. Roso DE LUNA — *A prehistoria de meus viveres*).

### I

**M**ORRI no mineral, para nascer na planta,  
Fui pedra e fui semente:  
Brilhei no diamante e no crystal luzente,  
E fez em mim seu ninho o pássaro, que canta.

### II

Na planta adormeci, e despertei um dia  
No animal, que move os músculos e anda;  
Percorri apressado uma senda sombria,  
Vendo indistinctamente uma luz na outra banda.

## III

Do animal passei para as fôrmas do Homem,  
E sendo Homem estou muito perto do Anjo;  
So assim chegarei aos círculos que abranjo  
Com a Razão, que ainda as Dúvidas consomem.

## IV

Poderei amanhã fluctuar, batendo as azas,  
Pela vasta amplidão constellada de ceus:  
Faisca, que desceu ás cinzas e ás brazas,  
Ascenderei mais tarde á Eterna Luz — que é DEUS!

Rio, 1908.

---



## A VIDA EM JÚPITER

THESEDEK (Júpiter) é o planeta da Justiça.  
(PARACELSO).

**S**ILENCIANDO as rigorosas provas  
Por que passei, para poder mais tarde  
Chegar ao grau — de que não faço alarde —  
Mas que me permittiu *ver coisas novas*;

Ante a resignação, força e coragem  
Que revelei no transe prolongado,  
O premio consegui, tão almejado,  
De fluctuar por cima da voragem. . .

É posso enfim voar, em pensamento,  
Pela vasta amplidão de um ceu aberto:  
Vendo não ser um páramo deserto  
O campo azul do eterno Firmamento.

Para fugir ao lodaçal medonho  
Onde fermentam as paixões humanas,  
Numa dessas viagens soberanas  
*Tive um sonho que em tudo não foi sonho.*

Foi isto: o Genio que me guia os passos  
Convidou-me a passar algumas horas  
Mais alegres que em grupos de senhoras,  
Ou nos ricos salões de régios paços.

É arrebatou-me a Júpiter... De prompto  
Faz-se em volta de mim tão funda treva  
Que eu ja nem sei por onde elle me leva,  
A sonhar, sem dormir, confuso e tonto.

É a subir... a subir... arrebatado  
Por uma força rápida e crescente,  
Ja me faltava o ar, mas de repente  
Senti-me por um íris traspassado.

É num confuso enleio inebriante,  
Cada vez me sentindo mais surpreso,  
Percebi que a metade do meu peso  
Tinha-se evaporado nesse instante. . .

Recuperando as sensações perdidas,  
Sentia-me tão bem, tão satisfeito,  
Como si ao despertar visse em meu leito  
Força, riqueza e gloria recolhidas.

Que mundo aquelle e que existencia aquella !  
Que ar tão puro, que luz e que harmonia !  
Era o paiz do Amor e da Poesia,  
Onde o homem — é bom, e a mulher — bella.

Mas a bondade ali é mais completa  
Que o mais nobre altruismo idealizado ;  
É a femínil belleza — o dom sagrado  
Que vai além dos sonhos de um poeta.

Vi . . . o que so se vê depois da morte,  
Quando se fez o bem aqui na terra :  
Toda a grandesa que o paraiso encerra,  
Nos êxtasis de um mystico transporte.



Animaes de um tamanho monstruoso,  
Mas dotados de clara intelligencia,  
Vivendo na mais ampla independencia,  
Cada qual mais activo e laborioso.

Ruas com tôldos de jardins suspensos  
Como era o de SEMIRAMIS outr'ora;  
E á branda luz de uma perenne aurora  
Leves ondas de mysticos incensos.

Passeios movediços, onde a gente  
Vai, de um extremo ao outro das cidades,  
Sem dar um passo, como si as vontades  
Movessem multidões constantemente.

Avenidas de casas sumptuosas  
De mais de cem andares, com janellas  
Abertas para todas as estrellas;  
E galeras de prata em mar de rosas.

Instrumentos agrônomos e ópticos  
Obedecendo a eléctricas correntes,  
No cultivo das zonas producentes  
Ou no exame dos páramos exóticos.

Aeronaves, cruzando-se nos ares,  
Movidas por motores invisíveis,  
Com hélices mais leves e sensíveis  
Que as rápidas turbinas dos teares.

Rios de leite em margens de esmeraldas,  
Que disfiavam collares de diamantes  
Em turbilhões de pétalas errantes  
De flores de odoríferas grinaldas.

Cordilheiras de prata e de alabastro  
Com veios e filões d'ouro massiço;  
E o ambiente impregnado de um feitiço  
Que transformava cada flor em astro.

Vive-se ali uns cinco ou seis mil annos,  
Sem doenças, sem dores nem tristeza,  
Desconhecendo da velhice os danos,  
Na festa perennal da Natureza.

Sem traições, adulterios e perfidias,  
La não se arrastam cobras peçonhentas:  
E as mulheres, de fórmias opulentas,  
Vencem os proprios mármores de PHYDIAS.

E... nada mais direi, pois não me é dado  
Nada mais revelar de tudo aquillo,  
Sinão que o homem, la, vive tranquillo,  
Sem remorsos nem dúvidas, amado,

Forte, feliz, contente, satisfeito,  
Simple, ingenuo e rico de saude,  
Na prática do Bem e da Virtude,  
Da Justiça, do Amor e do Direito.

Quando voltei ao lodaçal medonho  
Onde formigam vermes de vaidade,  
Chorei, por não ter sido realidade  
Esse sonho... que em tudo não foi sonho!



## O INFINITO

---

**A** ONDE o corpo não vai, projecta-se o olhar ;  
Onde pára o olhar, prosegue o pensamento ;  
Assim, nesse constante e eterno caminhar,  
Ascendemos do po, momento por momento.

Inda além da atmospherá e além do firmamento  
Onde os astros, os sóes não cessam de girar,  
Ha de certo mais vida e muito mais alento  
Do que nesta prisão mephytica, sem ar.

Pois bem, si não me é dado, em vigoroso adejo,  
Subir, subir . . . subir aos mundos que não vejo,  
Mas que um *não sei o quê* me diz que inda hei de ver,

Quero despedaçar os élos da materia,  
Perder-me pelo azul da vastidão ethérea:  
E ser o que so é quem ja deixou de ser.

Rio, 1877

---



## O PARABRAHM

---

O universo visual sai da immaterialidade  
de um principio, como os números saem da  
immaterialidade do zero.

(ALPH. BUÉ).

**F**ORÇA motriz, imponderavel fluido  
Que movimenta a Natureza inteira,  
(Numa dualidade inalteravel)  
És a lei de equilibrio, cuja origem  
Parte da analogia dos contrarios,  
Revelando a existencia de um principio  
Que attrai, repelle, engendra e desaggrega,  
Coagula e dissolve, e segue avante,  
Numa constante marcha evolutiva.

De sul a norte, do nascente ao poente,  
De planeta em planeta, e do systema  
Solar, onde hoje estamos, aos milhares  
Desses outros systemas planetarios  
Que DEUS lançou pelo Infinito á fóra,  
Como degraus da escada do seu throno  
Que havemos de subir — quando libertos  
Da vil materia, que nos prende as azas...  
Mysteriosa e divinal corrente  
De afinidades, que entrelaça os corpos  
Entre si, por magnéticos impulsos,  
Cujo funcionamento permanente  
Baseia-se na dupla resistencia  
De repulsão e de attracção de tudo,  
Produce maravilhosos equilibrios  
Dando logar aos múltiplos estados  
De dispersão e de retrahimento  
Dos sólidos, dos líquidos, dos gazes,  
Dos fluidos e dos psychicos phenômenos.

Que é a vida? — calor, luz, magnetismo  
E electricidade: mas a vida  
Reside palpitante, antes de tudo,

Na força de equilibrio das correntes  
Absorvidas nos corpos, que organisam  
Em seu proveito, e simultaneamente  
Irradiam de si, constituindo  
Assim uma atmosphaera radiante,  
Para identificar-se, no Universo,  
Por essa perennal polaridade  
A' força bipolar que enlaça os astros.

No rijo mineral, de aspeito firme,  
No debil vegetal, ja vacillante,  
Ou no inquieto animal inexperiente,  
Até chegar ao homem — devorado  
Por dúvidas e vermes; nos tres reinos  
Da Natureza, — impera a mesma força:  
Assim tambem o sol vai derramando  
Vida e luz sobre os corpos planetarios,  
Como estes sobre os sêres que os povôam,  
Boiando em tudo um magnetismo eterno.

O magnetismo astral se manifesta  
No fluxo e no refluxo do oceano,  
Ao vaivem das correntes submarinas;



O terrestre, no ímã e na bússola ;  
É o animal, que faz com que a serpente  
Attraiá o sapo, ao tempo em que o selvagem  
A serpente subjuga, em nós transborda  
Ja de um olhar no fluido imperativo,  
Ja da vontade na suprema força ;  
É assim domamos as ferozes bestas  
Dos instinctos carnaes, ao mesmo tempo  
Que ante as aras da igreja, sempre aberta,  
Da Razão e do Bem, — ajoelhamos,  
Mandando ao Creador Omnipotente  
Hymnos de Amor e Gratidão em preces.

Buenos Aires, 1909.



## A RAZÃO DE SER DA VIDA

---

Despresa a morte: a morte é um instante.

(BOCAGE — *Epístolas*).

QUNDE a crença não vai, entra a philosophia ;  
Pode o homem viver sem fe, mas não seria  
Um homem, si não fosse o raciocinio innato  
Que parte do concerto em demanda do abstracto.  
Vibra um fluido subtil, na Natureza immerso,  
Harmonisando as leis perennes do Universo ;  
Mas do poder de DEUS a irradiação mais viva  
E' a que nos mostra o Bem na escala evolutiva.

No principio, era a terra um conjuncto de abysmos  
Rasgados pelos mais tremendos cataclysmos.

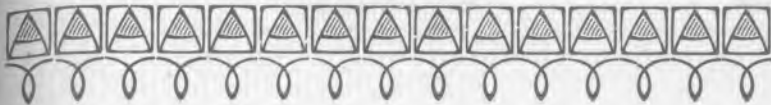
Que uma condensação, por elles produzida,  
Não permittia dar ingresso á luz e á vida;  
Os séculos, porém, no seu percurso lento  
Produziram por fim um tal resfriamento  
Na crôsta colossal do monstro planetario,  
Que a vida palpitou, no período embryonario.

Do rude protoplasma ao homem primitivo  
Foi lenta a evolução: mas o sêr redivivo  
Conseguiu, com o tino, espedaçar a algema,  
Que metamorphoseou em vontade suprema.

E attingiu elle o fim do plano da existencia?  
Não!. . o seu *eu astral* é de tal transcendencia  
Que ha de existir além, nessa pluralidade  
De mundos e de sóes, por toda a Eternidade.

O DEUS, que nos creou, não nos perde de vista.  
Para que o Creador na creatura exista,  
Deu-nos o livre arbitrio, a vontade e a crença,  
Que são raios de luz dessa Bondade Immensa!

Rio, 1909.



## A ALMA E A PEDRA

---

O Poeta entra nos Templos do Himalaya, guiado espiritualmente por VAN DER NAILLEN, como outr'ora o DANTE entrou no *Inferno* pela mão de VIRGILIO; e antes de penetrar no Santuario profere esta oração:

**F**ODA a Sciencia do Occultismo,  
A' luz das causas primordiaes,  
Repousa, neste profundo abysmo,  
Em tres principios fundamentaes.

E' a chave d'oiro desse Mysterio  
Que as portas abre da Evolução:  
Colloca o Berço no Cemiterio . . .  
E empresta á inercia vigor e acção.

Da mesma fôrma porque em materia  
Se torna a essencia do *Parabraham*,  
O sêr sensivel, na plaga ethérea  
Passa da Noite para a Manhã.

Nós somos fios de astral novelo,  
Obedecemos a eternas leis;  
Pode uma simples pedra de gelo  
Servir de exemplo, como vereis:

O gelo, em alta temperatura,  
Vemos em agua se converter;  
Soffre, portanto, nessa tortura,  
Uma mudança no seu viver.

Apenas tendo dado um so passo  
Na estrada aberta da Evolução,  
Mais livre, occupa maior espaço,  
Gosa de muito mais expansão.

Ja pode agora ser empregado  
Como bebida dos animaes;  
Motor e agente, serve, applicado  
Até nas fainas industriaes.

Si o submettemos a um grau mais forte,  
Não é mais agua, ja é vapor ;  
Deu mais um passo nesse transporte,  
Sendo volátil, tem mais vigor.

Tem mais constante mobilidade,  
Dispõe de muito mais expansão ;  
Fluctua, livre, na immensidade,  
Vôa, sem azas, pela amplidão !

Em grau mais alto, mais livre impera ,  
E tão potente se torna assim  
Que á luz dos astros se retempera  
Num transformismo que não tem fim.

Núcleo de forças e dons ignotos,  
Agita a furia dos turbilhões  
Na epilepsia dos terramotos,  
Soprando forjas d'igneos vulcões! . . .

Então, ja ether, enchendo o espaço,  
Os elementos que em si contém,  
Embora em nada deixem um traço,  
Em tudo espalham-se, e vão além . . .

---

E' uma dessas potencias vivas,  
Um desses fluidos universaes  
Que constituem as Primitivas  
Coisas, Eternas e Perennaes.

Si pode a simples *pedra* de gelo  
Tão facilmente subir aos ceus,  
Como é que a *alma* não é um elo  
Dessa cadeia que a liga a DEUS?

Rio, 1901.



## A UNIDADE DO TODO

---

O número não é outra coisa sinão a repetição da unidade. A unidade encerra-se em todos os números, sendo a medida commum de todos elles, e o manancial da sua origem. O número é a harmonia, e sem harmonia nada existe. O sol encerra o mysterio do Ternario na Unidade; e si no christianismo ha o Padre, o Filho, e o Espírito Santo, temos no Occultismo o *Keter*, o *Chocmah*, e o *Binah*.

(CORNELIO AGRIPPA).

**T**UDO é Um. Não concebe a nossa mente  
Dar a idéa de DEUS, sem ter presente  
Um symbolo qualquer;  
Sirva-nos, pois, o Círculo de imagem,  
Uma vez que a impotencia da linguagem  
Não exprime o que quer.

Ja que a Razão recúa ante o impossivel,  
Tentemos exprimir o inexprimivel  
Por um ponto central,



Cujos raios de luz por excellencia  
Formem a Universal Circumferencia,  
Emanando da Causa Inicial.

Seja o Círculo a imagem da Unidade  
Que se amplia por toda a immensidade;  
Mas... o círculo tem  
*O mais além* das dimensões traçadas,  
E as que partem de DEUS, illimitadas,  
Ultrapassam o Além!...

Tudo está concentrado, e se dilata  
Nessa medida, extrictamente exacta,  
Que preenche o interior;  
E como nada pode ficar fóra  
Do Todo idealizado, vê-se agora  
Que na hypóthese falta o exterior.

O amor, o bello, a luz e a harmonia,  
Tudo emfim que do AUM parte, irradia  
Num perenne arrebol,  
E' como o Sol, que raios mil dardeja  
E em cada um desses raios mil lampeja  
O seu fulgor de Sol.




## O LOTUS BRANCO

---

O Lotus, flor da doutrina hermética, é  
o symbolo da Sciencia Occulta.

(SIRINS DE MASSILIE — *O Oráculo das Flores*).

 S soberanos japonezes trazem  
Sobre o brasão imperial o symbolo  
Da Vida Eterna e do Renascimento  
De Tudo, em uma flor — o cysanthemo.

Lírios e rosas, mas de preferencia  
O Lotus de alva cor, elles ostentam  
No desfraldado panno das bandeiras,

Representando as glórias do passado  
E a crença em DEUS.

As flores synthetizam  
Os mais profundos sentimentos d'alma.

As rosas e as violetas dão a idéa  
Da mocidade ardente e sonhadora ;  
De um laranjal em flor no brando aroma  
Ha brilhos de um luar de castidade ;  
O rôxo lírio lembra o sonho e a morte,  
E as semprevivas um amor constante.

Si a nossa vida é illusão, as flores  
São illusões mais rápidas ainda.

A verbena conduz os pensamentos,  
Por entre as sombras de um passado extinto,  
Ás merencorias plagas da saudade ;  
O heliantho, movendo-se na haste,  
Segue o rasto do sol ; a maravilha  
Abre-se, quando Vesper doira a noite,

Cerrando-se, ao raiar da madrugada,  
Assim que a Estrella d'Alva empallidece;  
A violeta, nas folhas escondendo-se,  
Symbolisa o recato da modestia;  
É a sensitiva, como virgem pura  
Tímida se retrai aos nossos dedos.

No mundo occidental os Rosa-Cruzes,  
Prendendo a rosa aos braços do madeiro  
Onde expirou o Redemptor humano,  
Querem dizer que os symbolos traduzem  
A universal linguagem do Occultismo,  
Pintando ao vivo as crenças e as idéas  
Com cythara ou pincel, escopro ou lyra.

O Lotus Branco, no radioso Oriente,  
Desde as margens das fontes mysteriosas  
Do velho Egipto ás druídicas florestas  
Da enfeitada India, é consagrado  
Como o puro sacrario onde se encerram  
Os Arcanos de ORÍSIDE e de BRAHMA.

O Lotus Branco vive, ao mesmo tempo,  
Dentro d'agua, na terra e no ambiente:

T'em a raiz no lodo, os talos n'agua  
É a folhagem e flor no ar que respira.  
É' o grypho vegetal, que abrange o Cosmos:  
No chão lodoso onde se arrastam vermes,  
No leito dos coraes e madreperolas,  
É no espaço cortado pelas azas.

Tambem noss'alma tem raizes fundas  
No lodo; tambem nutre-se na agua  
Das lágrimas; tambem se ergue nos ares  
Nas azas da oração: — é o Lotus Branco!

Rio, 1909.

---



## A FORMAÇÃO DOS ASTROS

---

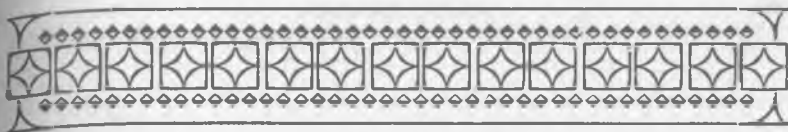
§ I a Lua, a gravitar pelo infinito,  
Das caligens no âmbito que a encerra,  
Cahisse de repente sobre a Terra,  
Morreríamos nós, sem dar um grito!

Do estupendo estrugir do enorme attrito,  
Que so de imaginal-o nos aterra,  
A probabilidade se desterra  
Por emquannto, na hypóthese de um mytho.

Mas, desde que ella vem se aproximando  
Lentamente de nós, fico pensando  
No que de encontro tal resultaria:

Da fusão dos dois astros, com certeza  
Soffreriam as leis da Natureza,  
Mas — uma nova estrella nasceria!

---



## O SER E O NÃO SER

---

Nem todos podemos dizer sinceramente: “*temos vida*”; porque a vida não nos pertence, nem podemos dominal-a, ou monopolisal-a. O mais que podemos affirmar, sem vaidade e sem presumpção, é que somos os instrumentos por meio dos quaes um principio universal produz a Vida.

(FRANZ HARTMANN).

**Q**UE me importa que os mais fiquem aqui de rastros ?  
Eu, não; hei de subir — a topetar os astros,  
Enchendo os meus pulmões do aroma dos jardins  
Onde rebentam sóes e adejam cherubins.

O rumor das paixões, entre o po, me asphixia;  
Prefiro ouvir no Além a perenne harmonia  
Que embala no infinito esses núcleos astraes  
Em constante obediencia ás leis universaes.



Desde a mais tenra idade eu sempre tive a sorte  
De acreditar que estava a dois passos da morte;  
E não me assustou nunca a idéa de morrer,  
Pois so depois da morte é que espero viver.

A vida aqui na terra é uma simples miragem  
Que apenas illumina incompleta viagem. . .  
Nessa pluralidade intérmina de sóes  
E' que existem os bons, os justos, os heróes,  
Cujas nobres acções, sem lágrimas nem sangue,  
Não deixam sobre a arena o seu irmão exangue.

Eu não posso entender as nescias multidões  
Que dividem o globo em diversas nações  
E por uma bandeira, um trapo exposto ao vento,  
Vivem a se matar, num furor truculento.

Quando comprehenderão esses homens brutaes  
Que dão um rude exemplo aos outros animaes ? !  
Estes, no ínfimo plano em que nós os deixamos,  
Não praticaram nunca o mal que praticamos,  
São honestos e bons, generosos e fieis,  
Não enchem arsenaes nem vivem nos quartéis,  
Não inventam canhões e navios de guerra  
Que escurecem o mar e ensanguentam a terra.

Porque ha de o militar não ser como o civil?  
So por que este não mata é que ha de ser um vil?  
Acho esta distincção — uma monstruosidade:  
Luta-se ou não se luta, eis a triste verdade;  
Quando se luta, ja que ha patria, o cidadão  
Defende a patria e o lar com as armas na mão;  
Mas quando não se luta — o cidadão trabalha,  
Sem fazer da bandeira uma escura mortalha.

São meras abstrações os costumes e as leis  
Que ligam, não ligando, os cidadãos e os reis;  
Perfumes do saber de altos legisladores,  
Que aspiraram fazer dos escravos senhores,  
E que, perfumes sendo, ao vento das paixões  
Se dissipam, na paz ou nas revoluções.

Tem uma historia propria a terra, onde se somem  
Todas as tradições ephêmeras do homem,  
Que so appareceu muitos séculos depois  
Das plantas e os crystaes, como os peixes e os bois,  
Além da successão de habitantes diversos  
Cuja vala-commun pluralisou-se em berços  
De que foram se erguendo as novas gerações  
Ao influxo do calor, da luz, das vibrações.

---

Nesta illusão do sêr, ante *o não ser* terrível,  
O que vemos é falso: *o real é o invisível*.  
Deixo a dúvida e o po aos scépticos e atheus,  
E buscando a Verdade espero encontrar DEUS.

Rio, 1915.

---



## AOUM

---

*A-c-u-m...* esta palavra sagrada poderosa, nunca deve ser pronunciada muito alto, quando as trevas espirituaes nos envolvam, ou quando os membros da Nossa Ordem estiverem presentes.

(VAN DER NAILLEN).

*Memento, homo, qui Deum est, et in Deum revertetur.*

**H**A na Maçonaria  
Claros vestígios do sagrado rito  
Que nas priscas idades florescia  
No tópo das Pyrámides do Egypto.

Mais de quarenta séculos passaram  
Sob o giro dos corpos planetarios,  
E as gerações de espanto recuaram  
Ante esses Tres Arcanos solitarios.

Immoveis, como estatuas levantadas  
No duro chão dos frios cemiterios,  
Encerram as Pyrámides sagradas  
Setenta e tres Mystérios...

Eram ellas os templos primitivos  
Onde se iniciavam  
Nos Segredos da Morte os sêres vivos  
Que as vivas leis da Morte desvendavam.

Inda hoje vemos, nos iniciados  
Do principesco grau de Rosa-Cruz,  
Symbolos — que ja eram explicados  
Muitos séculos antes de JESUS.

MOYSÉS e SALOMÃO, almas celestes,  
Derramam sobre nós forças occultas;  
E ostentam-se, mais firmes que os cyprestes,  
A sombrear vegetações incultas...

SANTO AGOSTINHO synthetisa a idéa  
Do Magismo da Persia em ZOROASTRO:  
Nesse tempo em que os sabios da Chaldéa  
Passeavam á noite de astro em astro!...

---

De Memphis na janella de granito  
— Invisível aos olhos dos atheus —  
Serve o Karma de escada do infinito  
Por onde o *Aura* nos conduz a DEUS.

Rio de Janeiro, 1900.





## O FILHO PRÓDIGO

---

Colei di gioia trasmutossi, e rise,  
E in atto di morir lieto, e vivace  
Dir parea: s'apre il cielo, io vado in pacè.

(Tasso — *Gerusal. Liber*).

**U**MA luz, que não vejo e me fascina,  
Deve brilhar no fúnebre transporte,  
Surgindo inesperada, intensa e forte,  
Mais rápida que o raio que fulmina.

Sinto que a nossa vida não termina  
Onde parece começar a morte:  
Triste seria, então, a humana sorte,  
É inútil o poder da acção divina.



---

Este planeta é apenas um deserto  
Onde nós, viajantes do Infinito,  
Andamos, tropeçando, a passo incerto.

Quando soltamos da agonia o grito,  
E' que o perdido lar vemos de perto. . .  
E' que á Patria da Luz volta o proscrito!



## O DEVANEAR DO THEÓSOPO

*A meu filho Mucio*

---

Os corpos, que são agglomerações de moléculas, seriam assim os análogos das vias-lácteas e das nebulosas resoluveis.

(PAUL GIBIER).

**D**epois do pensamento libertar-me  
Da acção do peso, afim de que espedace  
Os pesados grilhões do captiveiro  
Que me prendem á terra, livremente  
Poderei, la de cima, examinal-a,  
Cravando o olhar do espírito nas rochas  
Immoveis, entre as ondas movediças  
Dos oceanos pofundos, que separam  
Continentes, nações, e fauna e flora.

Terei do macrocosmo a idéa exacta,  
Partindo das sementes ás florestas,  
Indo do grão d'areia ás cordilheiras,  
Até chegar do protoplasma ao homem  
E do homem ao núcleo do planeta,  
Onde o berço encontrei e espero a tumba,  
Para nella deixar o corpo inerte  
Quando minh'alma sacudir as azas  
No largo vôo de existencia nova.

Mas, sem sair desta planetosphaera,  
O microcosmo sondarei, buscando  
Encontrar nelle o *sêr real*, ou antes  
O *terceiro principio*, que, por cima  
Da materia e da força, como um fluido,  
Do *Universo animado* é parte activa.

A fôrma dos Oceanos e das terras,  
Confirmando o que ensina a Historia Occulta,  
Diz que cada período cosmogônico  
De vinte e cinco mil e centos de annos,  
Determinado pela astronomia  
Na semestral pressão dos equinóccios,  
Assiste a pavorosos cataclysmos,  
Multiplicando universaes diluvios,

Uns pelas aguas, outros pelo fogo,  
Permanecendo o mundo equilibrado,  
Sempre a girar vertiginosamente.

Estamos num período em que os gelos,  
Cuja espessura se accumula agora  
Em cincoenta kilômetros no Arctico,  
Ou no Austral, onde a fremir se partem  
Num desmoronamento monstruoso;  
Blocos de gelo enormes, qual si fossem  
Dezenas de Itatiáias sobrepostos,  
Precipitam-se, la, varrendo os mares,  
Se arrastando e rolando com as aguas,  
Raspando os continentes, e levando  
Nessa enxurrada as rochas de granito.

A agua salgada espuma sobre tudo,  
Éxcepto alguns planaltos solitarios,  
Que são os Ararats das novas Arcas;  
É um silencio completo se alevanta  
Sobre a humana grandeza, sepultada  
Num cemiterio de cidades mortas! . . .

So séculos depois irão surgindo,  
A pouco e pouco, juncos oscillantes,

Arbustos verdes, árvores frondosas,  
Florestas virginaes, aves e feras;  
Novos homens, cabanas e rebanhos,  
Casas, cidades, com prisões e templos,  
Hospitais e quartéis, tendas e escolas,  
Prostíbulos, bordeis e lupanares.

De novo nascerão reis e poetas,  
Juizes, sacerdotes e guerreiros,  
E ladrões, e mendigos e aventos;  
Crianças loiras e mulheres lindas,  
Curiosas aquellas, estas falsas,  
Ardentes, voluptuosas e ciumentas,  
Promettendo, sem dar, uns paraísos  
De onde os tristes Adões são sempre expulsos...

Começarão de novo as duras guerras,  
Revoluções, duelos, e combates  
Peito a peito, ou no fundo das trincheiras,  
Negros túneis fataes por onde passam  
Os sinistros comboios do exterminio!...  
Mas das passadas gerações extinctas  
Nada mais restará: nem um poema,  
Nem as estatuas dos heróis e genios;  
Entrementes no azul do firmamento

---

O mesmo sol ha de doirar os dias  
E a mesma lua pratear as noites.

Somente a anályse espectral nos mostra  
A analogia que ha entre as estrellas  
E as almas immortaes, umas e outras  
Presas pelas correntes invisiveis  
De uma lei de harmonia, que se estende  
Do ôvo da chrysálida á phalena,  
Do grão ao fructo, da raiz á fronde,  
Do indivisivel glóbulo de um átomo  
A' incalculavel dimensão dos astros!

Rio, 1915.

Algebra no finito os raciocínios,  
Pretendendo que além dos seus dominios  
Nada existe, porque ella nada vê:

So acceita os effeitos, no visivel,  
Sem ir buscar as causas, no invisivel,  
Onde ha, de tudo, *o como e o por quê.*

Montevideo, 1909.

---



## VIBRAÇÕES DO CÉREBRO

---

No vasto laboratorio de Deus, o cérebro do homem é o primeiro apparelho que pode converter a matéria em força, em pensamento-força; e esse poder, eterno em seus effeitos, é um factor poderoso na elevação de todas as coisas.

*(Nos Templos do Himalaya).*

**A**NGELO, o Bispo do Catholicismo,  
A scismar nos mysterios em que scismo  
Não viu mais do que vi;  
Dos attractivos sensuaes libertos,  
Proseguimos os dois, de olhos abertos,  
Sondando tudo aqui.



Ensinam as Sagradas Escripturas  
As Sete divisões das creaturas,  
    Reduzidas a Tres:  
Corpo, Espírito e alma, — o transitorio;  
Que não passa de um simples involtorio,  
    E a dupla lucidez.

O corpo não é mais que o leve manto  
Que arrastamos, do berço ao campo-santo,  
    No lodo das paixões;  
So a Alma é real, pura e sensível:  
So ella vê, nas trevas, o invisível,  
    Vencendo as amplidões.

E a Morte . . . que é a Morte?—A Liberdade,  
O exterminio da Dor; ver a Vontade  
    Transformada em poder;  
O dominio do Tempo e da distancia;  
E Além, da Luz na perennal estancia,  
    Sempre permanecer.

Mas não nos será dado, antes da morte,  
Desprender a noss'alma num transporte,  
    Correr no fluido astral?

Na aeronave dos Sonhos viajamos,  
E a qualquer hora, em pensamento, vamos  
Ora ao Bem, ora ao Mal.

Conhecendo o poder das leis supremas,  
Da materia quebramos as algemas  
Que nos prendem o pe;  
Coisas phenomenaes, prodigiosas  
Mostraremos ás vistas curiosas  
Da multidão sem fe.

Nasce a Dor — dos Desejos não saciados,  
Com todo o seu cortejo de cuidados  
E de ambição sem fim;  
São os nossos maiores inimigos  
Nossos proprios deleites, que aos perigos  
Nos arrastam assim . . .

PYTHÁGORAS não mente: a theoria  
Das reencarnações mais irradia  
Ao brilho da Razão;  
Ella não fere a religião do CHRISTO;  
Até JUNQUEIRA FREIRE encontrou nisto  
Sagrada inspiração.

O hindú, nella firmado, crê e espera ;  
Emquanto a alma não se retempera,  
    Tem de soffrer aqui . . .  
Toda a materia cósmica obedece  
Às mesmas leis : enrosca-se num *S*  
    E estende-se num *I*.

Repetem-se na terra os nascimentos  
Como se reproduzem pensamentos  
    Na massa cerebral ;  
Até que possa a Alma, emancipada,  
Entrar emfim na phaira illimitada  
    Da zona espiritual.

Quem penetrou mais fundo neste abysmo,  
Scismando nos mysterios em que scismo  
    Não foi além de mim . . .  
Nem os loucos, que são os mais libertos,  
Em voz alta a pensar, de olhos abertos,  
    Andaram tanto assim ! . . .

Quanto maior a nossa intelligencia,  
Tanto menor será, nesta existencia,  
    O amádigo a transpor ;

---

É na absorção final do *eu* no *todo*,  
Temos azas: — voemos deste lodo  
Para os mundos do Amor!

Rio de Janeiro, 1901.





## O NIRVANA

---

Dormir é repousar. Esse repouso  
Será somno sem sonhos? Ai, a morte  
Será dormir? Talvez sonhar? Quem sabe?

(SHAKSPEARE — *Hamleto*).

**S**I o homem dorme, e acorda, e luta, e morre,  
Para dormir de novo, numa cova;  
E si na morte a vida se renova,  
Para de novo se morrer; me occorre,

Então, a idéa singular, que corre  
Dos vermes aos planetas, como prova  
Do poder divinal, que tudo innova,  
O fluido astral subtil, que em tudo escorre.

---

Mas os *pandits*, os sabios do Oriente,  
Dizem que os astros nascem, como a gente,  
E tambem morrem, como nós morremos!

E que elles, como nós, adormecendo,  
E' para sempre: nunca mais podendo  
Sahir do *ponto morto*, que não vemos...

1915.

---



## CIRCULO VICIOSO

---

O instincto adormece sempre que a razão desperta ao impulso da intelligencia. O *corpo astral* é o intermediario entre a alma e a materia. A Kabbala explica como o corpo material toma, pouco a pouco, a fôrma dos animaes para que mais tendem as nossas inclinações, modificando os traços physionômicos, produzindo assim uma especie de semelhança entre os homens e as bestas.

(MUCIO TEIXEIRA — *Dicc. de Sciencias Occultas*).



RICO encara altaneiro  
O resto da humanidade,  
Sem saber que o seu dinheiro  
E' a causa da sua vaidade.

E nem vê que ha millionarios,  
Ante os quaes constantemente  
Surgem multimillionarios,  
E assim progressivamente.



O nescio que so pretende  
Ter posição elevada,  
De tantos outros depende  
Que, por si, não vale nada.

Nem sabem esses senhores  
Que as revoluções frementes,  
Banindo os Imperadores,  
Matam Reis e Presidentes...

As empoladas vanglorias  
A que este mundo se aferra,  
Sepultam-se, transitorias,  
Em sete palmos de terra.

São vagalumes, brilhando  
Das solidões no negrume,  
Enquanto não vai brotando  
Das estrelas o cardume...

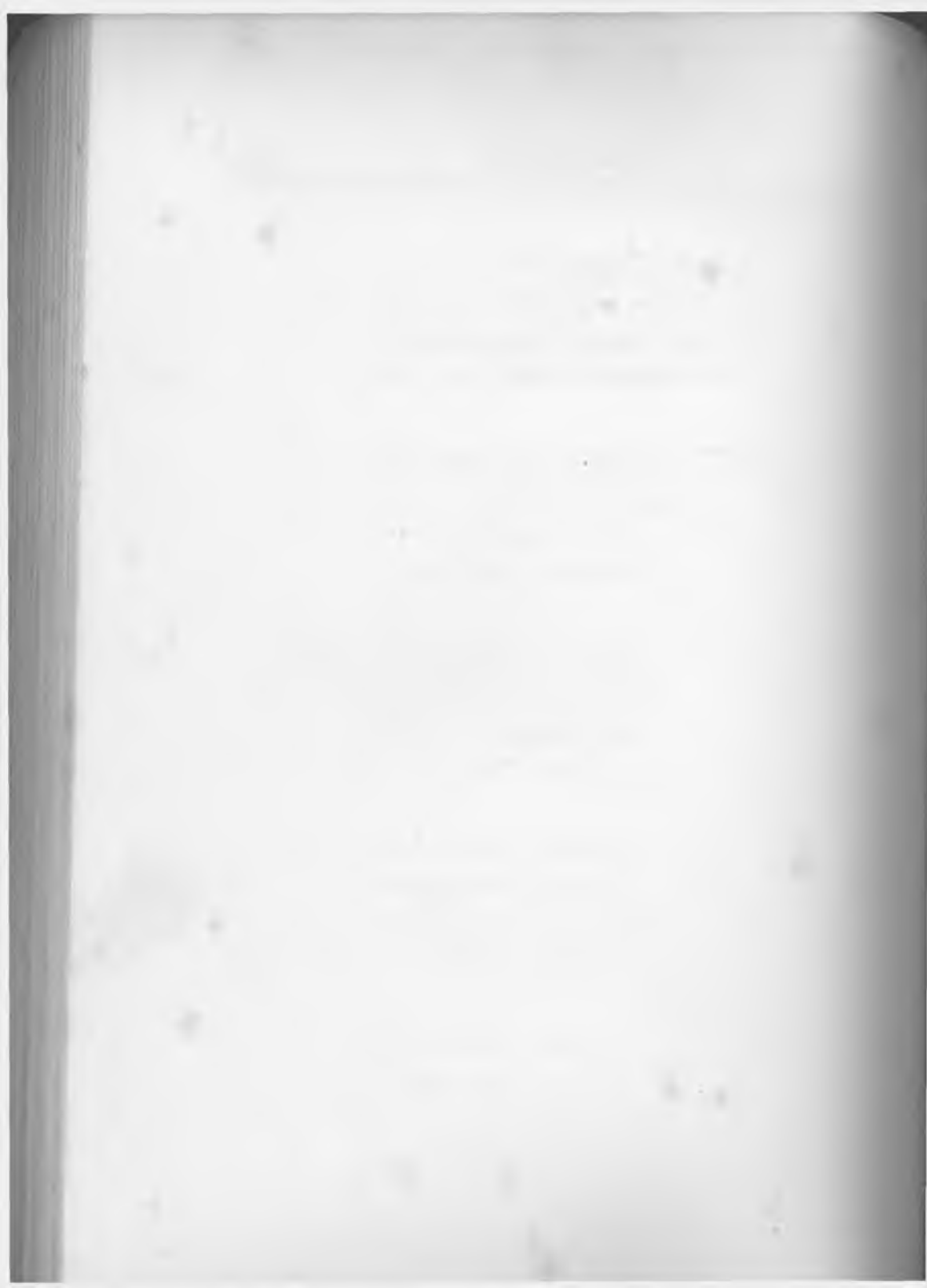
E das estrelas é baço  
O fulgor, que serpenteia,  
Quando aparecem no espaço  
Os clarões da lua cheia...

---

E o fulgor do plenilunio,  
No instante crepuscular,  
Às mais densas trevas une-o  
A luz do espectro solar.

Rio, 1909.

---





## CASAS MAL ASSOMBRADAS

---

Tudo que existe na terra tem a sua reprodução ethérea ácima da terra; e não ha nada no mundo, por insignificante que pareça, que não dependa de alguma coisa mais elevada. Assim como ha o destino dos homens, ha tambem o das habitações.

(SOHAR WAJECAE).

### I

**H**A destinos de povos e pessoas,  
De habitações, de ruas, de cidades,  
Coisas que hão de ser sempre más ou bôas.

E' que obedecem a fatalidades;  
Nada pode fugir ás leis do Karma,  
Sejam effeitos ou casualidades.

Assim, isso que a muitos causa alarma,  
Nem mesmo me impressiona, e muitas vezes  
Todas as minhas dúvidas desarma.

Passam minutos, horas, dias, mezes,  
As estações e os annos, tudo passa,  
*Le grand tout*, como dizem os francezes.

E não se extingue coisa alguma. A massa  
Mais densa, ou a mais ténue das substancias,  
Na unidade do todo se entrelaça.

Que fluido universal...É que fragrancias  
Nos vergeis do infinito as almas sentem,  
Num deliquio ideal de ardentes ancias!...

Meditem, analysem, experimentem  
Num solitario casarão em ruína,  
Ou nos uivos dos cães, que a dôr presentem.

Quanto ás habitações, — “casa de esquina,  
Diz o velho rifão (rifões respeito),  
Encerra a morte; e, não matando, arruína”.

Ha na Bahia um pardieiro, feito  
Com as lágrimas e o sangue dos escravos  
Que arrastavam grilhões no duro eito.

Fôra o solar de uns argentarios bravos,  
Que com o pranto dos órfãos e das viúvas  
Misturavam, em festas, vinhos slavos.

Com a casaca verde e as brancas luvas,  
No turbilhão dos límpidos espelhos,  
Sob um diluvio de douradas chuvas,

Contemplavam-se, a rir, moços e velhos,  
E donas e donzellas donairosas,  
Seguindo epicurísticos conselhos.

E debaixo das salas luminosas,  
Ao estrondo das músicas frequentes,  
A agonia das vítimas sequiosas,

Na prolongada angustia dos valentes  
Marujos — ainda vivos, enterrados —  
Na *Ilha das Cobras*, hirtos, e conscientes! . . .

Das cobras? não! — dos homens desalmados:  
Não ha outro animal na Natureza  
De instinctos tão perversos e malvados.

Com a mais requintada subtileza  
Intrigam, atraíçôam, e assassinam,  
Improvisando um ar de gentileza...

Aperfeiçoar as armas imaginam,  
Inventando os venenos mais violentos,  
Radiantes de prazer quando exterminam!

Não são assim as cobras, — que tão lentos  
Castigos não engendram, nem vinganças  
Que produzem tão bárbaros tormentos!

As proprias rudes feras tremem, mansas,  
Fugindo ao homem, cujos maus instinctos  
Se manifestam mesmo nas crianças:

Ri-se o menino — apedrejando os pintos,  
Roubando o ninho aos pássaros, pisando  
Os meninos sem pais, rôtos, famintos.

Outro animal não ha tão miserando:  
Chora, de inveja, vendo os mais sorrindo,  
Ri, de vingança, vendo os mais chorando!

É esta é a imagem de DEUS?!... Um sonho lindo  
Rápido se transforma em pesadello;  
Assim também as aguas vão sahindo,

Desfiando-se de um límpido novelo,  
Dos doces rios para o mar salgado,  
Em nuvens no vapor, na pedra em gelo.

E' o systema biológico, expressado  
Na lei do transformismo, que se observa  
Da molécula ao astro illimitado.

Seja homem ou verme, rocha ou herva,  
Nada se perde do que existe em tudo,  
É tudo em novas fórmás se conserva.

Basta. O velho solar pernoita mudo,  
Sem um éco das músicas de outr'ora,  
Sobre o bolor das colchas de veludo.



E' que de la se foram indo embora  
Os donos e os herdeiros, todos juntos,  
Mas não ali: — no cemiterio agora.

Eram alegres, hoje são defuntos;  
Morreram todos, porém não de todo,  
Que ainda vivem ali os seus transumptos.

E no limo dos poços, e no lôdo  
Das húmidas paredes derreadas,  
Vagam á noite espíritos a rôdo...

Nos penates penando almas penadas!

## II

Morreram donos e herdeiros  
Do solitario sobrado,  
Onde os écos agoureiros  
Espalham pelos terreiros  
Dobres de um sino rachado:

È os pobres filhos e netos,  
Aos poucos perdendo a saúde  
Sob aquelles frios tectos,  
Eram uns sêres abjectos  
De aspecto espantado e rude.

Os credores dessa gente  
Ali dentro se alojaram;  
Mas, viam constantemente  
Taes coisas, que finalmente  
Para longe se mudaram.

Passou a ter novos donos  
A velha *casa assombrada*,  
Cheia de bodes e monos,  
Com duendes por patronos,  
Môchos, corujas... e o nada...

Nella, os mais ricos baixavam  
Ao po da mendicidade;  
As moças não se casavam...  
È os moços que ali moravam  
Morriam na mocidade!

## III

Tanto ao frio luar das horas mortas  
Como ao fulgor do sol em pleno dia,  
Ninguem batia mais áquellas portas,  
Sempre a casa deserta, erma e sombria.

Como si fosse um monstro de granito  
O lar vasio que o mysterio encerra,  
Mergulhava o pescoço, no infinito,  
De um velho torreão — hoje por terra.

Projecta a muda sombra até ao Dique,  
Que perpetúa a acção dos hollandezes,  
Sem que a lembrança do passado fique  
Reflectida, sinão nesses reveses...

Enorme Ésphyngue, que tirava o somno  
Dos que passavam por aquella estrada,  
Depois de muitos annos de abandono  
Parece não ser mais *casa assombrada*.

Sobre as fendas abertas nas paredes,  
Onde cresciam plantas venenosas,  
Trançando assim as malhas de umas rêdes  
Feitas de esponja, hirsutas e viscosas;

Levantaram-se andaimes, que rangiam  
Ao peso dos suarentos operarios,  
Que ao subir as escadas se benziam,  
Espiondo os aposentos solitarios...

Ao duro martellar dos carpinteiros  
Brilharam as vidraças nas janellas;  
È no alto dos telhados os pedreiros  
Riam, falando de mulheres bellas.

Renascia o solar, — e renasciam  
Com elle as alegrias de outras éras;  
È no jardim, que as urzes carcomiam,  
A pompa se ostentou das primaveras.

Parecia de novo um lar festivo,  
Um ninho de poesia e de ventura;  
Mas...o destino do solar captivo  
Permaneceu nos pôtros da amargura.

---

Esses vastos salões illuminados  
São as prisões de um manicómio: todos  
Os que vivem ali são desgraçados...  
Aquillo é hoje um Hospital de Doudos!

Rio, 1912.

---



AD VITAM ÆTERNAM

---

Ego sum qui sum.  
(JEHOVAH).

**E**U não sou eu; o eu que em mim vivia  
Ha muito que morreu dentro de mim;  
Mostro apenas o nada, onde se via  
Tudo que aos poucos se acabou por fim.

Neste invólucro apenas de materia,  
Onde se asyla o espírito immortal,  
Resta somente a projecção ethérea  
Do Sêr que espalha em mim o fluido astral.

Minh'alma, o eu real, bateu as azas  
Voando em busca do meu puro amor,  
Soprando além as apagadas brazas  
Para que irrompa o extincto resplendor.

E da fogueira de que sou faisca,  
Grão de areia das praias de além-mar,  
Na prehistoria dessa origem prisca,  
Amei, amo, hei de amar!

---



## EROS

---

Tu, so tu, puro amor!

(CAMÕES).

**E**ROS, o Chaos, o Tártaro e a Terra  
São os grandes principios geradores  
Dos sêres todos que o Universo encerra  
Em núcleos de harmonias e fulgores.

Mas so tu vibras das paixões o açoite,  
Filho de Ilíthya e Júpiter, chocado  
No ôvo do Mundo, posto pela Noite,  
Sob a plumagem negra do Peccado.



Dão-te Venus por mãe . . . mas, si assim fosse,  
Quem a lançou nos braços de Vulcano?  
Tu, so tu, nesse engano amargo e doce,  
Trazendo-a sempre num delirio insano . . .

Os artistas concordam em pintar-te  
Sob a ingenua feição de uma criança,  
Armada de um carcaz, por toda parte  
Settas esparramando com pujança.

Eu, si fosse esculptor, te assentaria  
No dorso altivo de um leão sanhudo,  
A galopar durante noite e dia,  
ATTILA eterno, que avassalas tudo! . . .

És o mais illegivel hieroglypho  
Que nem os egyptólogos traduzem:  
O insondavel enigma de SISYPHO  
Lapidado em rochedos que transluzem.

Na eloquencia ideal das coisas mudas  
Cortas de pragas o silencio augusto;  
E com sorrisos pérfidos de JUDAS  
Nos arrastas ao leito de PROCUSTO.

---

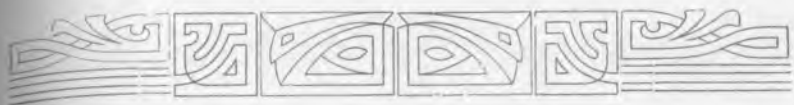
Si as proprias flores sentem a influencia  
Dos sons, que até nas pétalas resôam,  
Assim tambem tu vibras na cadencia  
Das almas, que ao teu jugo se atordoam.

E' sempre um louco aquelle que se afoite  
A engaiolar esse falcão — chocado  
No ôvo do Mundo, posto pela Noite,  
Sob a plumagem negra de Peccado.

Rio, 1915.

---





PALMARUM LENTUS IN UMBRA

---

Alterosas, fructíferas palmeiras,  
Vós que na glória equivalenceis os louros,  
Vós, que sois dos heróes mais cubiçadas  
Que áureos diademas, que reaes thesouros!

(BOCAGE — *Canções*).

**A**I do que morre sem plantar ao menos  
A fecunda semente de uma planta  
No fôfo seio de húmidos terrenos! . . .  
Ai do que vive sem cravar raizes  
Que se aprofundem mais e mais na terra,  
Em cuja áspera crôsta o homem erra  
E cai, logo depois que se alevanta . . .  
Ai desses infelizes!

Eu, no pomar onde colhi as flores  
E os fructos da existencia, entre os abrolhos,  
Os arbustos plantei dos meus amores,  
Regando-os com a agua de meus olhos:  
E no tôpo das altas cordilheiras  
Em mantos de neblinas embuçadas,  
Perdidas sentinellas perfiladas  
De alterosas, fructíferas palmeiras.

As palmeiras! estatuas palpitantes  
Das olympicas deusas e das fadas,  
Nos firmes pedestaes, sempre abanadas  
Pelo leque das frondes oscillantes;  
Si têm nos troncos o perfil dos mastros  
Que descobriram mundos nas viagens,  
Como que os capacetes de plumagens  
Querem metter na região dos astros!...

O homem que rolar na sepultura  
Sem ter plantado uma semente ao menos  
No fôfo seio de húmidos terrenos,  
E' a figueira maldita da Escriptura.

---

Para esses lenhadores, como o vândalo,  
Que as árvores abatem sobre a areia,  
Ha o exemplo das árvores do sândalo  
Perfumando o machado que as golpeia.

Rio, 1914.





## MUSA TACITA

---

Cala-te, ou dize coisas que valham mais que o silencio. Antes atirar uma pedra ao acaso que uma palavra inutil. Não digas pouco em muitas palavras, mas muito em poucas.

(PYTHÁGORAS).



SILENCIO da noite é mais profundo  
Que o das ruínas, dos sabios e das freiras;  
Nem arruídos nem sons... como que o mundo  
Dorme no lençol branco das geleiras.

Ja o silencio das florestas fala  
Pelo rumor das folhas e dos galhos;



Sobre calháus o córrego resvala,  
Murmuroso a correr pelos atalhos . . .

O silencio dos lagos é ferido  
Pelo constante sibillar do vento,  
Além do bater d'azas repetido  
Das gaivotas, cortando o firmamento.

O voto de silencio, que era imposto  
Na antiguidade aos grandes hierophantes,  
Cumpri-o, sem mudar a cor do rosto,  
Para escutar as vibrações fluctuantes.

Que silencio eloquente! . . . Apenas vence-o  
O meditar sem fim do surdo-mudo,  
Condemnado ao supplicio do silencio,  
Sem nada ouvir do que se escuta em tudo!

Sim, porque tudo no universo fala  
Pela bôca das grutas ou das gentes:  
A propria flor, no aroma que trescala,  
Conta-nos seus amores innocentes.

---

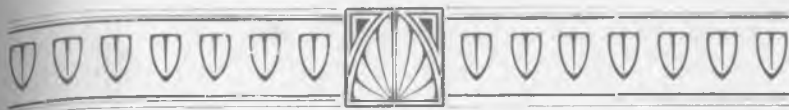
As leis de irradiação e movimento  
Produzem sons de incógnita harmonia;  
È ao compasso das músicas do vento  
Cantam no mar as ondas noite e dia.

Soluça o cyprestal nos cemiterios,  
Resguardando do sol as sepulturas,  
È espalhando tristezas e mysterios  
Nas sombras, que se estendem nas planuras.

È da palmeira os leques (quando envôltas  
Em ondas de luar dormem as ruas),  
Fazem lembrar as longas tranças sôltas  
De mulheres, em pe, chorando, nuas!...

---





## ÉPIGRAPHE GLOSADA

---

O' crepúsculo immenso! Antes da aurora estamos,  
Ou ja findou a tarde, e a noite ja desceu?  
As aves do porvir que esperam nestes ramos?  
Devem adormecer ou voar para o ceu?

(GUILHERME BRAGA).

**N**A crosta planetaria onde nos arrastamos,  
Devemos procurar azas para ir mais alto.  
Deste leite de po ergamo-nos de um salto;  
O' crepúsculo immenso! Antes da aurora estamos...

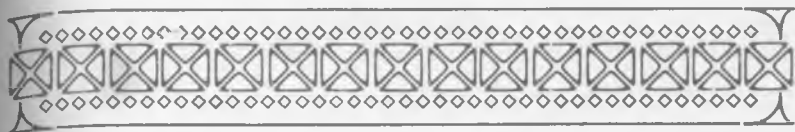
Seja cada um de nós um novo PROMETHEU,  
Cheio de crença e fe, na escalada dos astros!  
Emquanto o scepticismo anda a dizer, de rastros,  
Que ja findou a tarde, e a noite ja desceu...

---

De passagem, aqui, na terra nos achamos,  
É a Terra Promettida inda não está perto:  
Os beduinos do Além, fujam deste deserto...  
As aves do porvir, que esperam nestes ramos?

Rasguemos de uma vez das dúvidas o veu,  
Que a indecisão é um facho aos caprichos do vento;  
É as almas, que aves são no azul do firmamento,  
Devem cantar, e voar na direcção do ceu!

Rio, 1914.



## MONÓLOGOS ETERNOS

As fórmias irracionaes produzidas pela Natureza são manifestações perfectas dos principios destinados a ter nellas representação; so os sêres racionaes são illusorios. Cada animal é a verdadeira expressão do caracter representado pela sua fórmula; mas no plano em que começa a intelligencia apparece a decepção.

(FRANZ HARTMANN).

### O ROUXINOL

**N**A calada da noite, quando a lua  
Fria derrama tibia claridade  
No lago em que se vê pállida e nua  
Como si fosse a imagem da saudade;

Quando a árvore treme, engrinaldada  
De flores, linda noiva vergonhosa!  
Que do zéphyro aos beijos, enlevada,  
Suspira enternecida e voluptuosa;

Quando o teimoso colibrí insiste  
Em revoar em torno de uma rosa,  
Cujos aromas quer sorver o triste  
A quem so mostra espinhos a orgulhosa;

Quando expiram os últimos rumores  
Crepusculares do morrer do dia  
E num matiz de esvaecidas cores  
O mysterio da noite se annuncia;

E lentamente estendem-se nos campos  
Extensos veus de sombras vaporosas  
Estrellejadas pelos pyrilampos  
Numas intermittencias luminosas;

E o veludo das gramas de esmeralda  
Se encrespa ao tom dos ventos vespertinos;  
E nos clarões da lua se engrinalda  
A noite, a musa dos meus tristes hymnos;

Pousado solitario sobre um ramo  
Que ao meu peso se move brandamente,  
Eu, escondido na folhagem, chamo  
A companheira tímida e contente...

Ouço um ligeiro bater d'azas... vejo  
Uma coisa do céu vir pelos ares...  
E' *ella!* que attendeu ao meu desejo  
E que veio escutar os meus cantares.

Recolheu-se, a tremer, nas minhas pennas,  
Numa das minhas azas palpitantes  
Escondeu o biquinho, e espera apenas  
Ouvir os meus gorgeios mais vibrantes.

Como quem sente amor sente ciúme,  
O meu canto de amor neste momento  
So pode começar por um queixume  
Que traduza o meu íntimo tormento.

Mas esta dor mortal nunca nos mata:  
E na alegria de me ver com *ella*,  
Em ondas de harmonias se desata  
Este anseio de amor que me atropella!...



Ha no meu canto arpejos delirantes,  
Crystalinas cadencias indiziveis:  
Falam por mim as bôcas dos amantes  
Que realisam sonhos e impossiveis!...

Mas este canto apaixonado é beijo  
E ao mesmo tempo é fervorosa prece:  
O' Pai celestial! — so em ti vejo  
A luz que aos corações de todos desce.

Quiz o Senhor que fosse minha sina  
Ter na garganta a lyra da floresta:  
Nella celebrarei a luz divina  
Que veio a terra illuminar em festa!...

E assim, cantando o amor que impera em tudo,  
Que é a suprema energia da existencia.  
Para as outras paixões ficarei mudo,  
Guardando n'alma a divinal essencia.

E em vez de andar colhendo pela terra  
As doiradas palhinhas para o ninho,  
Ja que no ninho é que o amor se encerra,  
Não posso nelle viver mais sosinho.

Eis a razão porque o meu canto é triste  
Como uma fria noite de luar . . .  
E' que na Natureza nada existe  
Que se compare á aspiração de amar !

## II

## O OCEANO

Sempre so, sempre so na amplidão destas aguas,  
Como o homem no mundo a soluçar de maguas.  
Sempre so, sempre so! . . . Em vão me estende os braços  
A terra, que me cerca, e que me tolhe os passos  
Quando quero subir . . .

Levanto-me do leito  
No ímpotente torpor de um esforço desfeito,  
Recuo, para dar um pulo arrebatado,  
Arqueio em convulsões o dorso electrizado,  
E quando vou me erguer a topetar os astros,  
Despenho-me no abysmo, onde gemo, de rastros.

Chamo as nuvens e os sóes... mando-lhes meus vapores,  
Semeio o meu sendal de bolhas multicores,  
Grito nos vendavaes, rujo nas tempestades,  
É sombrio percorro as nuas soledades  
Levantando no audaz impulso das correntes  
A bruma, que separa e esconde os continentes.

De lágrimas de espuma é feito o meu rosario  
Que desfio, ajoelhando ao vivo alampadario  
Dos astros, quando reso á solitaria lua,  
Cujo frio fulgor no meu dorso fluctua,  
Vertendo sobre mim seus reflexos de prata  
Na irisação ideal de uma extensa cascata,  
Onde a phosphorescencia espalha o meu thesoiro  
De ardentias, que são como que estrellas d'oiro!...

Em cada gota d'agua invisiveis palpitam  
Mil vidas, de animaes minúsculos, que agitam  
Perante o microscopio antennas que parecem  
Miniaturas talvez de átomos que não crescem.

De nuvens é tecido o immenso cortinado  
Deste leito revolto, onde rolo estirado,  
Sempre so, sempre so!...

## Nas desertas planuras

De onde de balde tento elevar-me ás alturas,  
Ha grutas de coraes e pérolas; ha um mundo  
De insondaveis paixões do meu peito no fundo!  
Sou um deus agrilhado a um enorme rochedo . . .  
E na ancia de subir até chego a ter medo  
De mim mesmo, que espanto a propria natureza,  
Diante da minha força e da minha grandeza!

## III

## OS VULCÕES

Somos columnas de fogo  
Que illuminamos os mares;  
Nossos vermelhos cocares  
Tremem nas aguas a flux;  
Por nossa bôca respira  
A terra; e desafiamos  
Os astros, quando soltamos  
Os nossos jorros de luz! . . .

São mais escuros que a nuvem  
Que ao temporal traça o rumo,  
Nossos pennachos de fumo  
Em espiraes na amplidão;  
E com as linguas das crateras  
Lambemos o seio ardente  
Da esphera resplandescente,  
Na hypérbole de um clarão! . . .

Furamos o firmamento  
Em tremendas escaladas  
Nas ignívonas pedradas  
Que atiramos para os ceus;  
E os rumores subterraneos  
Com que o silencio rompemos  
São blasphemias, que prendemos  
A' cauda dos escarcéus! . . .

#### IV

#### OS INSECTOS

Do connubio das plantas e do ambiente  
Em rumorejos de azas, nós nascemos;

Ê somos numerosos como as ondas  
Do mar, e os mundos do infinito. Tantos  
Mysterios ha num astro, quantos podem  
Num átomo existir. A leve poeira  
Das nossas azas é irmã do brilho  
Dos sóes que giram na amplidão do espaço.

Como a phalena irrompe da crysálida  
Ou do capulho a flor, nós irrompemos  
Da larva. O nosso trémulo zumbido  
Tem a melancolia dos rumores  
Nostálgicos do mar nos caramujos...

Nossas antenas dão a fina sêda  
De que se fazem as sonoras cordas  
Da lyra dos poetas. Na pontinha  
Dos nossos agulhões o mel se embebe;  
Ê no brando fulgor que se desprende  
Do nosso corselete ha tanto fogo  
Como nos raios de longinqua estrella.

Si DEUS é o infinito na unidade,  
No divisivel o infinito somos.

## V

## O PEIXE

Eu me perco subtil na profundez dos mares.  
Vendo que em cada gota alvíssima e redonda  
Ha vidas, pullulando aos centos e milhares  
Numa germinação mais férvida que a onda.

Nesta fermentação de vidas embryonarias  
Eu escuto um rumor de vozes mysteriosas,  
Emquanto vou cortando as correntes contrarias  
Que em frémitos de amor palpitam impetuosas.

No meu viscoso olhar ha um fundo magnetismo  
Mais riço que os coraes que entre os dentes retalho.  
E illuminando vou a escuridão do abysmo  
Com a phosphorescencia azulada que espalho.

Boio na ondulação das vagas espumantes  
Que andam a repetir as orações das monjas. . .  
Vejo a Mãe d'Agua aos pes dos náufragos galantes.  
E chupo o leite que ha no seio das esponjas.

## VI

## O REPTIL

Sem patas para andar, do feitio de um tubo,  
Resguardam minha pelle umas placas cambiantes;  
Arrasto-me no chão, e pelos troncos subo  
Para me balançar nos galhos oscillantes,  
Que azas são para mim, com as quaes vou e venho  
No constante vaivem em que assim me entretenho.

Alimenta-me o succo e embriaga-me o aroma  
Da matta secular em cuja verde relva  
Encolho-me ou me estico, até que o sol assoma  
Doirando o pavilhão druídico da selva:  
Pois os raios de luz são para mim chicotes  
Que me fazem silvar e fugir aos pinotes.

As árvores em flor julgam que as enveneno,  
Quando eu so as abraço e beijo-as amoroso;  
Mais eu nellas me enrosco, e as gotas de sereno  
Lambo lascivamente e chupo-as voluptuoso.  
Parecendo manchar a criação, apenas  
Aspiro a maciez de pétalas e pennas.



Durmo na escuridão dos tremedaes bravios  
Sem medo de rolar na profunda voragem;  
So me resta o prazer de banhar-me nos rios  
E enxugar-me depois na felpuda folhagem:  
Mas aspiro o triumpho heroico da existencia,  
Dando saltos mortaes dos montes na eminencia.

Quero viver e amar, para que vôle em sonhos  
Sobre o escuro docel de folhas que me encobre,  
Para fugir assim aos espectros medonhos  
Deste destino atroz, vil, repugnante e pobre! . . .  
Porque não queres tu, árvore, que eu me enrosque  
Em ti, si tu e eu somos do mesmo bosque? . . .

## VII

### AS PLANTAS

Sacudimos as folhas orvalhadas  
Ás caricias dos ventos, espalhando  
Os aromas subtis pelas estradas.

E a seiva que de nós vai se exhalando  
É' uma força vivaz da Natureza  
Dos mysterios do amor no seio brando.

A agua, a estremecer, sentiu-se presa  
Às caricias do solo, e assim, de um beijo  
Dado, ao luar, nascemos na devesa.

Nossa folhagem purifica o brejo,  
E dilatando vai pelo ambiente  
Das densas nuvens o subtil cortejo.

Os fios d'ouro de que está pendente  
O collar scintillante da existencia  
Não queremos cortar: que da corrente

Da vida universal, a Providencia  
Quiz que fôssemos élos entrançados,  
Para gloria do amor por excellencia!

Com os troncos na terra aprofundados,  
No aneio de subir nós nos voltamos  
Para o ceu com os galhos levantados.

A luz do sol fecunda-nos os ramos,  
E assim nascem de nós os mais brilhantes  
Matizes com que a flora engalanamos.

Crescemos, e crescemos luxuriantes,  
Porque tudo que nasce vive e cresce,  
Não sendo mais o que já fôra dantes.

Lindo sonho de amor nos embevece,  
Quer seja na corôa das palmeiras  
Que ás maiores distancias apparece,

Arvores gloriosas e altaneiras,  
Sempre firmes durante as tempestades;  
Ou na flor virginal das laranjeiras,

Symbolo do pudor das castidades,  
Da timidez, o enleio, o abraço e o beijo  
Dos noivados nas mil intimidades! . . .

Das nossas folhas ao constante arpejo  
Podem os anjos deleitar-se, ouvindo  
De músicas ideaes um rumorejo.

Ou pousar sobre nós, em bandos vindo,  
Cançados de voar nessas alturas  
Onde ha sóes entre sóes tremeluzindo.

Tragam comsigo a taça das venturas  
Para embriagar de amor a terra inteira  
Ja cançada de tantas amarguras!...

Que nós, em nossa mystica cegueira,  
Do cálice do nosso coração  
Lhes daremos, num favo de abelheira,

O aroma — que é a essencia da oração!

## VIII

### OS MINERAES

Frios e immoveis permanecemos  
A ver si chega Nosso Senhor,  
Esse invisivel DEUS, que nós vemos  
Da luz do dia no resplendor.

O que os prophetas annunciaram  
Que desceria de novo ao po:  
Esse que os homens crucificaram,  
E que dos homens inda tem dó! . . .

Quando Elle um dia voltar á terra,  
(Dizem que os tempos chegados são),  
Si achar os homens na mesma guerra,  
Índignos sempre da redempção;

Vendo-nos nesta fria apparencia  
De inercia extática e perennal,  
Talvez se volte de preferencia  
Para as torturas do mineral.

So Elle sabe que nós sentimos  
Mais do que sentem os embryões;  
E as vozes mudas que nós ouvimos  
Vibram nos veios e nos filões.

Na mais austera serenidade,  
Ninguem percebe nem vê ninguem  
O quanto é funda nossa saudade,  
Sem a esperanza que tudo tem!

É num trabalho lento e pesado  
Forjando o ferro, damos assim  
As baionetas com que o soldado  
Mata, dos sabres no retintim!...

É essas enxadas, que abrem as covas  
Tanto ao cadaver como á raiz,  
Para que brotem árvores novas  
É o morto possa viver feliz.

Do transformismo seguindo a róta,  
A luz se apaga na escuridão,  
É o ar corre... a agua se esgota,  
Evaporando-se em diluição.

So nós immoveis permanecemos;  
É, no mais alto dos alcantis,  
Do ceu tão longe, que nem podemos  
Dizer-lhe aquillo que ninguem diz!

## IX

### O ELEPHANTE

So de um penedo a rigidez massiça  
Supporta o peso do meu corpo enorme  
Duro como granito.

Minhas pesadas patas pulverisam  
Os mineraes. Sobre os meus hombros posso  
Conduzir thronos imperiaes e altares;  
    È com a minha tromba  
    Sacudo homens e árvores  
Qual se atirasse alígeras pedradas.

    Para ver si nas pedras  
Ha vida, eu as levanto a grande altura,  
Tentando assim de chofre despertal-as  
    De tão pesado somno.

Nas horas mortas, em caverna escura,  
Entrego-me ao amor ardente e forte  
    Da minha companheira,  
Sentindo na mais viva das delicias  
    O mais vivo desejo  
De morrer desse goso, revivendo  
    Na propria descendencia,  
Legando aos filhos meus a minha força  
È toda a minha colossal grandeza!

## X

## O LEÃO

Eu sou da terra o filho predilecto,  
Nas veias tenho o fogo dos vulcões;  
Respiro livremente, errante, inquieto,  
Soberano das amplas solidões! . . .

De agilidade e força extraordinarias,  
Venço todos os outros animaes;  
E é da noite nas horas solitarias  
Que erro nos meus dominios senhoriaes.

Chicoteando com a cauda as ancas,  
Como si fosse um riço espanador,  
Os insectos azues, ou de azas brancas,  
Fogem zunindo e morrem de pavor.

So de ouvir meus rugidos retumbantes,  
Corre mais que os veados a avestruz;  
E eu sacudo as melenas triumphantes  
Como sacode o sol raios de luz! . . .



Hippopótamos, tigres e leopardos  
Juntem-se, e venham todos de uma vez:  
So de frente é que ataco os mais galhardos,  
Lutando até que tombem a meus pes!...

Cravando as garras no areal ardente,  
Minhas narinas cospem furacões!  
E impero livre e soberanamente,  
Rugindo com mais furia que os trovões.

A crespa juba ostento por corôa,  
Serve de sceptro a cauda triumphal;  
E o meu rugir, que a solidão atrôa,  
Êcôa mais que a voz do vendaval!

Agito as aguas dos dormentes lagos,  
Quando quero abrandar a sêde atroz,  
Lambendo-as com a lingua, nuns afagos  
Que nem parecem de animal feroz.

So a minha imponencia majestosa  
Espanta as feras, trémulas de horror;  
E a leôa soberba e victoriosa  
Rende-se escravizada ao meu amor.

A minha forte dynastia eterna  
Retempera-se aos fluidos do luar...  
E em noite escura, ou dentro da caverna,  
Relâmpagos dardeja o meu olhar!...

## XI

## A AGUIA

Quem ousa disputar-me o dominio da terra?  
Custa-me levantar a garra que se aferra  
Do rochedo mais alto ao sobranceiro dorso,  
Tornando-se mister fazer um grande esforço  
Para poder soltar o vôo sobranceiro  
Pela vasta região onde dorme o nevoeiro.

Rápida como o som, a luz e os pensamentos,  
Desafio no espaço a cólera dos ventos!  
Com o meu bico azul, garras negras, e azas  
Branças, sou bella, a voar por entre as finas gazas  
Das nuvens, a subir, a subir, solitaria,  
Parecendo roçar na esphera planetaria.

---

É fluctuo, a boiar, deitada em pleno espaço,  
Sem desenhar no ambiente o mais ligeiro traço,  
Nessa voluptia ideal dos vôos atrevidos,  
Saboreando o vaivem em todos os sentidos...

Embalam-me os tufões com seus uivos violentos,  
Depois de me saudar na orquestração dos ventos,  
Que encrespam ao passar minhas escuras pennas  
Abertas como um leque entre as nuvens serenas.

Provocando do sol as brilhantes ternuras  
Desappareço emfim na bruma das alturas;  
É encaro face a face os planetas ardentes  
Que giram no infinito em rotações frementes.

Um mágico cenário ao meu olhar se ostenta:  
A pompa florestal do mundo, representa  
Cahida folha sêcca; os rugidores mares,  
Pequena gota d'água; os montes seculares,  
Um grão de areia; e tudo indeciso, embaciado,  
Tudo em baixo do po por mim alevantado  
No instante de soltar o impulso altivolante  
Que me arreбата ao ceu numa ascensão pujante!...

Nesta tranquillidade em tamanho perigo,  
Não pode nenhum sêr se comparar commigo.  
O' mar! — que ja não vejo e nem sequer escuto —  
Tu te crês infinito?... E o meu olhar arguto  
Vê que tens por limite um círculo de areia,  
Que te obriga a recuar, e sempre te encadeia.

Bosques da solidão!... florestas e arvoredos  
Onde os amantes vão esconder os segredos  
Dos idyllos de amor, que so são confiados  
Às flores dos jardins e ao luar dos descampados;  
Vós, que mandais ao ceu ondas e ondas de aromas,  
Estais presos ao lodo; e embora as vossas comas  
Se purifiquem no ar, nas profundas raizes,  
Mordidas pelo verme, ha rôxas cicatrizes.

Leão! tu, que és o rei dos animaes, arrastas  
A juba triumphal pelas areias bastas  
Da jaula do deserto.

O' vulcões inflammados!  
Que arrojais fumo e lava aos ceus illuminados  
Pelo enorme clarão, que é o halo das crateras,  
Cuja bôca afogueada espanta as proprias feras,  
O vosso resplendor é fumo, é cinza, é nada.

Vejo a terra a meus pes de sombras anuviada :  
O mar, que geme e chora aos látegos do vento ;  
O vulcão, que estremece ao ímpeto violento  
Dos gazes a ferver no seu ventre queimado ;  
A árvore, que tomba aos golpes do machado ;  
O leão, que se encolhe assim que ulula perto  
O *simoun* que revolve a areia do deserto ;  
Tudo deve invejar-me — e inveja com certeza —  
Desde que sou eu so em toda a Natureza  
Quem sobre a tempestade o vôo altivo pára,  
E a subir pelo azul de perto o sol encara! . . .

## XII

### O POETA

*(Como synthese da humanidade e intérprete de Deus)*

Na minha pequenez eu sinto-me tão grande  
Que encerro no meu sêr a synthese de um mundo!  
Basta-me so querer, nem é mister que eu mande,  
Para que se revele o mysterio mais fundo.

Neste meu microcosmo ha tamanha grandeza  
Que até coalhei o mar de naus aventureiras,  
E fui de polo a polo em toda a redondeza  
A confraternisar as raças estrangeiras.

Com o machado em punho as florestas desbasto,  
Levantando e estendendo esplêndidas cidades;  
E faço galopar no percurso mais vasto  
O comboio, que corta as mudas soledades.

Arfa a locomotiva os trilhos escarvando  
E deixa atraz de si o sulco enfumaçado  
Que desprende do bôjo ardente, apunhalando  
Dos túneis o negror com o pennacho doirado!...

E quem é que impulsiona esses músculos d'aço  
E accende na fornalha o carvão que devora  
Esse estranho animal, sinão este meu braço  
Que lhe transmite a vida em tamanha plethora?

E subo, no aerostato, ás serenas alturas  
Onde pairam somente aguias de azas abertas,  
Vendo a terra indecisa entre névoas escuras  
Na muda successão de cidades desertas...

Não sabe o rouxinol gorgear, como eu entôo  
A nota musical dos íntimos cantares;  
E deixo a aguia a meus pes quando levanto o vôo  
Da minha inspiração ás esferas solares.

Ha em mim a tristeza e a força do oceano;  
O fogo dos vulcões e a pureza das flores;  
A fria rigidez dos mineraes; e o insano  
Farfalhar da floresta em constantes rumores.

O leão, coroado rei dos animaes, recua  
Diante de mim, ao ver tanta serenidade  
Neste olhar, que derrama as suggestões que a lua  
Transmitte ao seu olhar, de força e de bondade.

O elephante, o reptil, plantas, peixes e insectos,  
Tudo treme no mundo ante a minha passagem;  
Ha no meu coração myriadas de affectos,  
E o meu pulso desprende uma força selvagem.

Hypnotisei o universo ao poder suggestivo  
Do meu simples olhar ou da minha vontade;  
Sinto que hei de viver, porque vivi e vivo:  
E a lei de LAVOISIER demonstra esta verdade.

---

Na eléctrica expansão das ondas hertzianas  
Espalho o som e a luz por todos os logares:  
É a zona antipodal das lentas caravanas  
Escuta assim a voz dos nossos preamares.

CÍCERO ou CASTELAR, arrojéi a eloquencia  
Da alma das multidões ás páginas da historia;  
Sou WAGNER! dei aos sons a precisão da sciencia,  
É os symbolos mergulhei num oceano de gloria!

Sou NEWTON! ensinei as leis do movimento;  
Sou FRANKLIN! submetti os raios ao meu jugo;  
SÓCRATES ou PLATÃO, eu sou o entendimento;  
É sou a inspiração... de HOMERO a VICTOR HUGO!

Quiz DEUS fazer de mim o intérprete sagrado  
Da Natureza inteira e da divina idéa;  
Por isso, a minha voz, rompendo do passado,  
Voará pelo porvir nas azas da epopéa!...

Rio, 20 de Janeiro de 1916.

---





LIVRO SEGUNDO

---

# OS PRECURSORES

---

O verdadeiro laboratorio químico é o corpo do homem, o alambique é a alma, o fogo mágico é a vontade, desde que chega a ser livre e soberana. A ignorancia é como o chumbo; mas misturando-se-lhe o mercúrio, que representa o entendimento, transforma-se no puro oiro da sabedoria.

(FRANZ HARTMANN).





## OS PRECURSORES

---

### I

#### SCENARIO

Os intérpretes têm em vão tentado saber onde existia essa *terra syriádica*; não podemos dizel-o; mostraremos apenas que o judeu JOSEPH conta que o patriarca SETH, tendo sabido por ADÃO que teria logar um diluvio de agua e fogo, afim de não deixar extinguirem-se os conhecimentos primitivos, principalmente os astronómicos, os gravou sobre duas columnas, que existem ainda na terra de Syriad.

(PARACELSO — *Archeol.*).

**P**ERMANECEM de pe, no luminoso círculo  
Em que a historia colloca os vultos do passado,  
ZOROASTRO, PLATÃO, SÓCRATES, ARISTÓTELES,  
Cada qual mais altivo e sempre illuminado.

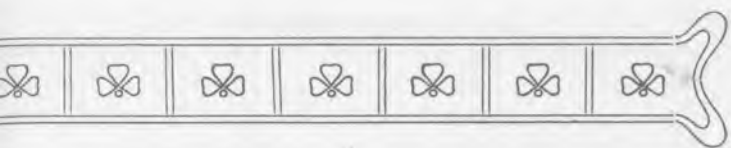
Deslumbrante cenário! . . . Em um salão olympico,  
Com columnas de sóes e alfombras d'oiro em po,  
Aquella reunião forma o traço symbólico  
Entre o bordão do Mago e o sceptro do Pharaó.

As columnas são sete, e sete são os pássaros  
Que vôm do infinito e vão pousar sobre ellas,  
Sacudindo com bulha as plumas hieroglyphicas  
Que espalham pelo ambiente um chuva de estrellas.

Nessa constellação humana, de philósophos  
Que dão aos ideaes irradiações de sóes,  
Destaca-se tambem o severo PYTHÁGORAS,  
Num ponto que domina o plano dos heróes,

Onde, de espada em punho, arregaçada a clámyde,  
Cahido o capacete, ameaçador o braço,  
Radiante de heroísmo, o formoso ALCYBIADES  
Parece procurar de SÓCRATES o passo. . .

Surge, então, o deus TÓTH, o TRISMEGISTO hermético,  
Que primeiro explicou os Mystérios do Ceu;  
Ministro e sacerdote, a Religião e a Sciencia  
Assim nos explicou, de ISIS erguendo o veu:



II

HERMES TRISMEGISTO

---

**D**IVIDEM-SE as creaturas em seis classes:  
Os diabos, os famélicos demonios,  
Animaes, genios, homens, — e os deuses.

As tres primeiras nascem do peccado,  
Que emana da materia; as outras nascem  
Da virtude, que é filha da alma; e todas  
Geradas foram pelo pensamento,  
Que liga a intelligencia á Divindade.

Os sêres, presos a um destino austero,  
Que é sempre a consequencia dos seus actos,  
Giram perpetuamente no Universo,  
Composto de tres mundos sobrepostos.

A especie humana deve, com esforço,  
Immaterialisar-se, — procurando  
Voltar de novo á primitiva essencia.

O homem, como tudo que o rodeia,  
Gira em diversos círculos eternos,  
Numa transmigração imperceptivel,  
Devido á eterna lei de movimento  
Que equilibra nos ares os planetas.

Do nada, nada sai; e tudo volta  
Ao grande Todo, que transforma tudo


---



### III

## ZOROASTRO

---

 BEM é o Dia, o Mal é a Noite. Existe  
O Systema eternal dos dois principios  
Na face e no mais fundo do Universo.

Por cima do dualismo é que se ostenta  
A Unidade Absoluta: — o Sêr Supremo.

Aprendi com os Magos da Chaldéa  
E os hebreus espalhados pela Persia,



E discuti mais tarde com os bráhmanes,  
Prégando entre os mais sabios da Bactriana;  
E os póderosos príncipes mudaram  
O ditame das leis, ao meu conceito.

Reformei; fiz um Código, que os homens  
Entre os Livros Sagrados conservaram,  
Por verem nelle tudo regulado  
E definido tudo.

— E' o meu nome  
Aquillo que é, que é tudo, e vive em tudo.

---



IV

MOYSÉS

---

**H**IEROPHANTE dos templos prodigiosos  
De Heliópolis e Thebas, hoje em ruínas;  
Tu, que domaste as multidões tigrinas  
Do Egypto pelos meandros tenebrosos;

Tu, o maior dos vultos grandiosos  
Do Antigo Testamento, — onde dominas  
Com teus preceitos e lições divinas  
Dos Hebreus, os destinos mysteriosos...

---

Tu, que viste o Senhor na *sarça ardente!*  
Duvidaste do Verbo Omnipotente,  
Foi-te vedada a Terra Promettida.

Do Alto do Sinai as leis ditaste:  
Mas do *nada de tudo* não falaste...  
Num silencio de morte sobre a vida!...

Rio, 1911.

---



V

PYTHÁGORAS

**N**ASCI na Grecia, mas bebi na India  
Os encantados filtros mysteriosos  
Da Doutrina Secreta  
Que é confiada aos genios pelos Manes,  
E que os sabios brahmanes  
Por influxo do Sol me revelaram,  
Ungindo-me vidente,  
Hierophante e propheta,  
Para que a derramasse no Occidente.

No incendiado Oriente  
E' visto tudo pela vez primeira  
Desde o Sol, que desponta triumphante,  
Até o ínfimo grão da sementeira  
Que refrigera a areia calcinante.

Assim tambem, nas vibrações de um hymno,  
De la partiu a idéa  
Do eterno Sêr Divino  
Que enche de luz os Magos da Chaldéa.

Quem viu primeiro o Sol, tambem devia  
Primeiro ver a sã philosophia.

Desse palacio acceso, e crystallino,  
Não so nos vem a luz alvorencente,  
Como essa claridade transcendente  
Da idéa exacta do Poder Divino.

Com ella formulei o meu systema  
Lógico, irreductivel,  
Que faz permanecer, encerra, e algema  
O que é visivel, dentro do invisivel.

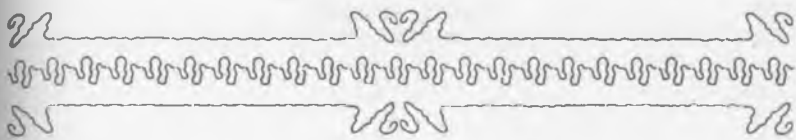
As leis constituí da Magna Grecia,  
Fundando a *escola itálica* de outr'ora,  
Que perdura de pe: pois enaltece-a  
O mesmo DEUS de agora.

Das causas nos confusos labyrinthos  
Encontrei os efeitos, nos fermentos  
Da actividade humana, seus instinctos,  
Aspirações meniaes, e sentimentos.

Tudo expliquei nas páginas de um código  
Que foi, pelos mais sabios, consagrado:  
E atirei ás idades — os meus *Symbolos*,  
E os meus — *Versos Doirados*.

---





VI

SÓCRATES

---

**C**OMECEI por servir á minha patria  
Com as armas na mão; dei nas batalhas  
Provas da mais intrépida coragem,  
Ora salvando a vida de **ALCYBÍADES**,  
Ora levando aos hombros **XENOPHONTE**,  
Que a meu lado cahiu, ferido, em **Délium**.

Appliquei-me depois a ler os mestres;  
E si nada escrevi, prégando apenas



Pelas praças e lojas athenienses,  
Foi por saber que quanto mais sabia  
Eu so sabia que ignorava muito.

Impuz com ironia os meus principios  
Aos vaidosos sophistas; confundi-os  
Com meu juizo verdadeiro e recto;  
E elles, que destruiam a verdade,  
Sem nada construir, elles, sabendo  
Que nas democracias todo aquelle  
Que se destaca, é visto com maus olhos.  
Vingaram-se, implacaveis e invejosos,  
Reunidos contra mim.

Interpellado,  
Ao que me perguntou si eu não temia  
Que a rudez me attrahisse a desventura,  
Tranquillo respondi: — Pelo contrario,  
Espero até mil males, mas por certo  
Nenhum seria igual ao que eu faria  
Si praticasse alguma coisa injusta. —

Levaram-me á presença dos juizes,  
Não entre os altos muros do Areópago,  
Porém na praça pública, perante  
Um tribunal de novecentos membros  
Escolhidos á sorte... Converia  
Expor minhas razões? Fôra loucura.

Falei, então, assim: — Septuagenario,  
E' a primeira vez que compareço  
Perante um tribunal; por conseguinte  
Não conheço o artificio da linguagem  
Dos meus accusadores. Eu, comtudo,  
Não fiz nada do quanto elles disseram;  
Falando sempre ás multidões, que diga  
Alguem si ouviu jamais eu dizer isso.

Eu nada fiz que punição mereça.  
Minha sciencia é humana, e si o Oráculo  
Me declarou um sabio, foi apenas  
Por ler as minhas intenções. Por certo  
Ninguem procuraria de proposito

Tornar os outros maus, assim se expondo  
A ser por elles proprios castigado.  
Si errei, porque no erro me deixaram  
Os meus accusadores?...

O meu genio

Mandou-me ser philósopho, obedeci-lhe,  
Como o fizera outr'ora nas batalhas  
Aos vossos capitães, ó athenienses!

Poz-me o Destino sobre esta cidade  
Como um moscardo em cima dum cavallo  
Para teimoso estimular-lhe o brio.

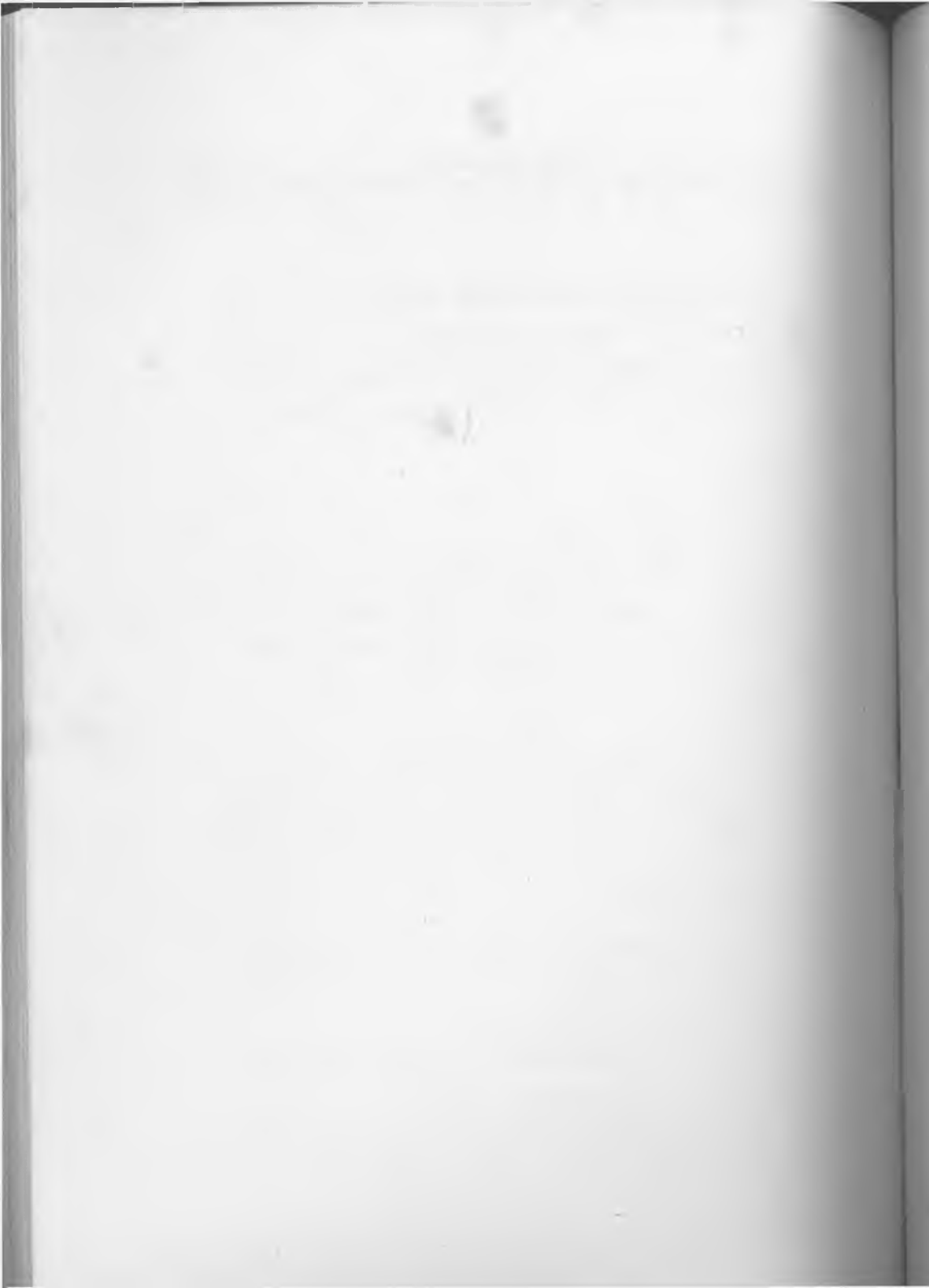
Quanto ao meu julgamento, a DEUS o entrego.

E condemnado fui. A Natureza  
Tinha-se antecipado aos meus juizes...  
Choravam meus discípulos e amigos  
Quando empunhei a taça da cicuta...

Pela última vez falei-lhes da alma:  
E disse-lhes, irônico e tranquillo,  
Que por minha intenção sacrificassem  
Um gallo em honra e gloria de ESCULAPIO... (\*)

---

(\*) O sacrificio do gallo era feito ordinariamente por aquelles que se curavam de alguma doença perigosa. SÓCRATES, considerando a vida aqui na terra debaixo deste aspecto, quiz, com a sua ironia habitual, que se dessem graças aos deuses por se ver livre da prisão da materia.





VII

PLATÃO

---

**S**ÓCRATES dirigiu-me pela estrada  
Da alta philosophia, collocando  
A Moral sobre todos os deveres.

Despresei as escolas que buscavam  
A solução de enigmas espalhados  
Da Natureza nas diversas coisas:  
E procurei mais alto a Divindade,  
Pela Revelação, pelo Mysterio,  
Os Números, e os Signos Kabbalísticos.

Os principios firmei na intelligencia,  
Distinguindo os *sentidos* das *idéas*,  
Sem firmar na experiencia as conjecturas;  
E em vez de pedir provas á materia,  
Tive-as no pensamento, achei-as na alma!

A alma é uma energia independente,  
E activa por si mesma. — Distinguindo  
O *sentir* do *querer*, fundei a lógica.  
Achando na Moral o bem supremo,  
Appliquei a theoria da Virtude,  
Pelo Amor, pelo Bem, pela Justiça.

Vendo na Monarchia a liberdade,  
E os direitos do homem garantidos,  
Preferi-a entre as fórmãs de governo;  
Mas, temendo os desmandos praticados  
Em Esparta, idealisei uma República  
Que eu mesmo vi que, confiada aos homens,  
Seria uma Utopia impraticavel.

E até previ (o factó realisou-se  
Muitos séculos depois, na Palestina)!  
Que, si algum dia apparecesse um ente

Immaculado e justo sobre a terra,  
Seria preso, — e o crucificariam,  
Depois de ser julgado por aquelles  
Que, cheios de crueis iniquidades,  
Gosariam a fama de ser justos! . . .

Considerarei os homens sobre a terra  
Como árvores em pe, somente emquanto  
As não derruba o golpe do machado.

Fui philósopho, sim, mas esotérico:  
Baseei a Unidade sobranceira  
Sobre um systema harmônico de idéas (\*)  
E tanto amei as tradições, o quanto  
Despresei sempre as miseraveis turbas.

---

(\*) Allude aos seus magníficos diálogos — *Georgias*, *Phedra*, etc., em que a alta idealisação philosóphica chega a prophetisar os principios do christianismo.







VIII

ARISTÓTELES

---

**D**ISCIPULO de PLATÃO, na mesma escola  
Eduquei ALEXANDRE; e nos meus livros  
Brilha toda a sciencia do meu tempo.

Nada ha na *intelligencia* que não tenha  
Existido primeiro nos *sentidos*.

A historia natural encerra tudo:  
Natureza, accidente, causa, effeito,  
Fim, mudança, infinito, espaço e tempo.

Legislador e poeta, fui o oráculo  
Da plêiade de todos os philósophos.

Comecei pela crítica; em seguida  
Analysei e puz em parallelo  
As diversas escolas philosóphicas,  
De todas ellas demonstrando os erros,  
Implacavel ás vezes, sempre justo.

Reduzi a dialéctica aos seus proprios  
Limites, retirando-a das espheras  
Da sciencia, e collocando-a no terreno  
Da arte, destinada unicamente  
A exercitar o espírito.

Na lógica  
Concretisei todos os meus princípios.  
Formulei um systema encyclopédico  
De todas as sciencias, qual si fossem  
De uma so árvore os diversos ramos;  
E inventei a linguagem necessaria  
Ao conjunto dos termos peculiares.

---

O meu *Tratado da Alma*, permanece  
De pé, desafiando, invulneravel,  
A concepção de todas as idades.

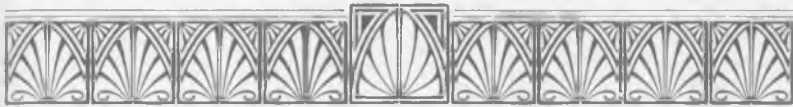
Da minha *Metaphysica* os fragmentos,  
Que AVICENA releu quarenta vezes,  
Tanto a SANTO AGOSTINHO impressionaram,  
Que até considerou como um prodigio  
O poder-se chegar a comprehendel-os . . .  
Mas é que nenhum delles tinha a chave  
Dos transcendentos signos da Kabbala,  
Com que eu abria as portas do Mysterio.

A mesma origem têm meus *Sillogismos*.

O mais vós o sabeis: nas minhas obras  
Brilha toda a sciencia do meu tempo.

---





## A ANNUNCIAÇÃO

---

Os tempos annunciados pelos prophetas, figurados nos acontecimentos e symbolos ao povo escolhido de DEUS, tinham chegado. O anjo mensajeiro appareceu, então, á MARIA, donzella judia, da raça de DAVID, porém pobre, casada com JOSÉ, artista de Nazareth.

*(Historia Universal).*

**A**VE, MARIA! — foi assim que o anjo  
Se dirigiu a Ti, nesse momento  
Em que a Divina Luz do firmamento  
Se encarnou no teu seio virginal.

*Cheia de graça!* cheia de pureza,  
Trémula de modestia e de alegria,  
Curvaste a fronte pura, onde fulgia  
Um reflexo da auréola divinal.

*Deus é contigo!*... E deslumbrada ainda  
Diante daquella apparição celeste,  
—“Cumpra-se a ordem do Senhor”, — disseste,  
E um êxtasis sentias sem igual!

*Tu és bemdita!* — Vês? todos trazemos  
Do Nome Teu a inicial bemdita  
Das mãos na palma, em linhas, nella escripta  
Para nos defender de todo mal.

*Entre as mulheres* foste a preferida,  
Como um premio á belleza e á castidade,  
O' Mãi do Redemptor da humanidade!  
O' Rainha da esphera sideral!

*Bemdito é o fructo* do teu corpo lindo  
E immaculado como os teus scismares!  
Rosa da Galiléa, astro dos mares,  
Dardejante arco-íris immortal!...

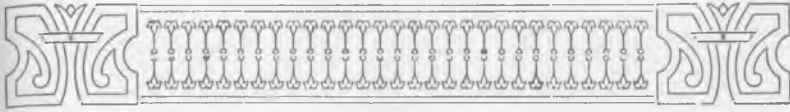
---

*Do ventre teu, — sagrado relicario —*  
Onde a essência de DEUS se humanisara,  
Surgiu a força ideal, que nos ampara  
Neste sombrio e lacrimoso val. . .

*Jesus, que la no ceu contigo vive,*  
E que por nós morreu aqui na terra,  
Irradia na fe, que mais se aferra  
Na crença em Ti, escudo universal!







## A ESTRELLA DOS MAGOS

(Versão)

---

So uma luz do ceu podia fazer-lhes enxergar a regeneração, não de um so povo, mas da humanidade inteira, resgatada da escravidão original, que havia posto em luta a intelligencia com a vontade. E assim appareceu JESUS CHRISTO, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, concebido por obra e graça do Espírito Santo.

(SANTO AGOSTINHO).

**D**ORME a Cidade Eterna; — so, TIBERIO  
Sente o fundo temor de insomnias trêdas...  
No leito de marfim, envolto em sêdas,  
Da púrpura levanta o rosto sério.

E de Belém nas sombras dum recanto,  
Por entre as palhas de modesto asylo,  
Cheio de amôr, destaca-se tranquillo  
Perto de mansos bois, um grupo santo.

Ali, JESUS, nusinho, alvo e formoso,  
Esconde os labios no materno seio;  
E SÃO JOSÉ contempla-o num enleio,  
Inclinando a cabeça silencioso.

Um anjo bate as azas sobre flores,  
Levando a nova do natal distante. . .  
— Trazendo os seus presentes, num instante,  
Batem á porta e entram os pastores.

E longe, ao longe. . . religiosamente  
— Uma estrella seguindo solitarios —  
Montados em seus grandes dromedarios,  
Assomam os Reis Magos do Oriente.

---



X

JESUS CHRISTO

I

**U**M dia, levantou-se na Judéa  
Uma fronte infantil — aureolada  
Pelo fulgor do halo de uma idéa:  
A redempção da raça amaldiçoada!...

Rugindo irosa a multidão plebéa,  
Quer o sangue da vítima sagrada,  
Cuja palavra vem, illuminada,  
Trazer dos Évangelhos a epopéa.

PILATOS apavora-se, e consente  
Que arrastem ao Pretorio esse innocente,  
Que é condemnado a ser pregado á cruz!

Um justo, pelos maus crucificado!...  
Mas seu nome — das trevas do passado  
Salta ao futuro, espadanando luz!...

## II

Pater noster, qui es in celis, sanctificetur nomen tuum, adveniat regnum tuum, fiat voluntas tua sicut in cello et in terra, panem nostrum quotidianum da nobis hodie, at que nostra dimitte nobis debita sicut et nos dimittimus debitoribus nostris, et ne nos inducas in tentationem, sed libera nós a malo. Amen.

(JESUS CHRISTO).

A Verdade, rasgando a túnica da lenda,  
Ha de tomar um dia as dimensões estranhas  
Dos corpos que no espaço o astrónomo desvenda.

Esta voz, acordando os écos nas montanhas,  
Atravessando o tempo, o mar, os continentes,  
Rolando, a retumbar, dos antros nas entranhas,

Ha de ser a canção de guerra dos valentes  
Soldados varonis do pensamento humano,  
Quando a Razão tiver illuminado as gentes.

No dia em que se erguer o povo soberano,  
Tomando o seu logar á frente dos Estados,  
Sem punhal demagogo, ou sceptro de tyranno;

Como uns pingos de luz nas trevas borrifados,  
As letras desse nome esplendoroso e santo  
Hão de offuscar a luz dos ares constellados.

A Verdade! a Verdade!... Eu ouço ao longe um canto  
Argentino, vibrante, alegre, fresco e claro,  
Como si o orvalhasse a lágrima de um pranto.

Ouçõ confusamente essa harmonia... Páro,  
Como quem quer ouvir as músicas distantes,  
Ê sinto, sem sentir, ver não sei quê... Reparo,

Uma ethérea Visão de vestes ondulantes  
Vejo ao longe, fluctuando em ondas de neblina,  
Com as azas de neve húmidas, gotejantes...

O seu límpido olhar deslumbra-me a retina,  
E eu fico na effusão de um êxtasis suspenso,  
Ante essa apparição fantástica e divina...

Ella as azas farfalha e solta o vôo immenso,  
A cantar pelo azul: — Sou a eterna Verdade! —  
Subindo em espiraes como si fôra incenso...

Era assim que JESUS falava á humanidade.  
Mas em vez de ascender á região sidérea,  
Quiz dar inda maior exemplo de humildade:

Deixou entre os mortaes o invólucro, a materia  
Que fôra do Divino Espirito o sacrario,  
E com ella um perdão á mundanal miseria!

Foi levantada a cruz nos cimos do Calvario,  
Para que nessa altura o mundo inteiro visse  
Do Redemptor humano o vulto solitario.

E o scepticismo vil ergue-se agora e ri-se  
Diante daquelle exemplo eternamente serio,  
Como faria um louco emquanto um sabio ouvisse.

Parte daquelle ponto escuro, alto e funereo,  
A marcha progressiva e útil das ideias,  
Deixando atraz de si a sombra do Mysterio. . .

O Nazareno errou, descalço, nas areias,  
Pelas margens do mar desertas, solitarias,  
Dormindo no cairel das penedias feias.

Ao vento, á chuva, ao sol, por entre as alimarias  
Espalhava o consolo, a paz, a felicidade,  
Enchendo de esperanza o coração dos párias.

Seguiam-no em silencio os tristes, que a vaidade  
Afastava de si, como os irmãos outr'ora  
Afastaram JOSÉ dos muros da cidade.

Ouvindo de JESUS a branda voz sonora  
Sentiram pela vez primeira dentro d'alma  
Orvalhos de crepúsculo e virações de aurora.



Da noite na mudez solenne, mansa e calma,  
O CHRISTO semeava a Flor do Bem na terra,  
E de manhã floria a viridente palma!

Quem a Elle se chega as afflicções desterra;  
Sempre tem um consolo, um bálsamo comsigo;  
E com serena Paz desarma e vence a Guerra.

Do opulento israelita ao obscuro mendigo  
Corre de bôca em bôca a portentosa fama  
De quem fizera — um morto erguer-se do jazigo! . . .

Vendo um dia a espojar-se um homem sobre a lama,  
Dando gritos brutaes como uns batidos de aço,  
Dardejando do olhar uma sinistra chamma,

Contemplou-o JESUS: e ao estender-lhe o braço,  
Levantou-se o possesso, e calmo, silencioso,  
Seguiu tranquillamente o seu divino passo.

De tarde, ao pôr do sol, constricto, fervoroso,  
Aquelle moço, triste e austero como um velho,  
Falava ás multidões do Todo Poderoso.

No tôpo da montanha Elle dobrava o joelho,  
Resando, sem rumor . . . depois, bello, eloquente,  
Aos discípulos seus falava do Êvangelho!

Uma vez, ao passar, seguido pela gente,  
As crianças gentis olhavam-no curiosas,  
Sentindo o coração bater sôfregamente:

Levantou-se um rumor de vozes orgulhosas,  
Afastando da estrada as tímidas crianças,  
Mas, lançando-lhes CHRISTO as vistas piedosas,

Disse-lhes: — “Vinde a mim, ó brancas pombas mansas!  
O’ anjos de meu Pai! correi, vinde, innocentes,  
Minh’alma é o ninho em flor das aves de esperanças!”

Outra vez, inflammado em cóleras potentes,  
Entra no templo: expulsa, espanta e azorraga  
Os ímpios vendilhões, avaros e insolentes . . .

Era um cáustico em braza em cima de uma chaga,  
Trocara a mansidão passiva do cordeiro  
Pela força do leão que nos desertos vaga!

Utopista!... Foi casto e justo e verdadeiro,  
Por isso foi julgado hypócrita e falsario...  
E a Justiça atirou-o aos séculos no madeiro

Que a humanidade vê nos cimos do Calvario!

Rio, 1880.

---



## PADRE NOSSO

(A' memoria de minhas filhas mortas — Ada e Anna).

---

**P**ATER NOSTER, meu Pai e Pai de todos  
Que este valle de lágrimas regamos,  
Abriga-nos á sombra desses ramos  
Da immarcessivel árvore do bem.

*Qui es in celis* sei, mas tambem vejo  
Que estás aqui, além, em toda parte:  
E eu não preciso ver-te, para amar-te,  
Desde que um cego pode amar tambem.

*Sanctificetur* o soffrer humano  
Pelo humano soffrer de JESUS CHRISTO,  
A dor, que teve altares depois disto,  
Transfigura os Calvarios em Thabor.

*Nomen tuum*, vibrando em meus ouvidos,  
Repercute em minh'alma, noite e dia,  
Enchendo-a da mais branda melodia  
Como se enche de aromas uma flor.

*Adveniat* a graça omnipotente  
Que, emanada de Ti, de Ti se espalha  
Na agua do baptismo, ou na mortalha  
Em que nos embrulhamos, sob a cruz.

*Regnum tuum* sobre o firmamento,  
Constellado ao fulgor de teus olhares,  
Transformando as cabanas em solares,  
E' o paiz de MARIA e de JESUS.

*Fiat voluntas tua*, que ditosos  
Serão todos aquelles que a fizerem;  
E ai dos que nesta vida não se esmerem  
Na obediencia desta obrigação!

*Sicut in cello* as almas dos que morrem  
Viverão immortaes na eterna gloria,  
Depois desta existencia transitoria  
Que parece uma bolha de sabão.

*Et in terra*, este simples grão de areia  
Da nebulosa praia do infinito,  
Não se perde das súplicas o grito  
Que nas azas da prece busca o ceu.

*Panem nostrum quotidianum* basta  
Para que o mortal corpo se alimente:  
Mas a alma, que vive eternamente,  
Esta, aspira colher melhor trophéu.

*Da nobis hodie*, e amanhã, e sempre,  
O teu amparo aos mais desamparados,  
Que, ja que são por todos despresados,  
Longe dos mais, se chegam mais a ti.

*At que nostra dimitte nobis debita*",  
Sim, — não te esqueças de quem geme agora  
No mesmo valle onde gemeste outr'ora, —  
Soffrendo mais que o que mais soffre aqui.

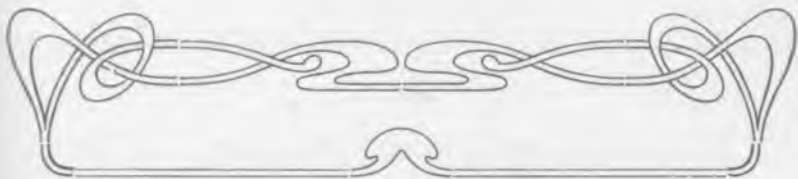
*Sicut et nos dimittimus* offensas  
Dos nossos rancorosos semelhantes,  
Mesmo os que nos perseguem arrogantes,  
Mesmo os que nos desejam todo mal.

*Debitoribus nostris* por Teu Nome,  
Eu me esqueço do mal que me fizeram,  
De tudo quanto contra mim disseram,  
Porque o perdão é graça divinal.

*Et ne nos inducas in tentationem,*  
Livra-nos dos abysmos que não vemos  
E no fundo dos quaes cahir podemos  
Neste caminho aspérrimo do Além...

*Sed libera nós a malo. — Amen.*  
Foi isto o que JESUS disse que a gente  
Deve dizer quotidianamente  
Ao Seu Divino Pai Celeste. Amem.

---



## XI

### APOLLONIO DE TYANA

(Floresceu nos annos até 97 da nossa éra)

Nada morre, sinão apparentemente, da mesma maneira que nada nasce, sinão apparentemente. A passagem da essencia á substancia é o nascimento, assim como tambem a morte é a passagem da substancia á essencia. Na realidade ninguem nasce e ninguem morre. Tudo surge, para depois se fazer invisivel: primeiro, pela densidade da materia; segundo, pela subtileza da alma, que é sempre a mesma na transformação, seja movimento ou seja inercia. O todo subdivide-se em partes, e as partes reúnem-se no todo.

(APOLLONIO DE TYANA).

**É** COMO dizes; do alto da montanha  
Vemos o ceu mais bello, o azul mais puro,  
Majores as estrellas, — e do seio  
Da Noite levantar-se o Sol radioso,



Sacudindo entre as névoas orvalhadas  
A cabelleira d'oiro, coisas estas  
Que sabem os pastores e os cabreiros.  
Mas, chamar a attenção da Divindade,  
Isso não: isso o homem so consegue  
Por actos de Justiça e de Virtude.  
O corpo pode estar em baixo ou em cima,  
So as almas penetram no infinito.

Sectario de PYTHÁGORAS, floresceste  
Pouco depois da rápida passagem  
Do HOMEM-DEUS que os homens dessa idade  
Pregaram numa cruz. Tomaste assento  
No Círculo dos Grandes, presidido  
Pela arrogante Imperatriz-Philósophia  
JULIA DONNA, que em seus nervosos dedos  
Dois sceptros empunhou, sem que a corôa  
Ostentasse na frente, a altiva esposa  
De SEPTIMIO SEVERO, a mãe temida  
Do não menos temido CARACALLA.

A todos tres, — marido, esposa e filho, —  
Astros sinistros em tamanha altura,  
Desprendendo de la candentes raios,

Até que a mão potente de MACRINO  
Tão alto erguesse as ordens do Pretorio;  
A todos tres ousaste, imperturbavel,  
Revelar os *Mysterios* do Occultismo,  
Deixando a *vara-mágica* por cima  
Do sceptro imperial.

Foste o Oráculo  
Que dispensava a bôca das Sibyllas.

Descendente de nobres argentarios,  
Nos brincos infantis ja revelavas  
Prodigios de memoria — que attestavam  
Das idéas innatas a evidencia;  
É ao fulgor do talento entralaçando  
Penetração vivaz, mimosas graças,  
Éras de rara e singular belleza.

Quinze annos incompletos de existencia,  
É ja longe do lar, na antiga Tarso,  
Confundias os velhos sacerdotes  
Do *Templo de Esculapio*, que cursavas,  
Combatendo os principios das escolas

Platônica, epicurea, a estoica mesmo,  
A todas preferindo a pythagórica.

Perguntando-te um dia EUXENIO, o mestre,  
Como querias encetar a vida,  
Irônico sorriste, respondendo:  
—“Como o médico faz, purgando o enfermo”. —  
E nunca mais comeste um alimento  
Que vegetal não fosse, demonstrando  
Quanto a carne atrophia a intelligencia;  
E so bebias agua: era bastante  
O que a terra produz, como dizias:  
“O vinho é obra do poder humano,  
A agua é obra do poder divino”.

Descalço, ao vento soltos os cabellos  
Crespos e longos, túnica de linho,  
Parecias assim mais bello ainda,  
Asceta de vinte annos! ja notavel  
Por lições de piedade, até diziam  
De ti os cilicianos, perguntando:  
“Não correm todos para ver *o joven?*”

Orfão de pai e mãe aos vinte annos,  
(Na mesma idade assim fiquei na terra);  
Da grande herança que um irmão mais velho  
Criminoso usurpou, para em orgias  
Dissipal-a insensato, a enorme parte  
Que pudeste salvar, foi empregada  
Em corrigir-lhe os vícios, e as doenças  
Pegadas nos bordéis; — e dividiste  
Pela pobreza tudo que restava.

Fizeste, então, o voto de silencio.

Cinco annos não falaste!... E não fugiste  
Para o fundo de um templo ou das florestas,  
Onde te não tentassem com palavras;  
Ao contrario: em silencio percorrias  
As ruas e as praças, em silencio  
De cidade em cidade viajavas,  
Por entre estranhas gentes, sempre exposto  
Ao rigor imperioso de perguntas  
Tão naturaes como estas: — Que desejas  
De nós? Para onde vais? De onde vieste?  
Como te chamas? — E tu sempre mudo,  
Fazendo-te entender so pelos gestos.

Com os olhos, as mãos, e os movimentos  
Da cabeça e do braço, o joven mudo,  
— Cuja belleza varonil e casta  
Impressionava os velhos e as crianças,  
Enamorando as donas e donzellas  
Quanto mais se esquivava a seus olhares;  
Elle so pelo olhar e pelos gestos  
Fazia-se entender, tal a nobresa  
Dos gestos seus e desse olhar sereno.

Uma vez, em Aspendo, então Pamphylia,  
Ante a raivosa multidão crescente  
Em plena praça protestando em brados,  
Porque o preço do trigo era excessivo,  
O teu silencio dominou as turbas:  
E como alguém, mais atrevido, ousasse  
Interpelar-te ameaçador e bruto,  
Mantiveste-o á distancia necessaria  
A um gesto, um gesto so; — e escrevendo  
Numa taboinha o que dizer convinha,  
Deste-a . . . de mão em mão, lida, passava,  
E o tumulto cessou, rompendo applausos  
A tão estranho e silencioso joven! . . .

Foste depois á India, demoraste  
Na Palestina, que era então o centro  
Das congregações mysticas, dizendo  
Que procuravas “homens, e não gente”.  
Adoravas o Sol!... Ao romper d'alva  
Falavas aos theósophos das coisas  
Do ceu; durante o dia praticavas  
Sobre as coisas da terra; e adormecias  
Ao pôr do sol, na hora em que se aninham  
Os pássaros, que as árvores embalam  
No seio maternal da Natureza.

Banhavas-te na agua transparente  
Do Tigre murmuroso, prelibavas  
O doce mel e as saborosas fructas,  
Durante sete sóes; mas, em chegando  
O plenilunio, — rigoroso asceta —  
Jejuavas, e resavas dia e noite,  
Votado ao poder mágico dos Signos,  
Números e Palavras, todo entregue  
Ao Saber e ao Mysterio, entre as ruínas  
De Ninive, na Assyria... Eras por isso  
Considerado um sêr divino: amavam-te,  
Sem conseguir comprehender-te; e muitos  
Chegaram a julgar-te um novo BUDHA.

DOMICIANO, o cruel, ouvindo os écos  
Da prophética voz com que annunciaste  
O seu trágico fim, — encarcerou-te;  
Porém, ante os discípulos, que chegaram  
A duvidar do teu poder tamanho,  
Os pesados grilhões despedaçaste,  
Permanecendo ali, para que vissem  
Que eras vítima, sim, mas complacente.

Viajaste annos e annos, percorrendo  
Inteiras regiões de estranhos povos,  
Falando as linguas todas que falavam  
Todas aquellas gentes; mais ainda,  
Interpretando o pensamento humano,  
Tudo o que dizem árvores e pássaros,  
A dor dos mineraes, que so se exprime  
Na linguagem das coisas que não falam.  
Meditaste nos tôpos do Himalaya,  
Ora perdido nas sombrias selvas,  
Ora dentro dos templos, que ostentavam  
Os trabalhados mármores de Athenas.  
E dos Gymnosophistas no mosteiro  
Ungido foste soberano Mago.

Prenderam-te de novo, quando em Roma  
As loucuras de NERO apostrophaste,  
Mas de la te expulsaram, receosos,  
Por verem teus augurios realísados.

Interrogado por VARDAN, disseste:  
— Sou, poderoso rei da Babylonia,  
Um médico da alma, eis porque curo;  
Aprendi com PYTHÁGORAS, conheço  
A verdadeira disciplina delle,  
O eterno illuminado! e a fe mais viva  
Robustece-me a força da vontade”.

So a Sebedoria crystallisa  
Os nossos ideaes, em uma especie  
De perennal inspiração divina.

E os teus presentimentos?... Vias claro  
Atravez das distancias e do tempo:  
Recusaste embarcar nesse navio  
Que estava prestes a deixar o porto,  
E o barco submergiu-se em pleno oceano,  
Não se salvando um so dos viajantes.  
E sem sair de Alexandria, viste  
Um dos templos de Roma devorado  
Pelas serpentes rubras de um incendio.



Outra vez, em Epheso, tu préguas  
Ante a compacta multidão attenta;  
Porém de chôfre a prédica interrompes...  
Cerras os olhos, pálido e convulso,  
E bates com o pe, bradando iroso:  
— Basta, tyranno, cai! —

No mesmo instante  
DOMICIANO, assassinado, em Roma  
Cahia estrebuchando...

E aos circumstantes,  
Que te julgavam certamente louco,  
Tranquilisaste, recobrando a calma:  
— “Em breve sabereis o que eu acabo  
De ver; mas, desde ja, regosijai-vos”. —

Que absolvido sahisse um innocente  
Levado aos tribunaes de Alexandria,  
Com signos kabbalísticos conseguiste.  
Ao ver passar nas ruas um enterro,  
Interrompeste as funerarias pompas,  
Batendo com a mão sobre o ataúde,  
Dizendo: — “Acorda, e ergue-te”. —

De prompto

Eugueu-se a morta... e nem a conhecias!

Fizeste um *Talismã*, para o teu uso,  
Que apavorou Constantinopla, quando  
Outra coisa não era esse amuleto  
Sinão uma cegonha desenhada,  
Da qual fugiam todas as cegonhas...  
— Materializando o signo da alliança  
Da força astral com a vontade humana,  
Com o teu talismã tudo alcançavas.

Toda a tua existencia limitou-se  
Em dar lições e exemplos, sem que um passo  
Desviasses da senda designada  
Pelo grande ARISTÓTELES — e venceste!...  
Assim, em Babylonia, recusaste  
Acompanhar o rei numa caçada,  
Severamente censurando aquelles  
Que aos animaes maltratam e assassinam:  
— “Pois, si ao ver castiga-os, eu padeço,  
Que prazer sentiria em ver matal-os?” —

Viveste mais de um século, conservando  
Até morrer a robustez e a força  
Dos verdes annos, apesar do longo  
E extremado ascetismo dessa vida:  
Tão bello na velhice, como fôra  
ALCIBÍADES — so na juventude.

Incomparavel domador de feras,  
Conseguiste domar os teus desejos!  
Dono de ti, não te faltava nada,  
Porque, sem nada, poussuias tudo.

E o que podia impor, expunha apenas,  
Amando a vida, sem temer a morte.

Rio, 1910.

---



XII

HYPATIA

(*Paráphrase*)

Floresceu nos annos 370-415 da nossa éra

---

Os escriptos de HYPATIA foram destruidos  
no incendio da bibliotheca de Alexandria.  
Deram-lhe o sobrenome de *Philósophia*.

(THEOPHRASTO PARACELSO).

I



PAGANISMO vai morrer, varado

Pela idéa christã;

Júpiter, do Olympo desthronado,  
Envolve-se na noite do passado,  
Sem esperar a luz d'outra manhã.

Uma legião tremenda  
Vem levantar a tenda  
Em luta contra as velhas sociedades,  
Que vence, ou que dispersa pelo menos;  
E os impotentes Deuses dos helenos  
(Que ja seu povo heroico não defende)  
Percebem que se estende  
Forte, como um trovão nas soledades,  
E ao mesmo tempo doce como um threno,  
A voz do Nazareno.

Varrida pelos ímpetos da idéa  
Que percorreu ovante o mundo antigo,  
Destronada vai ser por Galiléa  
A Roma prisca, triumphal, cesárea,  
Sombria como um pária  
Na trágica imminencia do perigo.

Romana, pela austera disciplina,  
Gregua, por immortal philosophia,  
Hebréa, pela origem do seu berço,  
A nova crença, a religião divina,  
Cheia de força, rica de poesia,

Braços de cruz abrindo ao Universo,  
Crysálida — nascida na indigencia,  
Ao tomar das phalenas a existencia  
Transforma a estribaria em áureo sólio,  
Conquista o Capitolio!

## II

Mas, antes de esconder tal desventura  
No Pantheon grandíloquo da Historia,  
Synthetisou seus ideaes de gloria  
Numa estupenda e feminil figura.

No dia, que o destino assignalava  
Como um dia funesto ao Paganismo,  
Radiante de heroismo  
Uma nobre mulher se levantava,  
Coroadada de sombras e de dores,  
E abrindo os alvos e franzinos braços,  
Num olhar, onde o genio transluzia,  
Ao mundo que tombava em estilhaços  
Dava os seus derradeiros resplendores.

## III

Filha de um grande sabio do universo,  
Viu, ás margens do Nilo transparente,  
A Virtude e a Sciencia no seu berço.

Tendo-a sobre os joelhos, bella e pura,  
Ou deixando-a brincar com seu compasso,  
O velho pai falava, com doçura,  
Numa linguagem simples e eloquente,  
Das maravilhas do celeste espaço.

Ella vivia em êxtasis, sonhando,  
Desde os mais verdes annos admirando  
Os arcanos dos páramos sidéreos...

Amava a astronomia,  
Sondava de outros mundos os mysterios,  
As sábias leis dos sábios aprendia,  
Tendo por alphabeto, deslumbrada,  
Letras de luz na abóbada estrellada!

## IV

Depois de ter relido  
Nesse livro immortal do Firmamento  
Os segredos do sol, sempre perdido  
Em regiões luminosas e serenas...

Estudou em Athenas  
Metaphysica, ess'outra astronomia  
Do pensamento humano,  
Que procura sondar o fundo arcano  
Que o cérebro anuvia

Thálamo em flor aberto aos ideaes,  
No consorcio dos sonhos e as quimeras,  
Que em fecunda atracção inextinguivel  
Fez nascer, ao influxo das espheras,  
O bem e o mal, por entre os matagaes  
Deste planeta horrivel!...

O cérebro, esta simples nebulosa  
Que resiste ao exame da sciencia,



Quando indaga a função mysteriosa  
Da nossa intelligencia,  
E' chãos, onde se encontram conglobados  
O que é vil e o que é nobre, misturados,  
Em prolongada guerra  
Assoladora e rude,  
O Vicio audacioso,  
Filho bastardo e mísero da terra,  
E a tímida Virtude,  
Casta filha do azul esplendoroso.

## V

Dos jardins de Pireu entre a folhagem,  
Evocou, ao passar da branda aragem,  
De SÓCRATES a sombra immaculada  
E de PLATÃO o espírito radiante;  
Somnâmbula, vidente! e palpitante,  
Lânguida, pensativa, extenuada,  
Ficou a olhar pra tudo, sem ver nada...

È como a noiva, que beijar se deixa  
Pela primeira vez,  
(Nos fios da madeixa,  
Ou na ponta dos dedos cor de rosa),  
Cheia de timidez,  
Offegante, assustada e vergonhosa,  
Voltou aos patrios lares, resolvida  
A entregar-se á sciencia toda a vida.

## VI

Graciosa, ativa, e de belleza rara,  
Havia nella um quê da formosura  
Das estátuas de marmor de Carrara,  
Em cujas veias de asulada alvura  
Não ha do sangue as chammas e a loucura.

Em sua fronte olympica, innocente,  
Pálida, porém bella,  
Parecia brilhar constantemente  
O reflexo divino de uma estrella.

É a virtude e a sciencia e a bellesa,  
Numa auréola de luz e de harmonia,  
Eis o laurel, a corôa da realesa  
Que se ostenta na fronte de HYPATIA.

## VII

A mocidade audaz de Alexandria,  
Onde o neo-platonismo  
Se antepunha ao nascente Christianismo,  
Que impávido avançava,  
Colocou-a na cáthedra vasia  
Onde ainda vibrante resoava  
A severa eloquencia de PLATINO,  
Como o verbo de DEUS na voz do sino.

## VIII

É daquella cadeira, então, se ouviam  
Os derradeiros sons harmoniosos  
Da Grecia das Sibylas, que gemiam...  
Da Grecia dos Oráculos saudosos  
Que, com seus Deuses immortaes, morriam!

Em sábias conferencias, HYPATIA  
Analysava as artes e a sciencia,  
Em explosões ruidosas de eloquencia!

Ah! mas em vão queria  
Ver se detinha um mundo  
Ja corrompido por mortaes gangrenas;  
Voraz cancro profundo  
Minava Roma, corroendo Athenas!

A' branda voz e ao gesto soberano  
Dessa Musa, de olhar vivo e sereno,  
Julga-se ouvir o último romano...  
Julga-se ver o derradeiro heleno!...

## IX

Um discípulo, joven, exaltado,  
Amou-a com affecto apaixonado,  
Com esse amor ardente, impetuoso,

Que ao abrasar um seio  
Queima, assim como o sol batendo em cheio  
Num deserto arenoso.

Ella vibrou na lyra estranhas notas,  
Sentidos ais, inspirações ignotas...

Amou e foi amada!

Deu ao amante a sua mão de esposa,  
E percebeu, então, que ha muita cousa  
De que a sciencia não percebe nada...

X

. . . . .

XI

A turba, sempre a mesma, ingrata e nescia,  
Guiada por CYRILLO, o sanguinario,  
(Santo do Calendario  
Que em dias de Janeiro se festeja)...  
Escutando essa voz, que recordava  
Os bellos tempos da famosa Grecia,  
Receou ver por terra a nova igreja!

Raivosa ergueu-se a multidão, escrava  
Dos seus instinctos brutos e ferozes;  
Emquanto o Bispo, com soturnas vozes,  
Bradava, pelas praças e assembléas,  
Contra aquella mulher, que o aterrava!...

Ella, heroica, inspirada, victoriosa,  
Cercada dos discípulos que a ouviam,  
Proseguia, serena e magestosa,  
Aconselhando a paz aos que a seguiam.

Outras vezes, passava á toda a brida,  
Fulgente como a aurora,  
De púrpura vestida,  
No seu carro puxado febrilmente  
Por enormes cavallos arrogantes,  
De crinas agitadas!...

Era assim que o heróe passava, outr'ora,  
Nessas mesmas estradas,  
Dos olympicos jogos triumphantes.

## XII

A multidão, fanática e bravia,  
Pelo Bispo excitada, em fúria ignava,  
Assaltou-a . . . cobarde! á luz do dia,  
Quando ao seu lar tranquilla regressava.

Profanaram-lhe, infames, a belleza,  
    Despindo-a em plena rua! . . .  
Sem recuar de assombro e de surpresa  
Ao esplendor da formosura nua!

Ao vel-a envergonhada, não coraram:  
E a pauladas brutaes a assassinaram!

Quando os seus lindos olhos se cerraram,  
Esses olhos que em êxtasis viviam  
Com o ceu em sublimes confidencias,  
E que, pródigos sempre, repartiam  
Thesoiros de saber ás consciencias,  
Levaram seu cadaver ao Santuario  
Onde se via a scena do Calvario!

Exteril sacrificio! . . .  
Seu puro sangue, salpicando a Historia,  
Foi derramado em honra da memoria  
Do que expirou — perdoando — no supplicio!

## XIII

Trágicamente, aos golpes dum christão,  
Morreu essa Mulher, que em si guardava  
Todo o Mundo Pagão.

Raio divino, o seu olhar sereno  
Mostrava toda a luz do povo heleno,  
Luz immortal, intensa,  
Que inda illumina o cérebro que pensa!

O' paiz dos helenos!  
Bello paiz da Arte immorredoura!  
Em Apollo e em Venus  
De teus filhos a mente creadora  
Na epopéa marmórea soberana  
Ousou idealisar a raça humana!







### XIII

#### PARACELSO

(\* , Zurich, 1493; †, Salsburgo, 1541)

---

O que uma geração considera como a culminancia do saber, é muitas vezes considerado como absurdo pela geração seguinte; e o que num século passa por superstição, pode fundar a base da sciencia no século immediato.

(PARACELSO).

**E** GREGIO sabio, e Mestre bem amado!  
E' tanta a admiração que tu me inspiras  
Que chego a ver-te em sonhos de acordado.

Não pode o rude som das toscas lyras  
Reproduzir a música secreta  
Da zona astral onde glorioso giras.

Foste alchimista, astrólogo, poeta,  
Médico, hierophante, iluminado,  
Necromante, theósopho e propheta.

E por mostrar os erros do passado  
Na sciencia de ASCLEPIADES e GALENO,  
Escarnecido foste, e diffamado!

Mas não semeaste em sáfaro terreno,  
Colhemos hoje o appetecido fructo  
Das flores que atiraste á flor do Rheno.

Intrépido, atrevido e resolutto,  
Tiraste ás mãos de HYPÓCRATES o sceptro,  
Deixando os vis hypócritas de luto!

Vibraste das paixões o ardente plectro,  
Desvanecendo o preconceito errôneo  
Que brilhava no po como um espectro...

Sem a bellesa casta de APOLLONIO,  
Nem o aspecto satánico de AGRIPPA,  
Emprestavam-te os ares de um demonio.

Mas á luz do teu genio se dissipa  
A vã superstição, cedendo o passo  
Ao homem que ao seu tempo se antecipa.

Com pérfidos lutando braço a braço,  
Foste um dos *escolásticos errantes*  
Para os quaes não bastava todo o espaço.

E da Allemanha á Russia, e nas distantes  
Regiões da Asia e das terras africanas  
Foste estudar as hervas luxuriantes.

Sem recorrer a drogas nem tisanas,  
Curavas as doenças que zombavam  
Do poder das receitas galenianas.

Por isso as multidões te contemplavam  
Com espanto e surpresa, segredando  
Aquelles que com o dedo te apontavam...

Assim tambem o DANTE ia passando  
Sombrio pelas ruas de Florença  
E as mulheres paravam, murmurando:

— “Elle andou pelo *Inferno!*” — E nessa crença  
Benziam-se, e escondiam as crianças,  
Fugindo todos á genial presença!...

Prendendo em mysteriosas allianças  
A força da Vontade á *Idéa Mater*,  
Constellaste o Zodíaco de balanças...

Predecessor de GALL e de LAVATER,  
Leste os instinctos na craneologia,  
E na palma da mão viste o character.

Chiromantè assombroso! parecia  
Que a tua percepção ja desbravava  
Naquelles tempos a graphoiogia.

Era que o fluido astral te illuminava:  
E das Constellações nas doze casas  
Teu penetrante espirito morava.

E dos Sete Planetas entre as gazas,  
No percurso da esphera illimitada,  
Equilibravam-te invisiveis azas.

---

Fundaste a Escola da Alma, baseada  
Nos Signos da Kabala unicamente,  
De tudo mais não precisando nada!

Tua physiologia transcendente  
Viu no homem um mundo em miniatura,  
E nesse mundo a essencia dirigente.

E a tua química exótica, mistura  
Na therapêutica e physiologia  
Aquillo que *dô astral* em nós se apura.

Creaste o *Asches*... dando-lhe a energia  
Que prepara e transforma os alimentos,  
E a quint'essencia ao teu olhar radia!

Inimigos, então, surgindo aos centos,  
Recuaram, ante as legiões sagradas  
Que proclamavam teus geniaes inventos.

Prendeste o fogo ao punho das espadas!  
E ao olhar e ás palavras imponentes  
Déste o poder dos Sylphos e das Fadas!...

Talismãs e Amuletos convergentes,  
Sob a acção dos influxos planetarios,  
Maravilhavam, em tuas mãos, as gentes.

Fizeste o oiro potavel... Nos herbarios  
Classificaste as plantas mysteriosas  
De que extrahiste os filtros septenarios...

E no Mágico Espelho — as luminosas  
Visões do teu saber de kabalista  
Surgiam, palpitantes e carnosas!

Aos metaes e ás pedras do alchimista  
Juntaste a força hypnótica, que impera  
No tacto, o ouvido, o gesto, o olfacto e a vista.

A Panacéa Universal, — a vera  
Pedra Philosophal, que os ignorantes  
Ainda hoje teimam em chamar chimera,

Guiado pela agulha dos quadrantes,  
Achaste-a nos papyros sepultados  
Nos túmulos dos grandes hierophantes.

---

Impotentes rivaes, desesperados  
Por ver que a própria morte desafiavas,  
Na posse dos mais altos predicados,

Desde que sobre todos imperavas,  
Vencidos e iracundos, remexeram  
As escondidas settas nas aljavas,

E agachados, nas trevas, resolveram  
Mandar, pelo mais vil dos mercenarios,  
Envenenar-te... e so assim venceram.

Como os homens, crueis, são sanguinarios!  
Não têm os outros animaes, na luta,  
Cárceres, areópagos, calvarios...

Miseria humana, tenazmente bruta!  
Que so tens, para os pródigos de luz,  
Si é SÓCRATES, a taça de cicuta...

Si é JESUS CHRISTO, os braços de uma cruz!

---







## XIV

### CORNELIO AGRIPPA

(\* , Colonia, 1468; †, Berlim, 1535)

A alma possúe a virtude das transformações. Os nomes das coisas têm igualmente um determinado poder. A Arte Mágica tem uma linguagem técnica, e essa linguagem é a imagem dos Signos. Os Números produzem o Bem e o Mal. O Número é a causa primordial do encadeamento das coisas. A Unidade, sem principio nem fim, é o principio e o fim de tudo.

(CORNELIO AGRIPPA).

**F**OI a sua existencia um temporal desfeito!  
A furia das paixões humanas sacudiu-o  
Do seio da opulencia ao frio e duro leito  
De um hospital, depois de um viver duro e frio.

Dos sabios e dos reis privou na intimidade,  
Dando-lhes as lições do seu saber profundo;

Derramou taes clarões, em tanta escuridade,  
Que illuminou o ceu, mas incendiou o mundo! . . .

Astrólogo e alchimista, em seu laboratorio  
Emmurcheceu a flor dos mais virentes annos;  
E atirou-nos de la esse nome notorio  
Que é um jôrrro de luz a clarear Arcanos.

So tinha ao pe de si *o negro cão* da lenda,  
Com serpentes na cauda e pregos na colleira;  
Cão que mordia a espada e estraçalhava a venda  
Da deusa da Justiça — essa ignobil rameira.

Sem se deixar vencer nas armas e argumentos,  
Viram que havia nelle um Hércules num Sabio:  
Passeava pelos sóes, a galopar nos ventos,  
Ou então cavalgando o corcel do astrolabio.

Percorreu quasi toda a crôsta do planeta,  
Sempre com o seu cão, impressionando as gentes;  
Seu aspecto assombrava o proprio anacoreta,  
Hypnotisava os leões e amansava as serpentes.

Médico official de LUISA DE SABOYA,  
Predice dos BOURBONS glorias e decadencias;  
É poz no paradoxo uns fulgores de joia,  
Em seu estranho livro — *A Vaidade das Sciencias*.

Molestias, até então julgadas incuraveis,  
A um gesto as debelava. Estupendos e innúmeros  
Vaticinios deixou, de factos memoraveis,  
Demonstrando o valor das Letras e dos Números.

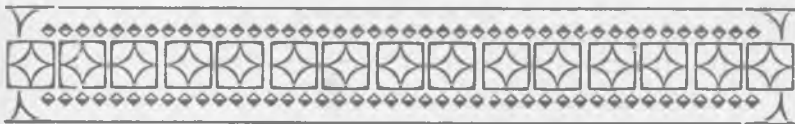
A crença popular fez delle um feiticeiro,  
Com filtros infernaes e pedras milagrosas,  
De olhos de lynce, a voar num abutre agoureiro,  
Desenrolando no ar nuvens caliginosas...

Mas elle não fez mais que contemplar o mundo,  
Consequindo abranger a Natureza inteira  
Em busca do Archetypo: — encontrando-o no fundo  
Da lei de causa e effeito, única e sobranceira.

Mas elle não fez mais que mostrar a Unidade  
Escondida no Todo, o mágico... o perverso!...  
Não fez mais, e fez tudo: alcançou a Verdade,  
Unindo e separando as coisas do Universo.

Julgado, com razão, um díscolo, um herético,  
A sua escola não nega os preceitos de CHRISTO;  
Chegou a ser maior que o semideus hermético,  
Mereceu ser chamado — *o novo Trismegisto*.

Rio, 1911.



## XV

### HELENA BLAVATSKY

(\* , S. Petersburgo, 31 de Julho de 1831 ; † , Londres, 8 de Maio de 1891 )

O nome desta Mulher deve figurar sempre na vanguarda dos Theósophos modernos, posto que devemos ao seu saber e ao seu valor o nascimento da Sociedade Theosófica de Londres, no outono de 1875, com o fim de trazer ao mundo actual a Sabedoria Antiga.

(ANNIE BESANT).

Com a electricidade, admittida a hypóthese da existencia da força, o que é um facto comprovado, não ha nada impossivel. Até se poderia conseguir o conhecimento dos phenomenos telepáticos, si elles não ultrapassassem as modalidades da materia, manifestando-se na zona espirital.

(HELENA BLAVATSKY.)

**D**OTADA de hiperphysicos poderes,  
E de indomavel força de vontade,  
Foste o orgulho e a gloria das mulheres,  
Prophantide do Amor e da Verdade.

Partindo para a India, obediente  
Ao Grande Indú que viste na atalaia,  
Da Asia Central trouxeste ao Occidente  
Os Mystérios dos Templos do Himalaya.

E lavada do po dessas viagens  
Pelas aguas revôltas do naufragio,  
Fizeste juz ás nossas homenagens,  
Methodisando as regras do Presagio.

Reflectindo o fulgor da Antiguidade,  
E' natural que d'ora avante imperes,  
Prophantide do Amor e da Verdade,  
Que és o orgulho e a gloria das mulheres.

---

LIVRO TERCEIRO

---

# IRRADIAÇÕES

I a IV — Do Drama Universal de Campoamor

V — Os Versos Doirados de Pythágoras

---

O mais elevado aspecto da religião é a união da humanidade com a suprema causa primária, da qual emanou a sua essência. E assim se explicam as relações que existem entre a grande causa primária, o Amor e a Moral.

(GOETHE — *Memorias*).







I

A APPARIÇÃO

---

SOLEDADE, vagando pensativa pelo jardim do seu convento, vê que seus sonhos tomam fôrma real no espaço, emquanto HONORIO, occulto entre uns ramos, contempla em êxtasis a apparição de JESUS o MAGO.

**S**ENTADA no jardim do seu convento  
Sonhava a bella SOLEDADE, um dia,  
Para o ceu elevando o pensamento  
Que inda ás coisas da terra se prendia.

E HONORIO, ardendo em crepitantes chammas,  
Taes encantos, com febre idolatrados,  
Contemplava, escondido numas ramas  
Com os olhos de lágrimas molhados.

Ella, scismando, em sideral pureza,  
Nesse das virgens meditar risonho,  
Procura o typo da ideal belleza  
Que lhe passa na mente como um sonho.

E quanto mais o moço a contemplava  
Mais tinha as vistas de alegria cheias;  
E o sangue, alvorotado, circulava  
Como o fogo de um raio em suas veias.

Coros de almas errantes pareciam  
os arruídos que os zéphiros vibravam;  
E as sombras, que das árvores cahiam,  
Um turbilhão fantástico imitavam.

Sedenta de mysterios, ella investe  
Ao mais fundo do ceu. . . e de repente  
Sente tremeluzir na luz celeste  
O clarão de outra luz, mais refulgente.

Cahiu de todo a noite constellada:  
De súbito, sem brilho e sem ruído,  
A esperança sentiu, sem ouvir nada  
De um não sei quê, que viu, desconhecido. . .

Duvida; olha de novo, e vê, distante,  
Numa nuvem fantástica de cores,  
Um como que signal, vivo e brilhante,  
Sobre um fundo de intensos resplendores.

Dos ramos, onde HONORIO achou guarida,  
Quando a Visão mais claro apparecia  
Sahiu, como uma nota dolorida,  
Um profundo suspiro de agonia.

Ditosa SOLEDADE! o paraiso  
Curiosa quiz ver, e vel-o alcança:  
Pede uma imagem delle, e de improviso  
Vê nas azas do vento essa esperança.

È assim, como sonhando proseguia,  
Seu bello sonho lhe trazia o vento;  
È era o sonho, que o vento lhe trazia,  
Espelho de seu proprio pensamento.

Nesse vago anhelar duma esperança,  
Procura pelo ceu coisas sagradas;  
Como toda a mulher sempre é criança,  
Ella gosta de ouvir contos de fadas.

È talvez que no próximo convento  
A música do órgão compassado  
Lhe trouxesse ness'hora ao pensamento  
Esse amante infeliz, — sempre lembrado!

È sonha mais... e sonha... Nesse instante,  
Meio occulto na nuvem que ella via,  
Desenhou-se nos ares um semblante,  
Que sorrir para um anjo parecia.

Dos seus olhos a luz era inefavel!  
O contorno gentil, a fronte pura;  
Tinha a tez de uma côr incomparavel:  
Mixto de luz, de azul e de brancura.

Diante daquella imagem vaporosa,  
Entre o sêr e não sêr meio indeciso,  
Na fina bôca de marfim e rosa  
Como um raio de luz, rompe um sorriso.

È assim passam a noite não dormida,  
Ambos surdos á propria voz do sino:  
SOLEDADE — sonhando, embevecida;  
HONORIO — maldizendo o seu destino.

E' prazer ou pesar o que ella sente,  
Quando a realidade esmagadora  
Lhe mostra esvaecida, de repente,  
De seus olhos a imagem sedutora?

Era real ou falso o que ella via?  
Era luz, ou reflexo esvaecido?...  
A verdade é que aquillo parecia  
Um corpo num espelho reflectido.

Quanto mais a Visão se aclara e cresce,  
Mais a verdade ante a illusão recúa:  
A fluctuante túnica parece  
Gazas tecidas de clarões da lua...

E quanto mais, a olhar, se convenciam  
Que era real seu êxtase de santa,  
Mais se agitava o pulso, e ja sentia  
O coração bater-lhe na garganta.

HONORIO, ao ver suspenso um sêr humano  
Feito de éther, de sombra e claridade,  
Recúa: e fica, num supposto engano,  
Como que a tactear na escuridade.

Indecisa e confusa, ella se assombra,  
Das dúvidas no abysmo... Docemente,  
Para fazel-a crer, pouza-lhe a Sombra  
A luminosa mão na fronte algente...

Julgando-se com isso maculada,  
A mais ingênua e bella das mulheres,  
— JESUS! — gritou, tremendo, de assustada...  
E disse lhe o Fantasma: — Que me queres?

---



## II

### A TRANSMIGRAÇÃO A UM MARMORE

*A scena representa um cemiterio*

Como o sentimento tende a metamorphosar-se, HONORIO, depois da morte de SOLEDADE, pede a JESUS o MAGO que lhe conceda a graça de transmigrar ao mármore do túmulo de sua amada.



VIDA! mescla de tumulto e calma,  
Alternativa infiel de paz e guerra,  
Rebelião da carne contra a alma,  
Combate perennal do ceu e a terra!

SOLEDADE, rendida ao desalento,  
Depois de um apparente desengano,  
Entrou como noviça num convento,  
E noviça sahiu, morta nesse anno.



Ali, tranquilla, nem rancor sentia,  
Muito menos do amor a ardente chamma;  
Desejava morrer, porque sabia  
Que DEUS leva consigo a quantos ama.

E enquanto se mudavam-lhe na mente  
Em santas orações os seus delírios,  
A cutis foi tomando lentamente  
A cor de cêra dos funéreos cyrios.

Como seguir-lhe os passos no convento?  
Sem pesares, ali, nem alegrias,  
Succedendo um momento outro momento,  
Aos dias succediam-se outros dias.

E foi assim que nessa fronte pura,  
Como o sulco do vento nas areias,  
Os fios de uma teia azul escura  
Lhe desenharam no semblante as veias.

E o seu noivo? Que importa! Si o mesquinho  
Deixou-a, por amor de outros amores,  
Ella pedia a DEUS que em seu caminho,  
Onde pisasse, so pisasse em flores.

Sem paixões, nem ciumes, resignada,  
Ao amor e ao ódio indiferente,  
Filha do ceu, na terra desterrada,  
So se lembrava de sua patria ausente.

Aproveitando as horas e os minutos,  
Das resas fez todo o labor diario;  
È entre os seus dedos, pela febre enxutos,  
Passa, uma a uma, as contas do rosario.

Ai!... um dia... no branco dormitorio,  
Sentindo que o seu sangue ja não corre,  
Estende a mão de neve para HONORIO...  
È murmurando — *adeus*, sorrindo, morre!...

Levando n'alma a noite da amargura,  
O triste foi, em lágrimas desfeito,  
Debruçar-se na fria sepultura:  
È o mármore, com fúria, aperta ao peito!

JESUS, então, ao seu encontro avança...  
Emquanto o louco, em fogo de desejos,  
Cravando o olhar na sepultura, lança  
Olhares — voluptuosos como beijos!

E disse assim: — “Por esta virgem bella  
Mais que em DEUS, em PYTHÁGORAS eu cria:  
Para ser lousa, no sepulcro della,  
Com que prazer o ceu eu deixaria!

E hei de pedir-te, quando á dor succumba,  
Que me convertas, por favor divino,  
No mármore, ou cypreste desta tumba,  
Companheiro immortal do seu destino.

Meu coração naquellas cinzas quêda,  
Para sempre gelado, nella absorto;  
E que o ceu a ventura me conceda  
De falar-lhe de amor depois de morto!

Deixa-me aqui soffrer, piedoso amigo,  
Na campa della, o meu tormento eterno;  
Quero ciliciar-me no castigo  
Das mais tremendas punições do inferno!”

Calou-se HONORIO: e enquanto elle esperava  
Ouvir o que JESUS responderia,  
Seu sangue o proprio craneo martelava,  
E até bater-lhe o coração se ouvia.

E JESUS respondeu: — “Esperas, cego,  
Ver, nas trevas do horror da sepultura,  
Um raio de alegria e de socego,  
Um oásis de paz e de ventura?”

Transmigra, pois; mas que illudir-se intente  
A punição da culpa, é um delirio:  
Sĩ transmigras, HONORIO, eternamente,  
So tornarás eterno o teu martyrio.

Não verás a ventura em parte alguma,  
So mudarás de dor, mas não de inferno;  
Devora o verme as campas, uma a uma...  
So no ceu é que existe o amor eterno”.

JESUS calou-se: e no éther, fugitivo,  
Voôu nas azas de brilhante essencia,  
Depois que tal fraqueza, compassivo,  
Cobrira com o manto da indulgencia.

— “Volto ao teu lado enfim, mulher querida!”  
HONORIO prorompeu: — “Oh! o ceu queira  
Que, como encheste toda a minha vida,  
Enchas tambem a minha morte inteira!” —

Com vontade tão firme e tão constante,  
So quer morrer; e para a morte corre:  
Vivia, com a vida dessa amante;  
Fiel ao seu amor, com ella morre.

Audaz, enamorado e violento,  
Náufrago, já sem leme, rôta a vella,  
Com o vivo punhal do pensamento  
Se assassinou, para morrer com ella.

E o mármore funéreo contemplando  
Com alma e vida, de alegria louco,  
A densidade pétrea penetrando,  
Foi filtrando-se nella pouco a pouco...

No mármore a sua carne se espremendo,  
Parece que um no outro se fundia:  
Foi-se em mármore a carne convertendo...  
E um quê de carne o mármore sentia!...

O espírito, nos póros derramado,  
Escasso e lento se sumiu primeiro;  
Mas recolhe-se logo, e, concentrado,  
No mármore, por fim, se entorna inteiro.

Um surdo arruído do absorpção se sente,  
Como a bulha da chuva sobre a terra:  
Não fere o coração tão tristemente  
Da sepultura a tampa que se cerra!

Depois que no sarcóphago querido  
Se introduziu de HONORIO o pensamento,  
So se escutou no mármore um gemido...  
E um soluço no ímpeto do vento!...

Assim findou, tão triste e tão obscura,  
Esta historia de amor e magua intensa,  
Encerrando na mesma sepultura  
O criminoso, o crime e a sentença.

Um coveiro, depois, de espanto absorto,  
La viu, de pe, ao despontar do dia,  
Um morto, tão immovel como um morto,  
Sobre um marmor — que vivo parecia!

---





### III

## O CORPO E A ALMA

---

Na eterna luta das duas naturezas, physica e moral, querendo possuir o sepulcro de SOLEDADE, pensa o espirito de HONORIO em voltar de novo á vida, animando o corpo de algum grande homem, e dirige-se em busca dos restos de CARLOS V. O esqueleto do imperador espanta-se á vista de uma alma, e levando o alarma a todos os ámbitos da terra, uma multidão de espectros dão a volta ao mundo, fugindo desse espirito.

**L**ONGE HONORIO da campa idolatrada,  
No côncavo do espaço sem miasmas,  
Confuso o olhar na névoa illimitada,  
Não via mais o rasto dos fantasmas...



Dúvida, vê, medita, e desta sorte,  
No pesadello que em seus olhos brilha,  
Diz: — Quero o ódio que me traga a morte,  
Mas não quero este applauso, que me humilha!

Então, do sol a um raio moribundo,  
Por entre as nuvens que o tufão espalha,  
Vê o negro veu que pesa sobre o mundo,  
Como um manto que sirva de mortalha.

E pensa ,assim, lutando com duresa  
Contra o rigor do seu destino adverso,  
— Querer! Poder! Com gloria e com riqueza,  
Tirava do seu túmulo o Universo! . . .

E ao encerrar na mente consumida  
O mundo do sarcóphago da amante,  
Não se tem visto magua parecida  
A' magua desenhada em seu semblante.

E continuou: — Poder! Subir ao throno  
Da conquista do bem por que deliro!  
Ser sem rival, do seu sepulcro dono!  
Eis a minha ambição, que honro e que admiro!

Sentir! Sonhando proseguir, sedento,  
Com ódio cego e com amor profundo!  
Saber! e apenas com o pensamento  
Queimar, mover, ou illuminar o mundo!

Dai-me (bradou, num gesto de desprezo):  
ATTILA, o teu querer; tua sciencia, DANTE;  
MAHOMET, o teu sentir; teus cofres, CRESO;  
Teu enorme poder, CARLOS DE GANTE! —

È disse mais: — De um Pantheón sagrado  
Penetrarei na solidão escura...  
È voôu para a Espanha, arrebatado  
Nas palpitantes azas da loucura!...

De CARLOS D'AUSTRIA ante o caixão fechado  
O cadaver chamou, que repousava:  
È o cadaver se ergueu, como animado  
Por esse olhar terrivel, que faiscava!

Ao vel-o, o Rei, do Pantheón quebrando  
Essa invejada e invejavel calma,  
— Que é isto? uma alma! — disse, e retumbando  
O éco respondeu: — Que é isto? — uma alma! —

O Rei, iroso; HONORIO, contrafeito,  
Contemplam-se em silencio; mas de súbito,  
Fitando HONORIO, disse-lhe o esqueleto,  
Com gesto superior de Rei a súbdito:

— “ Do Rei D. CARLOS, meu Senhor, ignoro  
Si fui vaso sagrado ou sambenito;  
É o dia em que nasci, que sempre chóro,  
Foi para mim de todos o maldito.

A alma é do corpo a vítima tristonha,  
Numa interior e perennal procella;  
Si ama, é com febre; si adormece, sonha:  
Para o corpo ha *o não ser*, e o ceu para ella.

É o corpo, como a alma a DEUS voava,  
Uma vez que o seu nome leva escripto,  
Da humilde choça a pequenina aldrava  
Consegue abrir da porta do Infinito.

A alma, liberta emfim desta miseria,  
Ante DEUS e ante os homens nos accusa;  
Que é, para as almas puras, a materia  
Do constante peccar a eterna escusa.

Não pode o corpo, sempre exposto á prova,  
Ver como amigo o espectro que o consome;  
Si o homem não respeita nem a cova  
Que a alma purifica, e tem seu nome?!

O Saber! Ignorantes nossos donos,  
Este corpo, que julgam miseravel,  
Matam á força de vigilia e somnos,  
Procurando explicar o inexplicavel.

O Poder e o Possuir! Si o oiro é a fonte  
Do goso rápido e da angustia lenta,  
Uma vez que com elle o homem conte,  
Mais martyrisa ao corpo a alma sedenta.

O Sentir e o Querer! Sua furia é tanta,  
Quando dominam, como as naus nos portos,  
Que em seu louvor o espírito levanta  
Pyrâmides de exércitos de mortos.

E a ambição das almas! Quem podia  
Realisar tão loucas esperanças,  
E essa paixão tão cheia de energia,  
De delirios, de mortes e vinganças?...

Nunca, jamais os corpos fatigados  
Acalmariam ancias tão vehementes,  
Nem que fôssemos feitos e amassados  
Com lavas de vulcões incandescentes! . . .

Foge de mim, que muito hei ja soffrido!  
Como alma humana, si a paixão te cega,  
Procura ser o que não tenha sido . . .  
Que o po, que ja foi po, do po renega! —

Calou-se o espectro; HONORIO, sem tardança,  
Na régia ossada se incarnar intenta:  
É ao esqueleto com ardor se lança,  
Na feroz ambição que o atormenta.

Fugindo de uma escravidão tamanha,  
Com o terror nascido do escarmento,  
Voôu ás culminancias da montanha,  
Como poeira varrida pelo vento.

E o morto, la do píncaro da serra,  
Deixando o proprio túmulo sem calma,  
Sólta, encarando em derredor a terra,  
Este grito de horror: — *La vem uma alma!* —

---

Assim como o — *alerta!* — mysterioso  
Das sentinellas o esquadrão percorre,  
Esse — *La vem uma alma!* — pavoroso  
De cemiterio em cemiterio corre...

Com o terror que a escuridão remonta,  
Julgando-se de uma alma frente a frente,  
Surgindo vão cadáveres sem conta,  
Ao Norte, ao Sul, do Oriente, do Occidente...

Rangendo, e dando estalos, se alevantam  
Mil espectros de pálida ossamenta,  
Como as aves marítimas, que cantam  
Para as bandas brumosas da tormenta.

De um povoado a outro, não corria  
A repetida voz, porque — voava;  
É esse — *La vem uma alma!* — parecia  
A trombeta do Juízo que soava.

Somnâmbulo que corre sem consciencia,  
Quanto mais fogem, tanto mais se irrita;  
Ante o abysmo profundo da demencia  
HONORIO com furor se precipita.

A terra, a eterna mãe, abre o regaço:  
É entre esqueletos mil, nelle mettidos,  
Meios corpos mostrou, de um pe, de um braço,  
Uns furados, os outros bipartidos.

Cruzam na treva os sêres incompletos,  
Aqui, ali, além... ha várias peças:  
Fragmentos de fragmentos de esqueletos,  
Pes sem troncos e troncos sem cabeças...

É ha braços que não sabem o que abraçam,  
Pendurados talvez a um impossivel...  
Erguem-se mãos fechadas, que ameaçam!  
Dedos, que apontam não sei quê de horrivel!...

Uns, pelos calcanhares pendurados,  
Sobre as bôcas abertas das cisternas;  
E ha craneos que, de phósphoro impregnados,  
Clareiam, qual diabólicas lanternas.

Em zigzagues subtis e pavorosos,  
Ossos soltos, rolando em ondas turvas,  
Traçam, como coriscos impetuosos,  
Linhas, em espiraes, rectas e curvas.

Repleto o ar até os quatro ventos  
De esqueletos de mortos espantados,  
Furioso retumbou com os lamentos  
De todos os logares devastados.

Ao passo que os cadáveres fugiam,  
Uns pelo campo, outros pelas esferas,  
Ventos frios e rápidos gemiam  
Entre a algasarra de ululantes feras.

E vôam sempre . . . ora sobre as savanas,  
Ora ante as praias dessa terra cheia  
De rochedos e plantas africanas,  
De palmeirae e de abrasada areia.

De um terramoto no profundo baque  
Se ouve a terra ranger . . . e no mais alto  
Do ceu — ruge um trovão, que lembra o saque  
De mil Romas tomadas por assalto! . . .

E o po, que homem ja foi, surge abundante  
Desses fúnebres campos de batalha,  
Frenética materia, semelhante  
As ígneas lavas que a cratera espalha.



Cruzam os ermos que o *sinoun* devora,  
E vão passando, num galope insano,  
Os paizes do sol, onde se adora  
A trindade cruel do culto indiano.

Da Asia na extensa região se espalma  
A sombra dessa caravana horrível,  
Emquanto o mar guarda aparente calma,  
Muito peor que a cólera terrível.

Por novos climas, pelos sóes doirados,  
No paiz da illusão encantadora,  
Cruzaram no seu vôo embriagados  
Por bosques de frescura tentadora.

E volvem, sobre os páramos do oceano,  
A esse jardim da Europa ardente e fria,  
Que é seis mezes gelado, e o resto do anno  
Palpita em fogo ao sol do Meiodia.

E ao ver de SOLEDADÉ a tumba amada,  
HONORIO esgota do veneno as fezes;  
Tenta seguir, em vão; insiste, nada;  
Mil vezes quiz passar, parou mil vezes.

Comsigo mesmo de lutar cansado,  
Éstacou, mais amante que rendido;  
Pois deu a volta ao mundo o desgraçado,  
Sem nunca dessa campa ter sahido!

Contempla longo tempo a sepultura;  
É como que attrahido pela terra,  
Deixou-se então cahir da enorme altura,  
Como as aguas que brotam numa serra.

É ali torna a cercal-o, fascinado,  
Das chimeras o áureo escaravelho;  
Tem sempre o homem que anda enamorado  
Sonhos de criança em coração de velho!

Apaga emfim com raios esplendentes,  
Po, neblinas, fantasmas e rumores,  
O sol, para quem são indifferentes  
Todos os nossos júbilos e dores.

É de novo, outra vez quietos, ou activos,  
Cobrem o campo e a cidade, absortos,  
Os mortos que não sabem si são vivos...  
É os vivos que não sabem si são mortos...

E como é tão commum da nossa estrella  
Não ser constante o mal, embora eterno,  
Veio o dia por fim dar fim áquella  
Noite atroz, babilônica, do inferno!...

---



#### IV

### A TRANSMIGRAÇÃO A UMA ARVORE

---

HONORIO, voltando ao túmulo de SOLEDADE, detem-se; e, ascendendo na escala da natureza physica, transmigra ao cypreste que sombrêa a sepultura, acreditando novamente na possibilidade de ser feliz.

**Q**UIZ HONORIO seguir, mas... impossivel!  
Intentou novamente, nada... nada!...

Uma attracção immensa, irresistivel,  
Prendia-o sempre ao túmulo da amada.

Quiz fugir do sepulcro impenetravel,  
Mas, ah! que não podia, ou não queria...  
Cegara-se no fogo incomparavel  
Que até mesmo os planetas fundiria.

Imã que o aço attrai, em desespero  
Não sai dali: e assignalando a lousa,  
— “Si não posso (dizia), si não quero...  
Si ainda tenho a dizer-lhe tanta cousa!”

È sombrio o cypreste contemplando  
Foi todos seus desejos e carinhos  
Cuidadoso entre os ramos occultando,  
Como escondem os pássaros seus ninhos.

Corria o vento, e o cypreste ondeava:  
È ao vel-os não sabia o pensamento  
Si o vento é que o cypreste acariciava,  
Ou si o cypreste é que movia o vento.

— “Dest’ árvore (diz elle), anjo divino,  
Resguardando-te as cinzas, vigilante,  
Como um genio invisivel do destino,  
Posso velar por ti a todo o instante.

Verei passar, em íntimas lembranças,  
Horas, dias, semanas, mezes, annos;  
Espalhando saudades e esperanças  
Entre cyprestes, túmulos e arcanos.

O cypreste, alta noite, irá te dando  
Paz, calor e silencio; e todo o dia,  
Nos seus ramos os pássaros cantando,  
Ha de ser tudo amor, luz e harmonia.

E após tanta ternura e magua tanta,  
Tornando-se clemente a dura sorte,  
Ha de tornar perenne, augusta e santa  
Nossa união, sellada pela morte.

Dali (mostra o cypreste, erguendo um braço):  
Occulto no meu triste isolamento,  
Mandar-te-ei, nas vibrações do espaço,  
No último beijo o derradeiro alento!

Coroando-te a fria sepultura,  
Esta árvore, que desce e sobe, ó bella,  
Com meu amor, na sombra e na verdura,  
Será — sobre uma nuvem — uma estrella”.

E sobre a campa, de esperança plenos,  
Os verdes ramos do cypreste viam  
Aquelles olhos de leão serenos,  
Que quasi nunca as pálpebras cobriam.

É transmigrando a uma segunda vida,  
Voando ao cypreste, aos ares arremette...  
Sua sombra, aprumando-se, extendida,  
Como um fluido de luz, nelle se mette.

A alma, então, mais leve do que a aragem,  
Como a brisa nas árvores se enreda...  
Embebida na sombra da ramagem,  
No pavilhão druídico se hospeda!

O rosto, que primeiro vai filtrando  
Por dentro do cypreste, ao ceu levanta:  
Seus braços são dois ramos, e cravando  
Os pes no chão, duas raizes planta.

Nisso, em seiva o seu sangue convertido,  
Circula nos estames e se espalha;  
É assim, dentro do sonho mais querido,  
Mudou o louco apenas de mortalha!

É vai fluindo... Rebentaram bolhas  
Das dores, que hão de alimentar o insecto...  
O corpo é tronco, os dedos são as folhas;  
Tornou-se o homem — vegetal completo.

Mármore tendo sido que vivia,  
Árvore chega a ser, que vive e sente ;  
Converteu-se em cypreste nesse dia,  
Como BIBLIS em fonte antigamente.

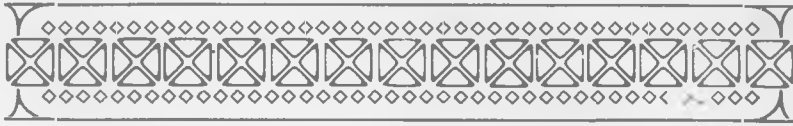
Logo que elle sentiu, sentindo frio,  
Em carne de cypreste ir-se diluindo,  
Pensou que no seu peito, qual rocio,  
O silencio e a paz fossem cahindo.

Mas tudo era illusão: funesta estrella  
Mais augmentou seu immortal cuidado:  
Até na tumba, até ao lado della,  
E até amando assim, é desgraçado!

Pobre HONORIO! em seus loucos desvarios  
Sonhando ser feliz, pensa, innocente,  
Que ja de SOLEDADE os restos frios  
Hão de estar a queimal-o eternamente.







V

## OS VERSOS DOIRADOS

DE PYTHÁGORAS

I

**H**ONRA acima de tudo aos deuses immortaes,  
Segundo manda a lei, conforme os nossos pais.

II

Respeita o juramento e a crença religiosa,  
E honra os genios do bem, cuja luz é radiosa.

III

E respeita tambem os demonios terrestres  
Cuja clara virtude os transfigura em mestres.

## IV

Honrarás pai e mãe, amando-os ternamente;  
E trata com carinho o que for teu parente.

## V

Escolhe por amigo o discreto e o virtuoso,  
E aos seus conselhos presta um culto respeitoso.

## VI

E não lhe queiras mal por faltas commetidas,  
Pois não és o juiz daquelles com quem lidas.

## VII

Sê prudente, sincero, e calmo, e precavido:  
Vencendo tuas paixões, já muito tens vencido.

## VIII

Repelle para longe a gula e a preguiça,  
A luxuria e o ódio, e o mais que o ôrco atiaça.

## IX

Não commetas acção que te pareça injusta,  
Que a nossa consciencia é divindade augusta.

## X

As sementes do bem espalha e planta a esmo;  
Não transijas com os maís, e nem contigo mesmo.

## XI

Sê justo nas acções e em tudo que disseres;  
Ama a infancia, e defende os fracos e as mulheres.

## XII

São incertos os dons da fortuna; somente  
E' verdadeira a dor, e a morte, finalmente.

## XIII

Como os dons da fortuna, assim os bens da sorte  
Acabam muita vez antes de vir a morte.

## XIV

Supporta com valor as mil vicissitudes,  
Que servem de crysol e apuram as virtudes.

## XV

Repara que os que mais padecem a violencia  
Do Destino, são sempre os bons por excellencia.

## XVI

Entre as várias razões do ajuizar da gente,  
Antes de decidir, pensa primeiramente.

## XVII

Si a falsidade erguer-se, arrogante e perjura,  
Sê paciente, supporta, e cede com brandura.

## XVIII

Não te deixes levar por phrases mentirosas,  
E nem pelas acções das pessoas maldosas.

## XIX

Não deliberes nunca antes de ter pensado,  
Que so procede assim quem não é assisado.

## XX

Faze o que não produza um arrependimento,  
Nem digas o que escape ao teu entendimento.

## XXI

Procura aprender tudo o que ensinam os sabios;  
Que as flores da razão perfumem os teus labios.

## XXII

Traze o teu corpo limpo e são, porque a saude  
Do corpo limpo e são é couraça e é virtude.

## XXIII

Vive modestamente e sem luxo: não seja  
A tua ostentação causa de accesa inveja.

## XXIV

Não sejas gastador, nem tão pouco avarento;  
Dá esmolas, mas guarda a sobra do sustento.

## XXV

Nunca pegues no somno antes de ter pensado  
No que durante o dia houveres praticado.

## XXVI

Dirás contigo mesmo: — “Eu fiz isto e aquillo...  
Andei bem? andei mal?” — e dormirás tranquillo.

## XXVII

Vivendo sempre em paz com a propria consciencia,  
Ha de uma luz divina aclarar-te a existencia.

## XXVIII

Não empreendas nada antes de ter pedido  
Aos deuses immortaes o influxo indefinido.

## XXIX

E assim comprehenderás que é la em cima que existe  
O que nos torna alegre, e o que nos deixa triste.

## XXX

A vida universal palpita noite e dia  
Sob a incógnita acção de uma lei de harmonia.

## XXXI

Não tentes conseguir tudo que mais quizeres;  
Contenta-te com ter aquillo que tiveres.

## XXXII

O que deseja mais é o que menos alcança;  
E o proceder assim é de louco, ou criança.

## XXXIII

Os bens nos cercam sempre, e quasi nunca os temos,  
Por seguirmos atraz dos males, que não vemos.



## XXXIV

Os homens não são mais que uns cylindros movidos  
Por um motor que os prende e enrosca-os, comprimidos.

## XXXV

Na ignorancia fatal, que disfarça o perigo,  
Cada um é de si proprio o maior inimigo.

## XXXVI

Ó JÚPITER potente! ó pai da humanidade!  
Porque a deixas exposta a tanta iniquidade?...

## XXXVII

Alenta-me o saber que somos descendentes  
Dos deuses immortaes, que espalham as sementes

## XXXVIII

Da árvore do bem e do mal, cujos fructos  
So conseguem colher os que são mais argutos.

## XXXIX

È desvendam-se assim os mysterios profundos,  
Do ínfimo grão d'areia aos insondaveis mundos!

## XL

Abstendo-te da carne, o corpo terás forte,  
Para que ames a vida e não temas a morte.

## XLI

È ao deixarmos um dia o lôdo material,  
Viveremos no Além — como um deus immortal!

---

FIM DO POEMA

NOTAS





## NOTAS

---

**E**STE poema, rigorosamente esotérico, foi idealizado e levado á realisação em 1910. Mas, como em poesias anteriores do autor ha algumas que se prendem á mesma corrente de idéas, são ellas agora retiradas dos livros em que foram dadas á publicidade, devendo ficar definitivamente pertencendo ao poema *Terra Incógnita*.

Dos alludidos trabalhos destaca-se em primeiro lugar, na ordem chronológica, *O Infinito*, de 1877, extrahido do volume dos *Novos Ideaes*; seguem-se os tercetos a *Jesus-Christo*, do livro dos *Prismas e Vibrações*, 1882; *A Estrella dos Magos*, do volume de *Poesias e Poemas*, de 1888; *A alma e a pedra. A-o-u-m*, e *Vibrações do Cérebro*, do livro intitulado *Campo-Santo*, de 1902, onde ha tambem a seguinte nota:

“Esta composição e as de páginas 323 e 331 (*A alma e a pedra e Vibrações do Cérebro*), são ligeiros ensaios da grande Poesia do Mysterio, emanada da intensidade lyrica que se evola dos phenômenos do Occultismo, vasto campo de investigação que se abre ao mysticismo dos modernos buriladores do verso.

Guiado por cerebrações poderosas, como as de AKSAKOF, OCHOROWIEZ, WILLIAM CROOKS e RUSSEL WALLACE, que deram

à philosophia e ás sciencias exactas uma nova orientação, em esphera muito mais alta e luminosa, procurei apenas demonstrar que o poeta pode tomar a vanguarda na legião dos philósofos e scientistas, dispondo de um elemento de incontestavel superioridade, — a faculdade de transmittir o sentimento pelos processos da suggestão.

Coube-me a satisfação de ser o primeiro, no Brasil, a descerrar as portas diamantinas desse palacio maravilhoso, até hoje inteiramente fechado a todos os nossos poetas, convidando-os assim a penetrar commigo dentro desses salões povoados de visões e fantasmas, debruçando-nos dessas janellas abertas para a escuridão, na esperança de ver ao mysterioso clarão de raios sem luz, ou antes, á serena claridade dos eternos fluidos astraes, a imagem puramente espiritual de DEUS”.

Isto escrevi eu antes de me aprofundar nos sagrados arcanos da theosophia, o que demonstra haver em mim a mais pronunciada tendencia para esta ordem de estudos, de que finalmente surge agora este poema, sem precedentes em nenhuma literatura.

As poesias *Suprema Synthese*, de 1903; *Eros*, de 1915, e os fragmentos do *Drama Universal* de CAMPOAMOR, de 1907, adaptam-se perfeitamente ao conjunto da obra de 1910, como si fossem contas engastadas no fio de um so collar, ou para melhor dizer, de um so rosario.

#### CASAS MAL ASSOMBRADAS (página 209)

Ha o destino das habitações, como ha o dos individuos, das ruas, das cidade, das nações e dos planetas. Assim tambem todas as coisas na natureza têm a sua cor, mesmo as invisiveis, como os pensamentos e os sentimentos.

O intelligente e inditoso imperador MAXIMILIANO conta, nas suas *Memorias*, que as cidades por onde viajou deixaram no seu espirito a impressão de uma cor: — Venesa era cor de rosa;

Cádiz, branca; Granada, verde; Constantinopla, doirada: *uma cidade de ouro*, diz elle.

A habitação que me inspirou estes versos é a mesma celebrada nos de CASTRO ALVES sob o título de *Bôa Vista*, a sua saudosa e infeliz casa paterna. Uma das minhas estrophes reproduz a imagem d'elle, comparando o torreão do velho edificio ao pescoço de granito de um cysne mergulhado no infinito... Tudo mais é original.

HERMES TRISMEGISTO — (página 267)

Lê-se na última estrophe da página anterior, que *o deus Tóth, o Trismegisto hermético, ministro e sacerdote, foi quem primeiro explicou os Mystérios do Ceu*. Os gregos davam ao deus egypcio ΤÓΤΗ o nome de HERMES TRIMEGISTO, que quer dizer *tres vezes sabio*.

ZOROASTRO — (página 269)

Os clássicos da antiguidade attribuem a fundação da religião dos magos (*mazdeismo*) a ZOROASTRO, tambem denominado ZARATHUSTRA, ignorando-se até hoje si existiu realmente ou si o seu nome é um simples epônimo, como HOMERO, e até mesmo SHAKSPEARE.

O primeiro verso da página 270 allude aos sacerdotes indios que constituíam a primeira das castas hereditarias da sociedade brahmânica. O brahmanismo, como se sabe, succedeu ao vedismo, onde já BRAHM, o deus supremo e impessoal, se encarnou successivamente em BRAHMA, deus pessoal, VISNU e CIVÁ, que constituem a trindade indiana, chamada *Trimurti*.

MOYSÉS — (página 271)

Esta ligeira synthese não me permittiu, ao tratar do moralista e legislador dos hebreus, mostrar nelle, o *Mosché*, o guerreiro, historiador, estadista e poeta; nem tão pouco alludir á romântica

lenda do seu nascimento, que deu assumpto a uma das bellas poesias de VICTOR HUGO.

PYTHÁGORAS — (página 273)

Vide a nota intitulada *Versos Doirados*, á página 399.

SÓCRATES — (página 277)

Este grande vulto da humanidade fundou escola philosophica sem nunca escrever a sua doutrina, que popularisou em predica constante, sendo as suas idéas assimiladas por discípulos da grandeza de ANTHISTENES e PLATÃO. Além de guerreiro, na juventude, SÓCRATES tambem se occupou na mocidade de astronomia e de physica, isto é, de astrologia e de alchimia.

PLATÃO (página 283)

Vide a nota que colloquei antecipadamente á página 285.

ARISTÓTELES — (página 287)

Encarregado por FELIPPE da Macedonia da educação de seu filho ALEXANDRE, percorreu com elle a Asia e fixou residencia em Athenas, onde fundou a scola *peripatética*. Suas principaes obras são: *O Organon*, a *Historia dos animaes*, os tratados de *Rhetórica*, *Poética*, *Moral*, *Política* e *Physica*, além do que escreveu sobre *O Ceu*, *Os Meteoros*, a *Metaphysica*, etc.

A ANNUNCIAÇÃO — (página 291)

A terceira estrophe da página 292 lembra esta quadrinha do cancionero popular:

E' tão verdade, Maria,  
Trazer-te no coração,  
Que o teu nome principia  
Na palma da minha mão.



OS VERSOS DOTRADOS (*Pág. 383 a 391*)

Os historiadores distinguem duas personalidades em PYTHÁGORAS, uma verdadeira e outra ideal. A primeira é a do poeta, philósopho e mathematico grego, nascido em Samos no século VI antes de J. C., partidario da metempsychose, que professava a moral mais elevada e obrigava os seus discípulos a viver austeramente.

Nada se sabe de positivo quanto ás suas descobertas astronômicas e mathematicas, attribuindo-se-lhe comtudo a invenção da tábua de multiplicação, mais conhecida por *Tábua de Pythagoras*, que apresenta os productos dos dez números simples (um a dez, pois todos os outros são compostos), multiplicado cada um por um outro, tendo no ponto de intersecção das columnas o producto dos números, pelos quaes começa cada uma dellas.

A' personalidade ideal do fundador da seita dos *pythagóricos*, de problemática existencia, emprestam as lendas, atravez da garôa dos tempos, as aventuras mais extraordinarias e as invenções mais bizarras, como o ainda hoje mysterioso algorithm; a singular demonstração do problema do quadrado da hypotenusa; as relações entre o comprimento da corda e os sons que ella produz; a base da theoria dos isoperímetros e dos corpos regulares; a mudança da agua em ar, e reciprocamente do ar em agua; a opacidade da lua; a identidade da estrella matutina com a vespertina; a sphericidade do sol; a harmonia das evoluções astraes; a relação das massas e das distancias; posição obliqua e a mobilidade da terra, por toda parte habitada e gosando de uma igual distribuição de luz e sombra; presentindo o verdadeiro systema do mundo, tantos séculos depois demonstrado por COPÉRNICO; adivinhando as duas forças oppostas imprimidas aos corpos celestes, que lhes determinam um movimento curvilinio, que so tambem muito mais tarde HERSCHEL veio a reconhecer como a mais transcendente verdade universal; além da antecipada percepção da futura theoria newtoniana das cores, etc.

PYTHÁGORAS apparece neste livro exclusivamente sob o duplo aspecto de poeta e philósopho, que transparece na sua poesia synthética e saturada de uma philosophia que reflecte a irradiação dos mythos levantinos e as sombras crepusculares da severa moral, que ainda hoje permanece sobranceira na alma occidental.

O meu trabalho de interpretação e preferencia, traduzindo-o verso a verso, (\*) obedece ao natural impulso de uma similaridade pessoal, que vibra no íntimo do meu sêr, desde os sonhos juvenis embalados na rêde dos raciocínios, que ja transluzem nos livros dos *Novos Ideaes e Prismas e Vibrações* até o poetar desembaraçado e sempre mystico do volume do *Campo-Santo*.

PYTHÁGORAS suggeriu-me idéas novas com as suas velhas idéas. Elle partiu do Oriente para o Occidente; eu volto-me de ca para la; e ambos, nímiamente aristocratas, mas sem o pretencioso dogmatismo sacerdotal, na simples preocupação de expor, sem impor, repellimos as fábulas vulgares, pintando a verdade, nua e crua, soerguendo-se do poço dos preconceitos, empunhando o límpido espelho da razão humana focalizando o influxo divino.

Ambos nos afastamos tanto das superstições do vulgo como da condescendencia democrática dos philósophos jonios, no intuito constante e altruista de fazer sahir a sciencia da noite do mysterio, envolta na túnica diáfana dos symbolos; sendo, tanto para elle como para mim, a natureza e a linguagem o symbolo de um ideal invisível que se mostra ás almas por meio da ordem physica.

Foi elle quem me ensinou que o desdobraimento da Creação procura em tudo desatar os espíritos dos laços da dualidade, isto é, da materia, chegando-se a esse fim por meio do abandono da sciencia official, na investigação theosóphica das Sciencias Occultas, que nos ensinam a encaminhar a multiplicidade para a unidade, com o poderoso auxilio dos números, que são os symbolos de todas as coisas, cujo systema e significação elle aprendera com os Magos da Chaldéa.

---

Os *Versos Dourados* de PYTHÁGORAS, traduzidos em prosa em todas as literaturas so aqui apparecem pela primeira vez em verso.—M. T.

Sendo inacessível aos nossos sentidos a essência divina, empregamos para caracterisá-la, não a imagem dos sentidos, mas a do espírito. Tudo que se mostra, ou se manifesta, é o resultado de uma energia interior; e essa energia é o desdobramento de uma força. As forças provêm de *números virtuaes*. Existem invólucros invisíveis, porque cada sêr tem um principio e uma fôrma; mas o principio e a fôrma são dois extremos, que nunca se poderiam unir em um determinado élo que os aproximara: e esta é a função do número.

É como as leis e as qualidades dos sêres estão traçadas no seu exterior, as leis e as qualidades das coisas invisíveis estão escriptas sobre a invisibilidade do números. Assim como, por meio dos sentidos, recebemos impressões na sensibilidade do pensamento, também recebemos, no espírito, as idéas lúcidas da posição e do destino invisível das coisas, tanto quanto possamos interpretá-las.

O ideal, como qualquer corpo physico, tem fôrma, medida e peso, cuja posição só é visível á intelligencia. Os verdadeiros números do mundo são infinitos, mas a sua marcha é simples e directa, repousando sobre os números fundamentaes (um a dez). A sua infinidade repousa sobre o número infinito e indeterminado dos sêres em si, havendo números para o fundo e a substancia dos sêres, para o seu effeito e duração, e até para os seus graus evolutivos (a progressão).

Todas as coisas são pontos onde os raios da luz divina espandam reflexos para o passado e para o futuro. É assim se explica o podermos lembrar o que já se passou, e prever o que se ha de passar. Para isto existem números reunidos, que manifestam as diferentes posições e intimas relações das causas com os effeitos. Ha também números centraes e números de circumferencia, como os ha falsos e impuros. É apesar dessa infinita reunião, a idéa em si é simples, porque tudo ascende desde a primeira cifra fundamental até á dezena.

“O mundo (diz PYTHÁGORAS) é um todo harmoniosamente disposto, constituído de dez grandes corpos, os quaes se movem em torno de um centro, que é o sol; e os homens, sob o influxo das estrellas, têm alguma alliança com a Divindade. Entre esta e nós estão os demonios, que exercem uma grande influencia sobre os sonhos e sobre as adivinhações.. A alma emana do fogo central, move-se por si mesma e dá movimento a todas as coisas, permanecendo imperecível”.

E' indubitavel que os textos de DIÓGENES, de PLUTARCO, de PLATÃO e principalmente de PYTHÁGORAS, não chegaram a nós literalmente vertidos e fielmente interpretados, pois naturalmente a mão dos apologistas do christianismo modificou-os ao sabor dos novos principios religiosos e doutrinaarios.—“E os fragmentos (diz DACIER), attribuidos aos seus discípulos ARCHYTAS e OCELO de Leucania, além de serem apócryphos, encerram numerosas falsidades”.

Assim que o christianismo *esotérico* se tornou mais orthodoxo, o christianismo *exotérico*, despojado da sua autoridade transcendente, teve necessidade de apoiar-se no que havia de melhor e mais aceitavel no passado, para consubstanciar em si a verdade absoluta. Eis porque ja se disse que PLATÃO, por uma graça especial do proprio DEUS, foi um christão antes de CHRISTO, chegando-se mesmo a outorgar-lhe o sobrenome de *Divino*.

Desde que as labaredas do incendio da bibliotheca de Alexandria consumiram a correspondencia entre SÉNECA e S.PAULO; e tambem ARISTÓTELES foi considerado christão, não é de estranhar que os primeiros doutores da igreja se apoiassem nos grandes pensadores da antiguidade; e si o nome de PYTHÁGORAS não é dos mais citados, isto facilmente se explica, pois a sua philosophia foi o primeiro systema universal da Grecia.

Além disso, elle não se limitou a fazer uma theoria philosophica, mas procurou explicar as leis de harmonia que regem o Universo, tanto para a satisfação das aspirações mentaes como para a serenidade do sentimento religioso, legando-nos assim a

---

primeira theologia científica occidental, saturada ainda dos mysteriosos fluidos da Doutrina Secreta do Oriente.

Como não chegasse até DEUS a explicação que DEMÓCRITO e LEUCIPPO deram de todas as coisas, nem attingisse ao ceu a idealidade de PLATÃO, e muito menos o encyclopedismo de ARISTÓTELES, so elle, PYTHÁGORAS, o verdadeiro precursor do christianismo, conseguiu organizar um systema lógico, racional e irreductivel; sendo por isto abandonado capciosamente, não como um protesto, mas pelo temor de que se confrontasse a systematisação theológica com as suas afinidades pythagóricas.

Estas divagações são opportunas, porque é no philósopho que mostro aqui o poeta dos *Versos Doirados*, o mais philósopho de todos os poetas e o mais poeta de todos os philósophos. Além deste poema synthético, PYTHÁGORAS tambem escreveu o dos *Symbolos*, no estylo dos *Proverbios* de SALOMÃO, prégando em ambos os rigorosos preceitos da mais transcendente moral.

Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1915.

Mucio Teixeira.

---

## ERRATA

Página	Linha	LÊ-SE	LÊA-SE
17	31	<i>Carnaval Fúnebre</i>	<i>Terra Incógnita</i>
21	7	nos <i>seis</i> puros	nos seios puros
42	5	apparentendo	apparentando
51	19	brilhannte	brilhante
75	4-5	familia	familia
83	15	iinestimaveis	inestimaveis
89	27	1836	1846
94	20	Biographi	Biographia
121	17	sobresaltado	sobresalteado
278	11	implacaveis e invejosos,	invejosos e implacaveis,
308	16	Amem.	Amém.
309	2	Floresceu nos annos	Floresceu até o anno 97
352	10	os arruídos	Os arruídos
374	1	<i>sinoun</i>	<i>simoun</i>

# INDICE

---

Mucio Teixeira e seus livros .....	7
Génesis espiritual .....	117

## LIVRO PRIMEIRO

### CONTEMPLAÇÃO E CRENÇA

Evocação .....	125
Kratu .....	131
O hierophante .....	133
A viagem da vida .....	137
O Karma .....	139
Esperando o Messias .....	145
Suprema synthese .....	147
Evolução .....	151
A vida em Júpiter .....	153
O Infinito .....	159
O Parabrahm .....	161
A razão de ser da vida .....	165
A alma e a pedra .....	167
A unidade do todo .....	171
O Lotus Branco .....	173
A formação dos astros .....	177

O ser e o não ser .....	179
A-o-u-m .....	183
O filho pródigo .....	187
O devanear do theósopho .....	189
A origem das coisas .....	195
Vibrações do cérebro .....	197
O Nirvana .....	203
Círculo vicioso .....	205
Casas mal assombradas .....	209
Ad vitam æternam .....	219
Eros .....	221
Palmarum lentus in umbra .....	225
Musa tácita .....	229
Epigraphe glosada .....	233

## MONÓLOGOS ETERNOS:

I—O rouxinol .....	235
II—O oceano .....	239
III—Os vulcões .....	241
IV—Os insectos .....	242
V—O peixe .....	244
VI—O réptil .....	245
VII—As plantas .....	246
VIII—Os mineraes .....	249
IX—O elephante .....	251
X—O leão .....	253
XI—A aguia .....	255
XII—O poeta .....	258

## LIVRO SEGUNDO

## OS PRECURSORES

Scenário .....	265
Hermes Trismegisto .....	267
Zoroastro .....	269
Moysés .....	271
Pythágoras .....	273
Sócrates .....	277



---

Platão .....	283
Aristóteles .....	287
A anunciação do Messias ( <i>Ave, Maria</i> ) .....	291
A estrella dos Magos .....	295
Jesus Christo .....	297
Padre Nosso .....	305
Apollonio de Tyana .....	309
Hypatia .....	321
Paracelso .....	335
Cornelio Agrippa .....	343
Helena Blavatsky .....	347

## LIVRO TERCEIRO

## IRRADIAÇÕES

A apparição .....	351
A transmigração a um mármore .....	357
O corpo e a alma .....	305
A transmigração a uma árvore .....	377
Os Versos Doirados .....	383

## NOTAS

Notas .....	395
-------------	-----

---

100 10 124

Toda a corresponden-  
cia relativa a este livro  
deve ser dirigida ao  
Barão de Mucio Pei-  
xeira, á rua Paraná  
N. 100, estação do  
Encantado, Rio de  
Janeiro.. ♦ ♦ ♦ ♦

